DAVID PINHEIRO SILVA

PÚBLICO

Relatório de Estágio

Prof. Doutor Hélder Bastos (orientação)

UNIVERSIDADE DO PORTO

Mestrado em Ciências da Comunicação, Setembro de 2011

ÍNDICE:

I – NOTA DO AUTOR: 1

II – INTRODUÇÃO: 2

METODOLOGIA: 3

III - EMPRESA: 4

JORNALISMO E IMPRENSA: 6

ROTINAS DE REDACÇÃO: 7

IV – TRABALHO EFECTUADO: 8

V – REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS 20

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS: 21

VI - BIBLIOGRAFIA 23

VII - ANEXOS 23

I – NOTA DO AUTOR:

Este relatório de estágio relata a passagem do aluno David Pinheiro Silva, do Mestrado de Ciências da Comunicação, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pela redacção do Público, no Porto, entidade que o acolheu durante três meses e uma semana.

Fica a nota de agradecimento a todos os intervenientes sem os quais não teria sido possível cumprir este estágio curricular. Um obrigado ao orientador Professor Doutor Hélder Bastos pelo acompanhamento académico, assim como aos editores Álvaro Vieira, Abel Coentrão e Amílcar Correia, que me guiaram dentro da redacção do jornal Público.

II – INTRODUÇÃO:

"Falar sobre um campo é dar um nome a esse microcosmos, que também é um universo social, mas um universo social livre de um certo número de constrangimentos que caracterizam o universo social abrangente, um universo que se encontra um pouco à parte, dotado das suas próprias leis, do seu próprio nomos, da sua própria ordem de funcionar, sem ser completamente independente de leis externas." (Bourdieu 2005: 33)

O sociólogo francês Pierre Bourdieu explica desta forma, em The Political Field, The Social Science Field, and Journalistic Field, o conceito de uma sociedade, dentro de uma sociedade maior. No seu estudo, Bourdieu teoriza sobre campos dentro de campos (culturais), mais concretamente sobre o universo do "escritor" dentro do universo maior "campo literário". De acordo com o autor, cada campo ou cada universo tem as suas próprias regras e maneira de funcionar, mas não deixam de estar inseridos num plano maior, estando por isso também sujeitos às leis desse plano.

O mesmo acontece com o jornalista, que sendo um universo em si próprio obedece às leis de uma redacção. A redacção por sua vez , sendo também um universo muito particular em si, com maneiras muito próprias de funcionamento, não deixa de estar inserida num plano maior, numa sociedade, tendo por isso que obedecer a determinadas leis uniformes a todos os campos e sectores.

Este relatório destina-se a relatar a experiência de um estágio curricular na redacção do Público (no Porto), através de uma perspectiva etnográfica, de forma a tirar conclusões sobre as noções de redacção e produção noticiosa na imprensa moderna, tendo em conta implicações culturais e sociais no trabalho diário de um jornalista. Alguns dos conceitos que serão explorados neste relatório incluem as rotinas jornalísticas, o capital intelectual, agenda mediática, contacto com fontes, valor notícia, pack journalism, agências noticiosas e os novos media na imprensa. Tudo isto experienciado em primeira mão, ao longo de sensivelmente três meses de estágio. No fim segue-se uma pequena reflexão sobre os resultados do trabalho realizado, assim como algumas considerações pessoais do estagiário relativamente ao estágio e ao Público.

METODOLOGIA:

Segundo Born (2005: 15) observou em estudos dos media e não só, o trabalho de campo etnográfico tem sido "*uma ferramenta afiada para discernir não apenas as qualidades unificadoras mas também as divisões, os limites, e os conflitos da sociedade objecto de estudo*".

No que toca ao conhecimento sobre jornalismo, produção noticiosa e cultura das redacções, a pesquisa etnográfica tem contribuído muito desde os anos 70, providenciando descrições detalhadas das formas de vida e de trabalho dos jornalistas. Etnógrafos de produção de notícias têm mapeado as culturas das redacções e os processos de produção dessas redacções, clarificando as rotinas, valores e práticas profissionais dos jornalistas (Wahl – Jorgensen, 2010: 21)

O mesmo se passa neste relatório onde a metodologia empregue - etnografia- dá lugar ao relato de alguns momentos chave deste estágio, que decorreu entre o dia 2 de Novembro de 2010 e o dia 7 de Fevereiro de 2011, na redacção do jornal Público, no Porto. O relato dará lugar a reflexões teóricas com bases bibliográficas, sobre temas relacionados com a produção noticiosa.

III - EMPRESA:

O jornal Público foi dado pela primeira vez à estampa a 5 de Março de 1990, embora a fundação da Público, Comunicação Social S.A. tenha acontecido cinco meses antes, a 31 de Outubro de 1989. É parte integrante da Sonaecom, sub-holding do grupo Sonae, propriedade do empresário Belmiro de Azevedo.

Dispõe de uma redacção principal em Lisboa e tem uma delegação situada na cidade do Porto – com primazia aos níveis redactorial, financeiro e administrativo da redacção na capital portuguesa - , além de uma série de correspondentes posicionados por todo o território nacional e em locais internacionais de importante fluxo noticioso, como são os casos de Bruxelas e Washington. No dia 22 de Setembro de 1995 iniciou a publicação online diária da sua edição impressa em versão integral, colocando-se assim no mapa digital dos meios de comunicação nacionais. Note-se que o público.pt tem um estatuto editorial próprio, criado em Março de 2000.

O jornal, na sua versão impressa, primou desde sempre pela grande variedade de temáticas, suplementos e cadernos publicados, onde ao longo dos anos se destacaram: P2, Público Imobiliário, Inimigo Público, Ípsilon, Fugas, Pública e, em breve, lançará o P3.

O segundo caderno do jornal é o P2, onde são publicados temas relacionados com a sociedade, artes e cultura em formato de reportagem ou entrevistas. Para além das bandas desenhadas Bartoon de Luís Afonso e a série Calvin & Hobbes, de de Bill Watterson, também publica os habituais jogos (palavras cruzadas) e a agenda cultural e programação de televisão do dia. Foi impresso pela primeira vez a 12 de Fevereiro de 2007.

À quarta-feira uma análise do mercado imobiliário é publicado no suplemento Público Imobiliário.

Às sextas é publicado o Inimigo Público, um suplemento de humor que sai com o jornal, sendo uma parceria entre o Público, Produções Fictícias e o Estado de Sítio. No mesmo dia sai o Ípsilon, o suplemento de artes do jornal.

Existe também um suplemento (em formato revista) de viagens, prazeres e motores chamado Fugas, publicado com o jornal aos sábados.

Ao sábado é importante dizer que o P2 é substituído pelo Cidades que aborda temas de acordo com a área geográfica de publicação (Lisboa / Porto).

Ao domingo sai ainda a Pública, a revista principal do jornal Público.

Para além destes suportes físicos, o Público existe também na Internet, tendo apostado no online desde 1999 com serviço autónomo de notícias, actualizadas várias vezes por dia. A partir de 2001 começou a publicar a edição impressa em PDF, reservada a assinantes.

- De todos estes constituintes, foi no primeiro caderno ou P1, e mais precisamente na secção Local, que a produção noticiosa e restante experiência de redacção foi mais substancial durante este estágio, embora tenham existido algumas excepções que serão apontadas mais à frente no relatório –

O Público, do qual a actual directora é Bárbara Reis, foi liderado durante 11 anos por José Manuel Fernandes, que sucedeu a Nicolau Santos, Francisco Sarsfield Cabral e Vicente Jorge Silva. Uma das marcas que distinguiu o jornal ao longo dos anos foi a criação do Provedor do Leitor, cuja função é receber e analisar as críticas, comentários e sugestões dos leitores e defender o interesse superior da comunidade. O Provedor do Leitor também conta com estatuto próprio. Já ocuparam esta função Jorge Wemans, Joaquim Fidalgo, Joaquim Furtado, Rui Araújo e Joaquim Vieira, sendo actualmente desempenhada por José Queirós.

O Estatuto Editorial do Público prevê a criação de "um jornal de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica", inserindo-se numa "tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e a exploração mercantil da matéria informativa". Segundo o mesmo documento, a "aposta numa informação diversificada, abrangendo os mais variados campos de actividade e correspondendo às motivações e interesses de um público plural" são exigências do próprio jornal, sendo "responsável apenas perante os leitores, numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares".

Para além da habitual regência pelo Código Deontológico dos Jornalistas, os profissionais deste meio têm um prontuário de Princípio e Normas de Conduta Profissional sob o qual devem orientar a sua actividade. Destacam-se linhas directivas sobre temas como: os direitos dos outros, os direitos dos acusados, o exercício do jornalismo e a sua responsabilidade, relações com as fontes, conflitos de interesse, recusa de favores, anonimato e off-the-record, entre outros.

No seguimento do apresentado no início deste capítulo, o Público enquadra-se num contexto económico e social bastante preciso, por via de ser propriedade da Sonaecom, sub-holding do grupo Sonae. A Sonaecom, que se apresenta como uma empresa orientada para os serviços de comunicações, inovadora e com responsabilidade social, detém, para além do Público, a Optimus, empresa de telecomunicações, e empresas de software e sistemas de informação, como a Bizdirect, a Mainroad, a WeDo e a Saphety. Criada em 1994, a Sonaecom é detida em parte pela France Telecom. No Relatório e Contas referente ao ano de 2009, a empresa apresentou, na área de media, uma baixa de 9,8 % na circulação paga do Público em comparação com o ano anterior, uma diminuição de 11 colaboradores e a subida de 0,1 % na quota de mercado, posicionando-se naquele momento nos 4,4 %.

Pelo seu lado, a um nível já mais abrangente, a Sonae faz do retalho alimentar a sua área de negócio preferencial, mas detém empresas na área do material informático, calçado, vestuário, equipamento vestuário e electrodomésticos.

JORNALISMO E IMPRENSA:

Jornalismo é a prática de recolher, redigir, editar e publicar informações sobre acontecimentos, na maioria dos casos, relativos à actualidade. A actividade tem origem na antiguidade mas não foi até ao século XIV, com a invenção da imprensa de caracteres móveis, de Johannes Gutenberg, em 1456, que o conceito começou a ganhar o significado que viria a ter hoje. Os primeiros jornais apareceram na Europa no século XVII. Em 1641 surgiu o primeiro jornal português, a Gazeta da Restauração. O primeiro jornal diário, o Daily Courant, apareceu em 1702 e continuou a ser publicado durante mais de trinta anos.

Com Industrialização, nos séculos XVIII e XIX, os líderes políticos começaram a perceber que os jornais podiam ser uma ferramenta de poder, um meio para influenciar a população, e começaram a surgir os jornais de facções e partidos políticos. No século XIX, os empresários descobriram o potencial comercial do jornalismo como negócio lucrativo e surgiram as primeiras publicações parecidas com os diários actuais. Nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer e William Randolph Hearst fundaram grandes jornais destinados às massas. Em 1833, foi fundado o New York Sun, o primeiro jornal

"popular" vendido a um centavo de dólar. Da mesma forma já tinha surgido o The Guardian, em 1821 que se tornou num dos jornais mais vendidos no Reino Unido até hoje. Por esta altura os jornais europeus e americanos começaram a organizar os seus processos de produção num espaço físico designado de redacção, com disposições similares às que existem nas organizações dos média de hoje (Wahl-Jorgensen, 2006: 24).

ROTINAS DE REDACÇÃO:

Como se irá perceber ao longo deste relatório, a produção noticiosa dentro de uma redacção como a do Público, ou outro jornal desta dimensão, assemelha-se a uma linha de montagem. Isto significa que a matéria prima que compõe um jornal diário, passa por vários intermediários que a tratam de acordo com a sua função: agenda, jornalista, editor, gráfico.

Na redacção do Público, no Porto, o director Manuel de Carvalho e os editores do nacional, têm uma reunião todas os dias, pelas 11 da manhã, com a redacção de Lisboa, para decidirem quais os temas que serão tratados ao longo do dia. Os editores do Local chegam por volta das 11:30 e as 12:00, para decidir o que será feito e por quem, caso não tenham marcado serviços no dia anterior. Os jornalistas chegam à redacção entre as 9:00 e as 11:00 caso não tenham serviços marcados para a manhã. Quando chegam à redacção, a primeira coisa que os jornalistas fazem é ler as notícias do dia, no Público e nos outros jornais diários, dando também uma vista de olhos pelo Online. O serviço vem quase sempre da agenda e é marcado pelo editor, em acordo com o jornalista que o vai cobrir. Uma vez pronto, o texto passa para as mãos do editor que o vai modificar conforme achar necessário. Depois de editado, o texto é recambiado para os gráficos que o vão colocar na representação gráfica digital do que será o jornal no dia seguinte. As rotinas de um estagiário na redacção são semelhantes à de qualquer jornalista. Para além disso deve fazer as rondas (liga para a Protecção Civil, GNR, PSP, Bombeiros) na eventualidade de ter acontecido alguma coisa que de outra forma não se saberia. Claro que nem tudo é a preto e branco, especialmente numa redacção como a do Público, onde a iniciativa é encorajada. Nas próximas páginas estas rotinas e outras vão exemplificar o percurso de três meses de um estagiário na redacção, e as particularidades deste universo.

IV – TRABALHO EFECTUADO:

Começou no dia 2 de Novembro de 2010, uma terça-feira, visto que no dia anterior tinha sido feriado. Na semana anterior o estagiário encontrou-se com o director adjunto do Público, Manuel Carvalho, para uma reunião sobre o estágio que estava prestes a começar. Aí foi-lhe explicado que iria escrever para o Local, mas que conforme a sua apetência e iniciativa poderia também escrever sobre outros assuntos, para outras secções.

Terça-feira, às 11 da manhã o estagiário chegou à redacção (conforme as indicações do director). Um dos jornalistas, e editor do Local, Abel Coentrão encarregou-se de fazer as apresentações na redacção e indicou a estação de trabalho, onde o estagiário foi introduzido ao sistema informático da redacção. Mais tarde outro dos editores do Local, Álvaro Vieira explicou que seria com ele quem os estagiários lidariam normalmente, visto ser ele o "orientador" dos estagiários dentro da redacção, o que não impedia que se lidasse também tanto com o Abel Coentrão, ou outro dos editores do Local, Amílcar Correia.

O que saltou primeiro à vista foi sem duvida a disposição dos jornalistas na redacção, de acordo com as respectivas secções para as quais estavam destacados, normalmente sempre perto uns dos outros (jornalistas de cultura estavam todos em estações de trabalho paralelas, o mesmo com os editores e a secção de desporto). É importante dizer que a invenção da redacção coincidiu com o aparecimento de uma imprensa profissionalizada e comercialmente viável, fortemente competitiva e dependente de publicidade (Tuchman 1978:19). Desta forma, a redacção nasce com a ideia de uma cultura profissional com práticas de trabalho únicas, o que transpareceu desde cedo no estágio.

No primeiro dia de estágio, o estagiário foi destacado para fazer uma notícia sobre um assalto ao Gaiashopping. Acabou por ser publicada como uma breve (pequena coluna de aproximadamente 500 caracteres), mas serviu para um primeiro contacto com as rotinas jornalísticas que fariam parte do quotidiano de trabalho nos próximos meses: contacto com a agenda e fontes. Como Gaye Tuchman diz no livro "Making News" (1971), jornalismo é uma pratica rotineira de hábitos civilizacionais, sendo que o jornalista está limitado no acesso á informação quanto ao tempo (ritmo diário no caso deste estágio), e ao território (Porto, neste caso). Uma das tarefas rotineiras do estagiário

são as rondas: ligar para fontes institucionais (GNR, bombeiros, PSP, etc) e saber se aconteceu alguma coisa que se enquadre no valor notícia.

Valor notícia:

Em 1965, Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge enumeraram os factores que determinam se um acontecimento merece ser ou não publicado, também conhecido por critério de noticiabilidade.

De acordo com o impacto

- **Amplitude**: quanto maior o número de pessoas envolvidas maior a probabilidade de o acontecimento ser noticiado. Mas há que contar com o factor da proximidade.
- **Frequência**: quanto menor for a duração da ocorrência menor probabilidade terá de ser relatada em notícia. Por exemplo um terramoto terá mais relevo noticioso do que as medidas tomadas após o mesmo. Acontecimentos de longa duração, como por exemplo a viagem de satélites pelo espaço, têm fraca cobertura. Os acontecimentos rotineiros podem ser noticiados se tiverem interesse para muita gente como os jogos de futebol do fim-de-semana e as reuniões parlamentares, por exemplo. Já o facto rotineiro de os comboios chegarem sempre a horas não tem valor-notícia.

- **Negatividade**: as más notícias vendem mais do que boas notícias. Além disso, são mais fáceis de noticiar do que boas notícias. Entre as más notícias há uma certa hierarquia na preferência do leitor, telespectador, ouvinte ou internauta. O noticiário envolvendo morte tem grande impacto junto à audiência. As mortes por assassinato são as que mais comovem e, consequentemente, atraem o público. Depois vêm as notícias de mortes por atentados, guerras e conflitos diversos, acidentes aéreos, automobilísticos ou por qualquer meio de transporte e as tragédias naturais. A morte de celebridades, trágica ou não, também têm grande poder de atracção da audiência por parte dos meios de comunicação.

- **Carácter inesperado**: Um evento totalmente inesperado terá mais impacto do que um evento agendado e previsto. Como o jornalista Charles Anderson Dana

escreveu: "Se um cão mordeu um homem, isso não é notícia. Mas se um homem morder um cão, isso já é notícia!"

- **Clareza**: eventos cujas implicações sejam claras vendem mais jornais do que aquelas que estão abertas a mais do que uma interpretação, ou cujo entendimento exija conhecimentos acerca dos antecedentes ou contexto desse mesmo evento.

De acordo com a empatia com a audiência

- **Personalização**: as ocorrências que possam ser retratadas como acções de indivíduos atraem um maior interesse humano pela história relatada pelo jornalista.
- **Significado**: este critério está relacionado com a proximidade geográfica e cultural que a ocorrência possa ou não ter para o leitor. Notícias sobre acontecimentos, pessoas e interesses mais próximos do leitor terão um maior significado para ele..

- **Referência a países de elite**: notícias relacionadas com países mais poderosos têm maior destaque do que notícias relativas a países de menor expressão política e económica.

- **Referência a pessoas que integram a elite**: histórias acercas de pessoas ricas, poderosas, influentes e famosas recebem uma maior cobertura noticiosa.

De acordo com o pragmatismo da cobertura mediática

- **Consonância**: segundo este critério os jornalistas têm esquemas mentais em que prevêem que determinado acontecimento pode vir a ocorrer. Esta previsão tem a ver com a experiência e rotina do jornalista que escolhe o que é noticiável em consonância com aquilo que tinha antevisto. Assim se uma ocorrência corresponder às expectativas do jornalista terá maiores probabilidades de ser publicada.

- **Continuidade**: uma vez publicada, a notícia ganha uma certa inércia. Como a história já foi tornada pública existe uma maior clareza acerca da mesma. Isto cria um acompanhamento da notícia até que outras notícias mais importantes em agenda obriguem a deixar cair o assunto.

- **Composição**: o arranjo das notícias por rubricas, secções ou cadernos deve ser equilibrado. Se um acontecimento internacional for importante terá de competir com o valor de outros acontecimentos internacionais para ocupar um determinado espaço na secção dedicada a este tipo de notícias. Assim a importância de uma história não depende apenas do seu valor-notícia mas também do seu valor face a outras histórias.

No caso da notícia do Gaiashopping a informação já estava na agenda, mas o contacto com a fonte foi necessário para confirmar e tentar conseguir mais pormenores sobre o acontecimento.

Gradualmente o nível de confiança que os editores depositavam no estagiário foi aumentando, sendo que durante o primeiro mês de revelou-se algo difícil, uma vez que dois outros estagiários se encontravam na redacção há já dois meses. Era mais fácil para os editores confiar-lhes tarefas uma vez que já sabiam do que eram capazes.

De ressalvar é o facto de a iniciativa própria ser cultivada na redacção do Público. O estagiário pode propor temas em vez de esperar que eles lhe cheguem todos os dias da agenda. Ainda antes do fim do primeiro mês, o estagiário teve a oportunidade de fazer dois trabalhos desta forma. O primeiro foi um vídeo para o Público Online sobre a Japan Week, realizada em Novembro na cidade do Porto. O segundo trata-se da notícia em anexo "Vila do Conde vai ter um Estaleiro para incentivar criação na música e no cinema", publicada Quinta-Feira, dia 2 de Dezembro, como abertura do Local. Todo o processo, desde tomar conhecimento do assunto, contacto com a fonte e redacção do texto foi feito exclusivamente pelo estagiário, depois dos editores aprovarem o tema. O processo começou com a recepção de um mail de um colega de faculdade que agora faz parte da comunicação do Curtas Vila do Conde. Procedeu-se ao contacto por telefone para a requisição do contacto de Dario Oliveira, organizador do Curtas de Vila do Conde e do novo evento, o Estaleiro. Foi marcada uma entrevista, na Casa do Ló, que fica aproximadamente a cinco minutos da redacção do Público. Uma

vez lá, falou-se do novo projecto. Uma conversa entre fonte e jornalista com todas as particularidades que uma conversa destas pode ter. Segundo Herbert Gans (1979:116) "a relação entre as fontes e o jornalismo assemelha-se a uma dança, pois as fontes procuram acesso aos jornalistas e os jornalistas procuram acesso às fontes". Pode-se dizer por isto que se trata de uma relação de interesse mútuo, sendo que o jornalista está interessado em obter informação, enquanto a fonte está interessada em dar determinada informação, com determinado enquadramento. As fontes de informação são pessoas, instituições e organismos de todo o tipo que facilitam a informação de que os meios de comunicação, e neste caso, eu (como estagiário/jornalista), necessitam para elaborar a notícia (Fontcuberta, 1999:46).

A publicação da notícia sobre o Estaleiro marcou um ponto no estágio. A partir daqui a confiança dos editores no trabalho do estagiário aumentou consideravelmente. Foi um momento chave para o desenvolvimento do capital intelectual do estagiário dentro da redacção, ou capital jornalístico:

Capital jornalístico: capital jornalístico pode ser definido como um capital simbólico dentro do campo jornalístico, tal como o capital académico seria o capital simbólico dentro do campo académico (Bourdieu, 2005). Capital jornalístico está ligado ao conceito de reconhecimento pelos pares. Ter muito capital jornalístico significa ter o respeito dos colegas de profissão e uma posição definida dentro da hierarquia de uma redacção.

Numa redacção como a do Público, o capital jornalístico dos editores é o mais forte, seguido dos restantes jornalistas e por fim, o estagiário, que tem apenas três meses (estágio curricular) para se fazer valer. sendo que dentro da redacção o capital de cada um é determinado por experiência profissional (anos de trabalho, por exemplo), posição organizacional formal (editor, repórter, etc), editorias (política, sociedade, economia, etc) prémios jornalísticos, etc., torna-se quase impossível para um estagiário ganhar ou estabelecer um capital dentro da redacção. A melhor maneira de o fazer é se duvida através dos trabalhos auto propostos, incursões em jornalismo de investigação, não se limitado às rotinas e aos trabalhos assegurados pela agenda.

Foi desta forma que o estagiário tentou guiar os três meses passados na redacção. Para além dos exemplos anteriores, surgiram outras oportunidades tal como a reportagem "Jazz no Porto – Há pouco palcos para os muitos músicos da cidade", publicada Domingo, dia 16 de Janeiro, no caderno Cidades. Como o habitual primeiro

veio a apresentação da ideia, desta vez ao editor Abel Coentrão que estava encarregue pela edição do Cidades e a partir daí o estagiário continuou o processo de pesquisa de informação, apoiado sobretudo no contacto com fontes, determinante na elaboração deste conteúdo noticioso. Na reportagem sobre o Jazz na cidade do Porto, as fontes contactadas foram pessoas dentro da cena jazzística portuense e nacional como se pode constatar na reportagem em anexo. Quanto à lista de fontes com que foram contactadas para este efeito, o jornalista Sérgio Andrade, da secção de Cultura da redacção do Porto, revelou-se uma ajuda valiosa graças à sua carteira de contactos. Um trabalho desta dimensão demorou cerca de quatro dias a ser feito, desde a concepção do tema até à redacção do texto, sendo que a ideia foi apresentada no fim de tarde de uma Terça-Feira, ao editor, e ao fim de Sexta-Feira o texto estava pronto para ser editado. A maior parte dos depoimentos foram recolhidos através de entrevistas feitas por telefone. a única saída da redacção neste caso foi para ir ao então recém aberto Tribeca, para incluir uma pequena reportagem sobre o espaço e falar com os proprietários sobre o tema.

Foi curioso notar umas semanas mais tarde o mesmo tema, tratado de forma semelhante, publicado na revista Time Out Porto. Coincidência ou não, pode-se interpretar este facto como prova de que um jornal pode fazer a agenda de outros meios de comunicação, de forma espontânea.

Por esta altura já faziam dois meses desde entrada do estagiário para a redacção do Público. Com o tempo, tanto a confiança dos editores, como o à vontade do estagiário dentro do jornal foram aumentando. As tarefas eram quase diárias agora e a vontade de arriscar também era maior. Foi então que se deu a decisão de levar para a frente o trabalho mais ambicioso do estágio, uma reportagem sobre Hipsters, uma nova geração urbana com representatividade global, à qual Portugal também não escapou.

Este trabalho foi feito entre as tarefas diárias que iam surgindo, tempos mortos na redacção e até em casa. O tema foi proposto em meados de Dezembro, tanto ao Álvaro como ao Abel e ao Amílcar, para sondar o que achavam da ideia. De início foi um pouco difícil "vender" o tema visto que se trata de um fenómeno muito particular, que tem a ver com hábitos sociais, de comportamento e de consumo de uma geração mais jovem, que à primeira vista parece apenas "excêntrica", mas na realidade representa um fenómeno social de peso, que começa a ser objecto de estudo. Resumindo o fenómeno com a introdução do artigo em anexo:

"*O hipster é aquele amigo que ouve a banda tão alternativa "que ainda não existe", que vê os fi lmes mais obscuros, que veste a camisola da avó com calças de ganga de marca e que trabalha (com sorte, nos tempos que correm) nas artes ou numa área cultural. Quando não está a trabalhar, ensaia com a banda ou, mais fácil, é DJ. É o responsável pela invasão dos festivais de Verão por calças justas, Ray-Bans coloridos e óculos de massa a evocar os marrões, é o performer da estética corta-ecola que tem como ferramenta a apropriação de elementos vintage e retro. Isto, associado ao culto de uma atitude irónica e uma rejeição categórica de tudo o que é mainstream, define de uma maneira geral o hipster, que, se começou por querer ser diferente, acabou por se tornar em mais uma forma de cultura urbana — mais uma cena ou onda que integra a actual cultura juvenil e que está inexoravelmente a ser absorvida por esse mainstream que tanto abomina.*" [1]

Após a pesquisa sobre o tema, apoiada em artigos online, por exemplo, da Time Out Nova Iorque, da Times e do New York Times, iniciou-se a construção do texto. Mas isto apenas não era o suficiente, era necessário revelar alguma proximidade no tema, provando que o fenómeno também existe em Portugal. De ressalvar que neste caso em particular, o estagiário encontrava-se completamente sozinho, uma vez que ninguém na redacção tinha ouvido falar sequer da palavra hipster, assim que a construção e orientação do tema foi completamente autónoma, pelo menos numa primeira fase.

Para o efeito de proximidade o estagiário decidiu contactar os editores dos únicos meios de comunicação familiarizados com o conceito de hipster. André Gomes, do website de critica musical Bodyspace, e Nuno Miranda, editor da revista Vice portuguesa: "*De todas as publicações sobre cultura alternativa, a revista Vice foi adoptada pela cultura hipster como bíblia. Nascida no Canadá em 1994 como a fanzine Voice of Montreal, em 1996 tornava-se na conhecida Vice. Em 1999 migrou para Nova Iorque e desde então criou edições para mais de 20 países. Como não há religião sem fiéis, se a chegada da edição portuguesa da Vice em Outubro de 2009 serviu para alguma coisa, foi para confirmar a existência de mercado hipster em Portugal.*" (anexo pág.) Após as entrevistas foi iniciada a construção do texto que, segundo o editor Amílcar Correia, tinha potencial para ser publicado ou no P2 ou na revista Pública,

[1] Anexo, página 50

ambas as publicações com edição na redacção de Lisboa. Em meados de Janeiro, Joana Amaral Cardoso, uma das editoras da revista Pública, revelou interesse no tema. e contactou o estagiário para comunicar que já há algum tempo tinha planeado fazer uma estória sobre o tema dos hipsters e sugeriu que se juntassem esforços para um artigo na revista semanal do Público.

Assim começou uma construção bipartida que seria posteriormente "cozida" num só texto. Segundo Rogério Santos (Santos, 1997) existe uma "cultura de redacção" que delimita o grau de autonomia do jornalista. Neste caso tratou-se de duas pessoas em redacções diferentes a trabalhar no mesmo artigo, comunicando quase todos os dias por telefone ou e-mail. Isto delimitou ainda mais a autonomia, tanto a do estagiário como a da jornalista, em Lisboa. Perto do fim, antes de o estagiário enviar a respectiva parte, foi necessário reescrever o texto. O único tempo livre que surgiu para realizar esta tarefa foi à noite, por isso o estagiário acabou por pernoitar na redacção para terminar o texto. desta forma é fácil perceber que uma redacção nunca fecha e que o jornalista não tem necessariamente um horário fixo. O resultado final é um artigo noticioso, mas também é uma construção social da realidade de acordo com as molduras ideológicas do jornalista (de dois, neste caso), como defende Gaye Tuchman.

"Hipsters sem causa" foi terminado durante a penúltima semana de estágio (publicado dia 30 de Janeiro). Nessa mesma semana, e na seguinte, o estagiário fez parte da cobertura das 13 inaugurações em 13 dias em Vila Nova de Gaia, para a secção Local.

Estas últimas semanas foram, de certa forma, a prova dos três como estagiário numa redacção de um jornal: saídas da redacção, com o conhecimento de que para onde o estagiário ia, tinha a obrigação de apanhar a informação e decifrar a notícia, sem takes de agências, e sem background às vezes. Deadlines diários: ir ao campo, apanhar a informação, decifrar o que é a notícia, voltar para a redacção e escrever. Foi curioso estar em campo e reparar que a noção de **pack journalism** ou "jornalismo de manada" é uma realidade bastante comum. No dia 1 de Fevereiro o estgiário foi a a uma conferência de imprensa com Luís Filipe Menezes, que resultou na notícia (presente em anexo, pág. 57) "Luís Filipe Menezes classifica de "ridículo" fecho da repartição de Finanças dos Carvalhos", publicada dia 2 de Fevereiro no Local. Uma vez lá, os jornalistas estavam todos juntos, a trocar comentários sobre o que se estava a dizer e a tirar apontamentos. No fim da conferência trocavam ideias uns com os outros sobre o que iriam escrever, e ali, entre jornalistas de diferentes meios de comunicação, decidia-

se o que ia ser a notícia. A mesma notícia para todos. Ou seja, repórteres iniciam discursos entre eles, nos quais as notícias são definidas consensualmente (Bertrand, 2003; Gans, 1980; Tuchman, 1978). O processo e consequências estão de acordo com o que Shaw classificou de jornalismo consensual (Biagi, 2007), e o que Crouse (1972) chamou de pack journalism ou jornalismo de manada. O que tem valor notícia e porquê, bem como a interpretação em causa, é uma questão de decisão colectiva, que resulta por sua vez num produto indiferencial, contextualizado de acordo com os constrangimentos ideológicos e normativos impostos pelos donos e directores, e aprendidos pelos jornalistas (Schudson, 2005; Glitin, 2003). Esta definição consensual das notícias elimina a necessidade de um exercício custoso de iniciativa na procura de perspectivas alternativas. Desta forma é assegurada uma conformidade de conteúdos com editoria implícita de gestão e detenção, com níveis subordinados de gatekeeping que funcionam como intermediários entre a minoria dominante, relativamente à pirâmide de produção noticiosa, e o consumidor final do produto, o público civil (Baran, S., e Davis, D., 2003).

Esta última notícia, como a maior parte das realizadas ao longo do estágio, não foi auto proposta, mas sim atribuída de acordo com a agenda. Quando os editores chegavam à redacção destacavam algo que estava marcado na agenda e atribuíam esse acontecimento aos jornalistas, que por sua vez iriam ao campo cobrir e fazer a notícia. Também podia ser marcado no dia anterior antes do fim do dia de trabalho ou até, como também chegou a acontecer, já depois de o jornalista (ou estagiário, neste caso) ter saído da redacção. Quando algo tinha hora marcada para a manhã do dia seguinte, por exemplo, era frequente o estagiário receber uma chamada da redacção entre as 19:00 e as 21:00 para marcar o serviço. Relativamente à **agenda mediática**, de acordo com a **Teoria do Agendamento** de McCombs e Shaw (1972), ela é o produto de compromissos ideológicos partilhados por elites económicas, incluindo os media e as forças políticas e sociais dominantes, cujas influencias limitam outras possibilidades temáticas. Onde, como consequência, a agenda mediática emerge como um produto noticioso homogeneizado, ela torna-se a agenda pública, reflectindo uma confluência hegemónica de interesses externos e internos, tipificados pelas posições conservadoras daqueles que ocupam um status sénior na hierarquia do gatekeeping, e subscrita como uma maneira de eficácia organizacional e auto preservação, pelos que funcionam em papeis subordinados de gatekeeping (Tunstall, 2008; Gans, 2003; Gitlin, 2003; Tuchman, 1978). As notícias insulares e paroquiais são caracterizado por uma

esterilidade temática e ideológica, impondo aos consumidores um conjunto restrito de filtros cognitivos e perceptivos. A consequente privação de informação dá origem a condições em que o controlo social por influência mediática, pode ser ligado a uma ignorância plural, uma espiral de silêncio, e um discurso público "dissecado" (Noelle-Neumann, 1984; Gans, 1979).

A maneira que jornais como o Público encontram para, de certa maneira, fugir a esta agenda mediática homogénea é através de suplementos como a Pública ou cadernos como o P2 ou o Cidades, onde, como o estagiário teve a oportunidade de experienciar, há lugar para a publicação de temas fora da agenda mediática, propostos inclusive por jornalistas (ou estagiários) mesmo com um nível de gatekeeping subordinado. Assim foi o caso da reportagem sobre o Jazz no Porto, no Cidades, ou o artigo sobre os Hipsters, na Pública, durante este estágio.

No entanto, é irrefutável a homogeneidade dos conteúdos nos media. Esta realidade é perpetuada não só pela agenda mediática, mas também por outros factores como a dependência dos meios de comunicação pelos serviços das **agências noticiosas**. Durante o estágio, muita da informação sobre a notícia que o estagiário iria escrever encontrava-se nos takes da agência Lusa. Por vezes a dependência da informação do take era tão forte que as notícias podiam ser assinadas com o nome do jornalista e "com Lusa", como aconteceu no estágio pelo menos em duas ocasiões. A primeira foi em Novembro, com a notícia "*Bombeiros Profissionais acusam Câmara do Porto de ignorar "insegurança" na cidade*", publicada Sexta-feira, dia 19, no Local. O mesmo aconteceu com a notícia "*Governo disse que não fecharia a 3ª repartição de Gaia*", publicada na Quinta-Feira dia 16 de Dezembro, também no Local.

Outros meios de comunicação terão utilizado os mesmo takes da Lusa para estas e outras notícias, logo é fácil de adivinhar a homogeneidade no tratamento destes assuntos. Desta forma, os serviços de agências noticiosas são uma espada de dois gumes para o jornalista. É uma maneira fidedigna de adquirir a informação mas vai tornar o texto inevitavelmente homogéneo ao discurso de outros jornalistas, de outros meios de comunicação. Segundo Rantanen e Boyd-Barret (2004) e Gitlin (2003), as agências contribuem para a homogeneização das notícias. como exemplo notável desta realidade, a Associated Press detem um monopólio de influência nos Estados Unidos da América, assim como uma presença extensa internacionalmente (Tunstall, 2008). A AP distribui 24 horas por dia, sete dias por semana, o mesmo conteúdo para 1,700 diários, semanários e jornais universitários norte americanos, 5000 rádios e estações de

televisão, 330 broadcasters internacionais e 8500 subscritores internacionais em 121 países, e faz isto em cinco idiomas diferentes: inglês, alemão, holandês, francês e espanhol. Com a Reuters, outra grande agência noticiosa internacional, as circunstâncias são similares, ela própria colocando-se "entre as fontes noticiosas mais lidas... alcançando milhões". A subscrição destes serviços é determinada pelo imperativo do lucro. Fica mais barato a um órgão de comunicação assegurar conteúdos noticiosos, em vez de instalar redacções ou correspondentes por todo o mundo. Se nos Estados Unidos, a Associated Press detém um monopólio de influência no que toca à informação, o mesmo acontece em Portugal com a agência Lusa, ainda que a uma escala mais pequena.

Uma particularidade da redacção do Público no Porto é o facto de não existir (pelo menos durante os três meses de estágio) uma secção de ciência/tecnologia, temas que, no jornal, seriam publicados na editoria Mundo. Acontece que, apenas em Lisboa é que estes temas são tratados, o que tornou impossível qualquer investida da minha parte nestes campos. Pelo menos duas vezes foram propostos trabalhos sobre estas temáticas, mas como os editores destes assuntos se encontravam apenas na redacção de Lisboa, o estagiário tinha que ligar por telefone, o que tornava a comunicação muito mais impessoal (especialmente quando se trata de um estagiário de outra redacção, a propor temas que, por natureza não são os mais fáceis de explicar). O mesmo aconteceu para qualquer trabalho direccionado para o Online, como foi o caso dos dois vídeos realizados durante o estágio, sendo que apenas um foi publicado. O primeiro foi realizado em Novembro de 2010 na Semana do Japão, ou Japan Week, que teve lugar no Porto, e publicado no dia 23 do mesmo mês. Consistiu na captação e edição de uma série de imagens captadas no Palácio de Cristal, com vários exemplos e rituais da cultura nipónica, desde a cerimónia do chá até à caligrafia. O segundo vídeo foi realizado um mês mais tarde, dia 22 de Dezembro, sobre uma festa de Natal alternativa chamada Matanças, que decorreu pela terceira vez na Casa Viva, no Porto. No entanto, este último vídeo não foi publicado.

Embora o contacto com o Online não tenha sido muito, acabou por existir nestas duas ocasiões (apesar de o segundo vídeo não ter sido publicado, houve contacto com os responsáveis pelo Online, em Lisboa.), que foram elucidativas quanto à exigência deste tipo de conteúdos nos tempos que correm, e quanto à importância dos novos media para um jornal como o Público. A Internet veio inequivocamente mudar o jornalismo e a forma de comunicar com o público. Concretamente, veio alterar, por exemplo, a

natureza do conteúdo noticioso que está a mudar inexoravelmente devido à emergência de tecnologia dos novos media. Também veio mudar a maneira como os jornalistas fazem o seu trabalho, que foram introduzidos a novas ferramentas na era digital. As próprias estruturas da redacção e da indústria dos media estão a passar por transformações fundamentais. Por fim, os novos media estão a mudar as relações entre organizações noticiosas, jornalistas, e os seus múltiplos públicos: audiências, fontes, competidores, publicitários e governos.

Segundo John Vernon Pavlik (Pavlik, 2001), os desenvolvimentos nos **novos media** estão a dar lugar ao desenvolvimento de novas técnicas de narrativa, que permitem um conteúdo noticioso mais contextualizado e navegável. Este tipo de narrativa abrange um espectro maior de modalidades de comunicação (texto, imagens, vídeo, gráficos); escrita não linear ou hipermedia, maior costumização e maior envolvimento da audiência. As notícias vão-se tornando cada vez mais fluídas. Quando se trata de médias analógicos, a estória é normalmente publicada por um jornal ou coberta pelo telejornal da noite e talvez actualizada no dia seguinte. Hoje, as notícias estão num estado de fluxo continuo. Actualizações são feitas continuamente. Quando se está num website, a primeira coisa que o utilizador faz é ver quando foi actualizado pela ultima vez e, se isso não aconteceu recentemente, o utilizador continua para um website diferente. Mas a Internet não veio mudar apenas a maneira como as notícias são consumidas. Os novos média vieram mudar o próprio trabalho dos jornalistas. Ferramentas digitais para recolha de notícias, comunicação, edição e produção tornaram-se incrivelmente portáteis, poderosas e mais económicas, o que dá aos jornalistas em campo a mesma capacidade de um jornalista que esteja numa redacção central. Estas ferramentas permitem ao jornalistas, técnicas cada vez mais eficientes para encontrar fontes diversas e seguras, confirmar factos e cumprir deadlines.

V – REFLEXÃO SOBRE OS RESULTADOS

Depois do período passado na redacção do Público a desempenhar tarefas diárias de um jornalista, conclui-se que a prestação do estagiário foi positiva. Graças às 33 peças publicadas, um vídeo, e restantes tarefas não assinadas que não entram em anexo (redacção quase diária de destaques para o P2 e ÍPSILON), o estagiário entrou e adaptou-se ao ritmo de trabalho esperado por qualquer jornalista de uma redacção como a do Público.

De ressalvar que algumas notícias/reportagem, por natureza, demoravam mais tempo a realizar do que as hardnews do dia-a-dia. Desta forma, este tipo de estágio não deve ser encarado numa perspectiva quantitativa relativamente à produção, mas sim qualitativa. Pegando em dois exemplos que claramente saltam à vista em relação ao resto do trabalho realizado, percebe-se que o estagiário não se limitou a efectuar o trabalho que era esperado, envolvendo-se em mais do que uma vez num processo criativo e de iniciativa própria. Foi o caso da reportagem sobre o Jazz na cidade do Porto e, mais uma vez, a reportagem sobre os Hipsters. Temas que marcaram pela diferença, sendo que a reportagem do Jazz originou outras do género em meios de comunicação como a Time Out Porto. Quanto à reportagem sobre Hipsters, o tema nunca tinha sido abordado pelos média antes em Portugal. Foi a primeira vez que a palavra saiu da Internet para ser explorada como fenómeno sócio-cultural num órgão de comunicação tradicional português. Este trabalho já foi citado por exemplo no blogue Indústrias Culturais, do professor da Universidade Católica de Lisboa, Rogério Santos, num post sobre o mesmo tema: "*A revista Pública dedicou atenção a este tema na edição de 30 de Janeiro último, com assinatura de David Pinheiro Silva e Joana Amaral Cardoso. Para os autores, o hipster é um estilo, uma escolha de visual com base cultural, em que capitalismo, internet, música e moda ajudam a definir o estilo da cultura jovem actual. O texto ajuda a compor o que a Wikipedia não engloba...*" [2]

Foi neste sentido que o estagiário tentou guiar o seu percurso dentro do jornal, ou seja, através da realização de trabalhos que marcassem pela diferença e não só pelo volume de notícias produzidas, que acabariam por não ter grande repercussão. Assim é possível interpretar os três meses de trabalho na redacção do Público como um período bem aproveitado, com o sentido de missão cumprida por parte do estagiário.

[2] http://industrias-culturais.hypotheses.org/13135

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Como foi dito no inicio deste relatório, a redacção de um jornal é um universo próprio, dotado das suas próprias leis, com uma maneira própria de funcionar, mas que não é completamente independente de leis externas. Ao longo dos três meses, esta realidade foi confirmada empiricamente através do desempenho jornalístico do estagiário, na redacção do Público, no Porto.

O estágio realizado neste órgão de comunicação foi proveitoso no sentido em que permitiu ao estagiário a oportunidade de realizar todas as tarefas competentes a um jornalista numa redacção como a do Público. A responsabilidade depositada no estagiário e o incentivo à auto iniciativa foram grandes pontos a favor do desenvolvimento do estagiário dentro da redacção.

No entanto, apontam-se algumas falhas, facilitadas talvez pela dimensão de um meio de comunicação como o jornal Público. Um dos problemas é o facto de não haver, pelo menos na altura, uma unidade dedicada ao Online, no Porto. O facto de a redacção do Online ser apenas em Lisboa tornou muito difícil qualquer investida neste campo, o que à partida desencorajava propostas para esta plataforma. Não seria preciso uma redacção no sentido de uma equipa inteira, no Porto, dedicada ao Online (até porque já existe uma equipa em Lisboa), mas alguém com poder de decisão nesta redacção facilitaria a contribuição de estagiários, jornalistas ou colaboradores, do Porto, na produção de conteúdos para o Online.

Outro lapso é o facto de não existir ninguém, na redacção do Porto, destacado para temas de ciência e tecnologia (mais uma vez, durante o período de estágio). Em parte ligado ao facto de não existir ninguém directamente ligado ao Online na redacção, pois muitas notícias relacionadas com estes temas enquadram-se melhor num plataforma online por variadas razões como, por exemplo, o público alvo, em princípio mais habituado ao consumo destes conteúdos através da Internet.

No entanto, é importante ressalvar que estes "buracos" estavam em vias de ser colmatados com o projecto P3, na altura (Novembro de 2010 – Fevereiro de 2011) ainda em desenvolvimento. Este novo suplemento do Público trata-se precisamente de uma plataforma online, com redacção no Porto, destinado a um público alvo jovem. Desta maneira os conteúdos teriam também um forte pendor tecnológico, de maneiras que é compreensível a redacção do Público, do Porto, não ter investido na altura numa

solução mais modesta (ainda que imediata) uma vez que seria algo provisório e possivelmente pouco produtiva.

Com este relatório pretendeu-se a dar a conhecer um pouco da realidade deste órgão de comunicação, ao nível do seu funcionamento interno, tendo como observador participante o estagiário e o objecto de estudo a redacção do Público, no Porto. As tarefas realizadas dentro e fora da redacção incluíram tudo aquilo que se pode esperar da actividade profissional de um jornalista dentro de uma redacção de um jornal diário, com excepção da edição, reservada, claro está, aos editores.

Estes três meses foram por isso pertinentes na formação e integração do aluno de Mestrado em Ciências da Comunicação na vida profissional, pelas práticas jornalísticas realizadas. O trabalho individual e em equipa, a capacidade de proposta, de pesquisa e de execução do trabalho que lhe era designado e, sobretudo, o cumprimento de deadlines diários, traduz-se num conhecimento adquirido muito valioso para o aluno a começar agora a sua carreira profissional.

VI – BIBLIOGRAFIA

BARAN, S., e DAVIS, D. *Mass Communication Theory: Foundations, ferment, and future*. Belmont, CA: Thomson/Wadsworth. 2003

BERTRAND, J., (Ed). *An Arsenal for Democracy: Media accountability systems*. Hampton Press: Cresskill, NJ. 2003

BIAGI, S. Media/Impact: *An introduction to mass media*. Thomson Wadsworth: Belmont, CA. 2007.

BOURDIEU, Pierre. *The Political Field, the Social Science Field, and Journalistic Field*. Pp. 29-47 em: *Bourdieu and the Journalistic Field*, R.Benson e E. Neveu (Eds.). Cambridge CB2 1 UR, UK: Polity Press. 2005

CROUSE, T. *The boys on the bus: Riding with the campaign press corps*. Random House, New York. 1972

FONTCUBERTA, Mar de. *A notícia: pistas para compreender o mundo*. Editorial Notícias, Lisboa. 1999

GANS, Herbert J. (1979). *Deciding What's News. A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Northwestern University Press, Evanston, 2004.

GITLIN, T. *The whole world is watching: mass media in making and unmaking of the new left*. Berkley: University of California Press. 2003

MCCOMBS, M., e SHAW, D. The *agenda setting function of mass media*. Public Opinion Quarterly, 36. 1972.

NOELLE-NEUMANN, E. *The spiral of silence: Public Opinion – Our social skin*. University of Chicago, Chicago. 1984.

PAVLIK, John Vernon. *Journalism and New Media*. Columbia University Press, New York. 2001.

RANTANEN, T., e OLIVER, B. *Global and national news agencies: The unstable nexus*, em: A. deBeer, & Merrill, J., (Eds.), *Global journalism: Topical Systems and media systems*. Pearson, Boston. 2004.

SANTOS, Rogério. *A Negociação entre Jornalistas e Fontes*. Minerva Editora, Coimbra. 1997.

SHUDSON, M. *Four approaches to the sociology of news*, em: J. Curran, & M. Gurevitch (Eds.), *Mass media and society*. Hodder Arnold, London. 2005.

TUCHMAN, G. *Making News: A study in the construction of reality*. The Free Press, London. 1978.

TUNSTALL, J. Stars, Status, Mobility, em D. Lazere (Ed), *American media e mass culture: a left perspective*. University of California Press. Berkeley, CA. 1987.

WAHL-JORGENSEN, Karin. *News Production, Ethnography, and Power*, em: BIRD, S.E. (Ed.), *The Anthropology of News & Journalism*. Global Perspectives. Indiana University Press, Bloomington. 2010. Pp21-24

VII - ANEXOS

Local

Leia o blogue de Paulo Frias sobre o Second Life blogs.publico.pt/discursosdooutromundo

Porto Subway Love promove "reencontro" no Facebook após troca de olhares no metro

A ideia agradou a 256 pessoas, que já se inscreveram no grupo. Mas ainda ninguém as contactou

● A rede social Facebook tem um grupo português, denominado Porto Subway Love, que pretende facilitar o reencontro entre pessoas que "cruzaram olhares românticos" no metro do Porto e querem voltar a ver-se.

O Porto Subway Love, criado há menos de um mês no Facebook, reúne já mais de 250 membros. "Afinal, a quem nunca lhe aconteceu apaixonar-se (ainda que de forma platónica) ou trocar olhares no metro? É algo extremamente comum", disse ontem à Lusa o criador deste grupo, Daniel Micaelo-Rosa, de 28 anos. Daniel explicou que este Porto Subway Love foi criado com o objectivo de facilitar este tipo de encontros, que nascem de trocas de olhares, sorrisos e cumplicidades, num trajecto percorrido no metro do Porto. Para Daniel, é "supercomum" acontecer essa troca de olhares, mas sucede amiúde que um dos dois acaba por sair uma estação mais cedo.

A ideia - revela Daniel Micaelo-Rosa - não é original e surgiu na sequência de uma conversa informal que teve com um casal desconhecido oriundo de Berlim, Alemanha, em casa de uns amigos lisboetas. Daniel apercebeu-se, então, de que "há pessoas que acedem a uma espécie de fórum no *site* do metro de Berlim para tentar encontrar aquela pessoa de quem não conseguiram tirar os olhos mas que a timidez os impediu de falar com ela".

Assim, considerando que "o Facebook é uma ferramenta interessante", Daniel pôs mãos à obra e criou este Porto Subway Love, onde "é possível reencontrar a tal pessoa que saiu numa qualquer estação anterior



Metro do Porto apoia iniciativa

e que, apesar de ter sido vista fugazmente, sorriu". Segundo revela, o grupo conta já com 256 membros, mas ainda não houve qualquer procura. "Talvez o Facebook seja demasiado expositivo", considerou Daniel Micaelo-Rosa.

Adiantou ainda que, para se dar início a essa tentativa de procura, os membros têm que especificá-la na secção "*Discussions*", mediante a abertura de um tópico.

Daniel admitiu que "já passou por situações dessas e que nunca conseguiu recuperar a tal pessoa" e defendeu que a própria empresa Metro do Porto devia pegar nesta ideia e replicar o que o metro de Berlim faz. "São iniciativas incomuns, são como uma espécie de lufada de ar fresco nos dias que correm", sustentou.

Contactada pela Lusa, fonte da Metro do Porto afirmou que tem havido uma troca de contactos no Facebook com o grupo, tendo a página da empresa promovido já a ligação para o Porto Subway Love. "Iniciativas engraçadas como a do Daniel são bem-vindas", disse.

Assalto ousado no GaiaShopping

David Pinheiro Silva

● Uma ourivesaria do GaiaShopping foi alvo de um assalto ousado, na madrugada de segunda-feira, que rendeu aos ladrões cerca de 500 mil euros.

Pelo menos dois homens infiltraram-se numa loja vizinha que se encontrava em obras e entaipada para aí abrirem um buraco na cobertura que lhes permitiu aceder às condutas e ao tecto da ourivesaria.

O dono deste estabelecimento, Jorge Camarinha, contava na edição de ontem do JN que os assaltantes "levaram relógios das melhores marcas" e vários objectos em ouro, além do dinheiro existente na caixa registadora. "Era gente que sabia bem disto", comentava.

A administração do GaiaShopping afirmou ontem, em comunicado, que o assalto ocorreu às 2h15 de 1 de Novembro e que o caso está a ser investigado pela PSP.

PUBLICIDADE



Local

Ciberescritas é o blogue de Isabel Coutinho http://blogs.publico.pt/ciberescritas

Shortcutz também está no Porto para fazer uma grande carreira com as curtas-metragens

David Pinheiro Silva

Este festival atípico, com sessões semanais, começou em Janeiro, em Lisboa, e chegou ao Porto no mês passado. Londres também já aderiu ao conceito



DR

***Um Copo de Leite*, de Tiago Ribeiro, foi exibido no Porto em Outubro**

● Todas as quartas-feiras à noite, o Hard Club transforma-se em sala de cinema para as curtas-metragens do projecto Shortcutz que, desde Outubro, promove no Porto o cinema alternativo nacional.

O movimento começou em Lisboa, em Janeiro deste ano, e chegou no mês passado à cidade do Porto que, segundo a directora de programação local, Luísa Sequeira, há muito sentia a necessidade de um espaço dedicado às "curtas": "Fazia falta um sítio para apresentar curtas-metragens no Porto, um movimento que colmatasse uma lacuna existente numa cidade com um público apreciador deste tipo de filmes", disse a programadora à Lusa.

O Shortcutz é essencialmente uma oportunidade de mostrar vários tipos de curtas - das mais conhecidas, passando pelo experimental, tudo pode fazer parte da programação, sendo que a escolha dos trabalhos aposta justamente na diversidade. "Se tivermos uma curta de animação, uma documental e outra de ficção, é a situação ideal", explicou Luísa Sequeira.

As sessões semanais incluem três curtas-metragens, sendo uma a convidada e as outras duas (tendencialmente primeiras obras) concorrentes na competição para a "melhor curta do mês". Em cada sessão, depois das projecções, realizam-se tertúlias em que participam elementos da equipa criadora, sempre num ambiente informal e familiar que é uma das principais características do projecto.

O sucesso do Shortcutz já ultrapassou as fronteiras nacionais. No mesmo mês em que este festival atípico chegou ao Porto, estreou-se também em Londres, no *pub* Proud Camden, pela mão de um estrangeiro que, numa das sessões em Lisboa, mostrou interesse em levar o projecto para a capital britânica e contactou a organização. "No futuro, a ideia é expandirmo-nos para sítios como Los Angeles e Berlim e criar uma rede", afirmou Sandra Almeida, uma das organizadoras do projecto, ao jornal *i* no mês passado.

A melhor curta de Outubro no Porto foi *Vicky and Sam*, de Nuno Rocha. Para este mês, está confirmado Tiago Pereira como um dos convidados, autor do documentário *B Fachada, Tradição Oral Contemporânea*.

Homem suspeito de assaltar quatro bancos num mês

● A Polícia Judiciária anunciou ontem a detenção de um homem suspeito de ter roubado à mão armada, desde 13 de Outubro, quatro instituições bancárias do Porto.

Em comunicado, a PJ refere que o suspeito, de 44 anos, actuava "sempre no período da hora de almoço e escolhendo momentos em que não se encontrassem outros clientes nos estabelecimentos". O detido, acrescenta a PJ, "dirigia-se calmamente aos balcões, como se de um normal cliente se tratasse, e coagia os funcionários a entregar-lhe o dinheiro que possuíssem à sua guarda, ameaçando-os com uma arma de fogo".

No total, o suspeito conseguiu subtrair cerca de 6200 euros, sendo que apenas numa destas quatro situações não conseguiu obter dinheiro, "por ter sido surpreendido pela chegada de uma outra funcionária".

No âmbito desta acção, a PJ apreendeu uma pistola de alarme transformada para calibre 6.35 milímetros e 24 munições. A PJ conseguiu ainda recuperar 2410 euros, "eventualmente provenientes do último roubo", ocorrido quarta-feira.

O comunicado da PJ referia que o homem, desempregado, estava em vias de ser submetido a primeiro interrogatório judicial para aplicação das medidas de coacção tidas por adequadas.

Motor a gás concebido pela VianaPesca espera regulamentação há três anos

Andrea Cruz

● O protótipo, concebido pela VianaPesca, que permitirá às embarcações de pesca operar a GPL (gás de petróleo liquefeito) em vez de a gasolina, aguarda há cerca de três anos regulamentação específica do Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos (IPTM) para poder ser comercializado.

O motor, concebido em parceira com a Yamaha, permitirá uma redução de 60 por cento dos custos de operação, com combustíveis e manutenção, para além das vantagens ambientais decorrentes do combustível utilizado. O custo do novo equipamento ficará por cerca de 2000 euros para as embarcações com motor de injecção e sensivelmente por metade para os barcos com motor a carburador.

O protótipo ainda não saiu do tanque onde foi testado, porque aguarda luz verde do IPTM. O investimento da VianaPesca no projecto já ultrapassa os 50 mil euros.

Apesar de ter sido um projecto nacional pioneiro, o motor foi entretanto aproveitado (logo após a sua apresentação) pelos pescadores espanhóis, que já equipam as suas embarcações com ele, beneficiando para tal do apoio de fundos comunitários.

O novo propulsor foi apresentado ontem à eurodeputada Maria do Céu Patrão Neves, do PSD, relatora do Parlamento Europeu para o Livro Verde das Pescas. Maria do Céu Patrão Neves prometeu investigar "o obstáculo" que está a "encravar" o andamento do projecto. A parlamentar considerou prioritária a homologação deste motor no país, face às orientações que apontam para a necessidade de criação de fontes de energia menos poluentes e aos conhecidos problemas de rentabilidade do sector das pescas em Portugal.

Viana terá novo porto de pesca em 2011

● A Administração do Porto de Viana do Castelo (APVC) adjudicou ontem a construção do futuro Estacionamento da Frota de Pesca ao consórcio Alexandre Barbosa Borges/Britalar. A intenção é concentrar o estacionamento das embarcações que transitam no porto em duas bacias adjacentes, a Doca das Marés e a Doca da Lota, junto às instalações da Docapesca e dos armazéns de apestos.

Para além de melhorar as condições de operacionalidade para a pesca, pretende-se libertar a antiga doca comercial, onde está ancorado o navio *Gil Eanes*. Quando for libertada a antiga doca, o grupo espanhol Mare-Puerto, que conquistou a concessão das marinas, poderá avançar com o projecto da futura marina Atlântica. O contrato, que estipula uma renda anual de 90 mil euros, representará um investimento de 5,2 milhões de euros. A concessão, atribuída por concurso ao consórcio espanhol, visa a reconversão da antiga doca comercial, a recuperação da doca seca Engenheiro Duarte Pacheco e a reabilitação das docas de recreio a montante e jusante da ponte Eiffel. Prevê ainda a construção de três edifícios de apoio, num prazo de três anos. **A.O.C.**

Investimento

2

milhões de euros é quanto vai custar a empreitada que tem um prazo de execução de 243 dias. A obra tem comparticipação europeia de 75 por cento, no âmbito do Programa Promar

Fundador critica fecho do Museu da Indústria

● O fundador do Museu da Indústria do Porto, José Lopes Cordeiro, considera "lamentável" o fim do projecto para o museu e critica "falta de interesse e de esforço" para prosseguir com o plano. Lopes Cordeiro, que foi director científico do Museu da Ciência e Indústria do Porto, de 1992 a 2002, afirmou à Lusa que "o fim do projecto explica as razões do atraso" de Portugal e, em especial, do Porto.

"A cultura é factor de desenvolvimento económico e é preciso perceber isto", frisa. Sustenta que o Porto, enquanto não entrar "no circuito" cultural, não pode concorrer com outros municípios europeus. "Famalicão é uma cidade com uma dinâmica cultural muito mais interessante e sólida do que o Porto, que é a segunda cidade do país", frisou.

A Câmara do Porto e a Associação Empresarial de Portugal (AEP) anunciaram, terça-feira, que vão extinguir a Associação do Museu da Indústria, deixando assim cair a reabertura do museu, que esteve inicialmente instalado nas antigas Moagens Harmonia. Devido à construção da Pousada do Freixo no local, o acervo foi transferido para um armazém na zona industrial. A Câmara do Porto e a AEP alegaram que se goraram as tentativas de angariar novos financiadores para o museu".

Para Lopes Cordeiro, a solução não era fácil, "mas era possível, se houvesse vontade". Considerou que "as responsabilidades estão muito diluídas" sobre essa "falta de vontade". Apontou a ex-vereadora Manuela de Melo, da gestão do socialista Fernando Gomes, como a primeira responsável, mas sublinhou que "houve sempre falta de visão e de ideias". Sustentou também que "é incompreensível que a AEP não valorize (...) o seu passado e o seu trajecto" e defendeu que "importa salvaguardar o acervo [do museu] ".

Seis detidos e 15 buscas no Aleixo e Condominhas

● A PSP deteve ontem seis alegados traficantes e apreendeu heroína, cocaína e haxixe no decorrer de 15 buscas domiciliárias em dois bairros do Porto associados ao tráfico de droga. Aleixo e Condominhas. A operação "visou um conjunto alargado de indivíduos que, de forma organizada, se dedicavam ao tráfico de estupefacientes nos bairros do Aleixo e das Condominhas", esclarece um comunicado da PSP.

Os detidos são quatro mulheres e dois homens com idades compreendidas entre os 23 e os 50 anos.

Concessão do restaurante do Rivoli está a concurso

A Câmara do Porto quer ceder a exploração do restaurante e da cafetaria do Teatro Municipal Rivoli pelo prazo de dois anos. A escolha será feita por licitação, pelas 10h30, do dia 29 de Novembro, nos Paços do Concelho. O vencedor pagará ao município uma renda anual de 24 mil euros. O programa de concurso está em **www.cm-porto.pt.**



Dormir: The Yeatman, cinco estrelas com vista para a Invicta, amanhã na Fugas

Bombeiros Profissionais acusam Câmara do Porto de ignorar "insegurança" na cidade

David Pinheiro da Silva

Fernando Curto garantiu que o chefe que morreu na noite do passado sábado estava a segurar uma escada "porque não havia mais pessoal"

● O presidente da Associação Nacional dos Bombeiros Profissionais (ANBP), Fernando Curto, acusou ontem o vereador da Protecção Civil da Câmara do Porto, Manuel Sampaio Pimentel, de "prepotência" e de ignorar "a insegurança que há na cidade". Representantes da ANBP e do Sindicato Nacional de Bombeiros Profissionais (SNBP) reuniram, durante a manhã, com Sampaio Pimentel para debater a situação operacional do Batalhão de Sapadores do Porto, a falta de recursos humanos e a recente morte de um chefe daquela corporação durante o combate a um incêndio, na noite do último sábado, num edifício devoluto da Rua dos Caldeireiros.

Fernando Curto disse à Lusa que "continua a haver insegurança na cidade que o vereador [Sampaio Pimentel] não quer aceitar". O líder da ANBP apontou a falta de efectivos, de viaturas modernas, de formação dos elementos e de organização do próprio Batalhão de Sapadores do Porto como problemas reais. No seu entender, a morte do chefe Manuel Correia está relacionada com a falta de efectivos e com a falta de organização daquela corporação.

"Morreu um camarada, não pode ser. Temos seguro de risco, mas não somos carne para canhão", salientou Fernando Curto, acrescentando que os primeiros sapadores a chegarem ao local foram ameaçados por vizinhos do prédio em chamas, que estavam indignados por não verem ali mais elementos da corporação. O presidente da ANBP garantiu que o bombeiro que morreu em serviço era chefe de 2.ª classe e que "estava a segurar uma escada porque não havia mais pessoal". Fernando Curto criticou a forma como o vereador da Câmara do Porto recebeu a delegação, acusando Sampaio Pimentel de ter uma forma de trabalhar "prepotente". "Convidou-nos a sentar no chão, porque não havia cadeiras para todos, disse que não respondia a nada e que só falava por uma questão institucional", adiantou.



Fernando Curto (na foto) acusou o vereador de ser "prepotente" na forma de trabalhar: "Convidou-nos a sentar no chão".

Prevê-se uma adesão elevada no Porto à greve no próximo dia 24. Nesse dia, será aprovado um memorando para ser entregue a Rui Rio, que "não está ao corrente da realidade dos bombeiros no Porto", disse o líder da ANBP. O PÚBLICO tentou, sem sucesso, obter uma reacção da Câmara do Porto às acusações de Fernando Curto. **com Lusa**

Três detidos após despiste em carro furtado

José Faria

● Três indivíduos foram detidos ontem depois de o automóvel em que seguiam se ter despistado ao quilómetro 28 da A4, no sentido Porto-Amarante. O Honda Civic tinha sido furtado durante a madrugada, alegadamente pelos três indivíduos, para realizar furtos.

Quando a GNR chegou ao local do acidente, que ocorreu às 10h20, encontrou o automóvel abandonado. Os indivíduos tinham encetado uma fuga, a pé, e foram perseguidos por elementos da GNR. Foram interceptados e detidos cerca de meia hora depois, na freguesia de Baltar, concelho de Paredes. Os três detidos pertencem à mesma família e têm idades compreendidas entre os 16 e os 27 anos.

Casa em risco na Rua de Contumil foi demolida

Patrícia Carvalho

● Uma casa em risco de ruir, no n.º 450, da Rua de Contumil, foi ontem demolida pela Câmara do Porto. A via estará ainda hoje cortada ao trânsito (excepto cargas e descargas e acessos a garagens), no troço entre a Rua da Fonte de Contumil e a Rua do Vigorosa.

O imóvel, devoluto e em risco de ruir há vários anos, é propriedade privada. Contudo, conforme o PÚBLICO noticiou, os donos recusavam-se a demoli-lo, imputando à autarquia a responsabilidade de repor a segurança. A apoiá-los, têm um decisão judicial de primeira instância, da qual a câmara não terá recorrido, e que aponta no sentido de ser o município o responsável pela estado de degradação do edifício.

Os proprietários, dois irmãos, herdaram a casa já em ruína e sempre sustentaram que a habitação, à face da rua, ficou degradada, nos anos 90, fruto da passagem constante de betoneiras e camiões carregados de ferro que se dirigiam ao estaleiro de construção da Via de Cintura Interna (VCI), instalado a alguns metros.

Por isso, ignoraram as notificações da autarquia, ao longo dos anos, para que demolissem a casa e acabaram multados pelo município, mas recorreram para tribunal e este libertou-os da coima, acolhendo os seus argumentos.

Contactado pelo PÚBLICO, um dos proprietários disse não ter sido notificado pela autarquia da demolição e questiona por que não procedeu a câmara também à demolição do n.º 454, que, apesar de não ter sido alvo de processo judicial, "é um caso exactamente igual".





Local



TEDxYouth é o nome da conferência que a Ted (Technology, Entertainment, Design) organiza hoje, no Porto, a partir das 14h30, no Museu Soares dos Reis. Aquele *site* de referência na tecnologia e no design quer potenciar o talento e a criatividade dos mais jovens.

Vereador garante que não faltaram bombeiros no incêndio mortal da Rua dos Caldeireiros

Aníbal Rodrigues

Responsável da Protecção Civil reagiu às críticas do presidente da associação de bombeiros: "Declarações incendiárias de alguém que devia saber apagar fogos"

● O vereador da Protecção Civil da Câmara do Porto, Sampaio Pimentel, assegurou ontem que o incêndio de há uma semana, na Rua dos Caldeireiros, e que matou o chefe Manuel Correia do Batalhão de Sapadores Bombeiros (BSB), foi combatido por um números de elementos "mais do que suficiente para atacar o sinistro em causa". O vereador afirmou que Manuel Correia estava acompanhado de mais 34 colegas - "28 sapadores e seis voluntários".

O autarca reagiu, em conferência de imprensa, às denúncias da véspera, proferidas por Fernando Curto, presidente da Associação Nacional de Bombeiros Profissionais (ANBP). Entre outras acusações, Curto afirmara que Manuel Correia "estava a segurar uma escada porque não havia mais pessoal". Para o vereador da Protecção Civil, são "declarações incendiárias de alguém que devia saber apagar fogos".

Sampaio Pimentel informou que reduziu o montante gasto em horas extras sem que isso tivesse afectado a qualidade do serviço. Cerca de 1,3 milhões de euros, em 2005, que passaram para aproximadamente 400 mil euros em 2006, tendo-se mantido nesse nível nos anos seguintes. O



Sampaio Pimentel

autarca reconheceu que o quadro de pessoal rondava os 360 elementos em 2005 e foi reduzido para 280. No entanto, na prática, apontou para cerca de "215/220" efectivos no próximo mês de Fevereiro, quando entrarem 30 novos recrutas.

Sampaio Pimentel referiu que a câmara tem investido no BSB, "na medida das suas possibilidades", e enumerou 400 mil euros para uma auto-escada, em 2005, 176 mil para duas viaturas, em 2007, e 250 mil para fatos anti-incêndio, em 2009. Sampaio defendeu ainda que a credibilidade de Fernando Curto caiu por terra, quando este afirmou que as relações entre a autarquia e a ANBP eram boas no tempo em que o presidente da autarquia, Rui Rio, tutelava os bombeiros - o que, vincou, "nunca, em tempo algum", se verificou. Para o autarca, "pretender fazer a ligação entre a morte de um homem e a actuação do executivo camarário" é "altamente reprovável".

Farmacêuticas pagam musicais de La Féria para ajudar S. João

David Pinheiro Silva

● O Hospital S. João (HSJ) pagou 100 mil euros à produtora Todos ao Palco, de Filipe La Féria, para promover o projecto O Joãozinho. Segundo o membro do conselho de administração do HSJ, João Oliveira, o dinheiro é proveniente da indústria farmacêutica e serviu para "comprar" cinco espectáculos do musical *Annie*, no Porto. O valor arrecadado na bilheteira em dois daqueles cinco espectáculos (três foram cancelados) reverteu totalmente para o projecto pediátrico e social do Hospital S. João.

O contrato assinado entre as duas entidades em Fevereiro tinha uma duração de nove meses, mas o período foi alargado até Novembro, para permitir que os três espectáculos em falta se realizassem. Assim, falta o valor de bilheteira daqueles espectáculos, que será obtido pelas três sessões do musical *O Sítio do Picapau Amarelo*, em cena, a partir de hoje, no Teatro Politeama, em Lisboa.

João Oliveira explicou que a escolha da companhia de La Féria para este acordo foi motivada pela notoriedade e a dimensão que este nome tem na cidade, e na esperança de assim fazer crescer mais o projecto O Joãozinho. Acresce que o Hospital S. João também pretendia, desta forma, promover a sua marca através da publicitação do logótipo nos cartazes dos espectáculos afixados em *muppies*, folhetos, programas e no DVD do *making-of* de *Annie*.

Eusébios diz que vai "continuar ligada" ao Bom Sucesso

Patrícia Carvalho

● A empresa Eusébios & Filhos, SA, que, em Julho de 2009, recebeu a adjudicação da reabilitação e exploração do Mercado do Bom Sucesso, não confirma se irá continuar sozinha no projecto, ou se, conforme temem os comerciantes, irá procurar quem a substitua. Para já, a empresa apenas confirma que irá "continuar ligada ao processo".

Os rumores começaram a correr no Mercado do Bom Sucesso esta semana. Conforme o PÚBLICO ontem noticiou, Fernando Sá, da Associação de Feiras e Mercados da Região Norte, afirma que entre os vendedores se acredita que a Eusébio vai "desistir do processo e entregar a sua participação a uma outra empresa". Da parte da empresa bracarense, a resposta é cautelosa.

"Vamos continuar ligados ao processo como investidores", diz Rui Peixoto, da Eusébios. Questionado sobre se essa ligação será partilhada com outra entidade, a mesma fonte afirma não estar autorizada a dar esta informação, frisando apenas: "Vamos continuar como investidores e a desenvolver o projecto."

Rui Peixoto diz ainda que a administração da empresa não quer comentar a declaração do vereador Manuel Sampaio Pimentel de que a complexidade do projecto e "constrangimentos económico-financeiros" estão na origem do atraso que envolve a reabilitação do mercado.

A adjudicação da obra do Bom Sucesso foi feita à Eusébios em Julho de 2009 (e não em 2008, como por erro ontem se sugeria). Contudo, até à data não foi assinado o contrato de transferência do direito de superfície do espaço, apesar de a autarquia repetir que está "para breve". Fernando Sá diz que os comerciantes "não podem continuar no impasse actual" e pede à câmara para "assumir responsabilidades e resolver o problema".

Além de comércio, o projecto da Eusébios prevê a instalação de um hotel e escritórios no mercado.

Região Norte ambiciona atingir 75 por cento do PIB da União Europeia em 2020

Aníbal Rodrigues

● A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN) traçou como objectivo, para 2020, colocar a região nos 75 por cento do valor médio do PIB (produto interno bruto) da União Europeia (EU) a 27. O valor pode parecer pouco ambicioso em absoluto, mas logo se percebe o tamanho da evolução que se pretende atingir quando se constata que, em 2008, o PIB da Região Norte atingiu apenas 61 por cento da média da UE.

O objectivo de chegar aos 75 por cento em 2020 repete-se na taxa de emprego dos 20 aos 64 anos e que era de 68,9 por cento em 2009. Já a despesa em Investigação & Desenvolvimento, que parte de 1 por cento do PIB, em 2008, espera-se que a mesma atinja 3 por cento daqui a uma década. Ambiciona-se ainda uma redução de 35 por cento dos gases que provocam efeito de estufa, partindo das 4,47 toneladas por habitante/ano expelidas em 2004. Por último, pretende-se que 40 por cento da população dos 30 aos 34 anos tenha formação superior em 2020. Mais do que uma duplicação, tendo em conta os 16,5 por cento de 2008.

Estas metas foram apresentadas por Mário Rui Silva, gestor do Pro-



O presidente da CCDRN, Carlos Lage, defendeu a continuidade da atribuição de fundos da UE às regiões norte e centro

grama Operacional Regional do Norte (ON.2), durante o Seminário Internacional Europa 2020: Nova estratégia, novos instrumentos de financiamento, organizado pela CCDR-N e o ON.2. Uma iniciativa que marca o início do debate público em Portugal sobre a estratégia Europa 2020 e os seus instrumentos de financiamento do período pós-2013.

No seu discurso de ontem, Carlos Lage, presidente da CCDRN, começou por deixar um aviso: "Interromper o fluxo financeiro para a Região Norte ou para a Região Centro, que representam 60 por cento da população portuguesa e outro tanto no volume de exportações de bens e serviços, seria infligir um sério golpe na modernização destas duas regiões." A seguir ao aviso, deixou um apelo. "Precisamos de um novo ciclo de ajudas, não para fazer o mesmo, mas para fazer mais e, sobretudo, diferente."

Defensor convicto da regionalização, Carlos Lage espera que este modelo de governação venha a ser adoptado por Portugal. "Faço ardentes votos para que o quadro institucional das regiões em Portugal, em que vai evoluir o próximo ciclo de financiamentos comunitários, mude substancialmente e que as regiões continentais tenham acesso a um estatuto de autonomia."

PUBLICIDADE

AUTO-ESTRADA DO MARÃO

COMUNICADO

Condicionamento de tráfego no IP4/A4

De 20 a 22 de Novembro para realização de trabalhos da responsabilidade do INFRATUNEL, ACE

A **Auto-Estrada do Marão**, no âmbito dos trabalhos a desenvolver no IP4/A4, informa que entre as 00 h do dia 20 e as 24 h do dia 22 de Novembro, irá proceder ao condicionamento de tráfego nos dois sentidos, entre o Nó de Amarante Oeste e o Nó da Aboadela, assim como nos ramos de entrada e saída dos Nós de Geraldes e Padronelo.

Na sequência destes trabalhos, durante os períodos indicados, será o tráfego desviado para a Estrada Nacional N15.

A **Auto-Estrada do Marão** agradece antecipadamente a compreensão e colaboração dos automobilistas e espera contribuir para reduzir eventuais inconvenientes.

Amarante, dia 19 de Novembro de 2010

Local

Semana

Exorbitâncias

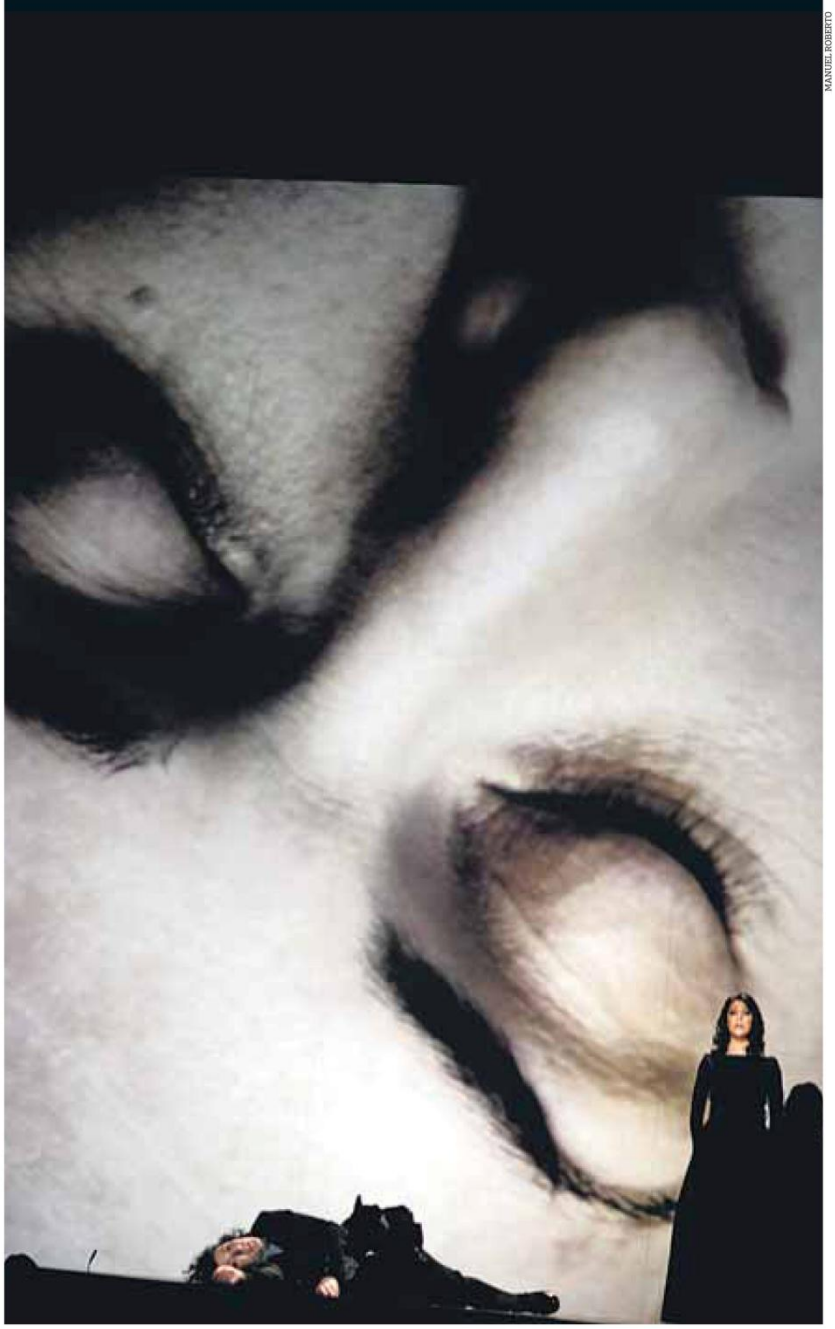
Comentário



Álvaro Vieira

● Sensível à opinião pública, à opinião publicada e à opinião manifestada entre dentes pelo Ministério da Cultura, a comissão de vencimentos da Fundação Cidade de Guimarães, responsável pela organização da Capital Europeia da Cultura de 2012, reduziu em 30 por cento as retribuições de administradores e membros do conselho geral. Em tempos de crise, de aperto para a maior parte da população, aplaude-se a medida, que é justa e razoável. Admite-se que pareça injusta aos visados, sobretudo quando confrontados com as notícias recentes das assessoras que ganham mais do que as respectivas ministras ou com as notícias mais antigas dos chefes de gabinete que ganham mais do que os presidentes de câmara que os contrataram. Não é aceitável que os detentores de cargos políticos, que têm vencimentos predefinidos, pela lei e pela grei, continuem de mãos livres, e com mãos largas, a decidir os vencimentos dos colaboradores de que se fazem rodear, como se o dinheiro que lhes pagam fosse seu e não dos contribuintes que representam. Com vencimentos exorbitantes, com a capacidade de influência que a sua própria contratação reconhece e com a inevitável proximidade ao poder, não admira que estes colaboradores comecem a exorbitar as competências ou, no mínimo, a sair daquilo que a arquitectura político-legal sugere ser o seu lugar. Sabemos há muito que, em muitos gabinetes, estes colaboradores chegam a mandar mais do que outros responsáveis executivos que foram democraticamente eleitos. Começamos, agora, a vê-los também a exibirem o seu poder fora dos gabinetes. Esta semana, o chefe de gabinete do presidente da Câmara do Porto apareceu numa cerimónia pública a defender a política da autarquia para o Pavilhão Rosa Mota, a aposta nas corridas, a avançar outros projectos da gestão municipal. Não está em causa o que foi dito, mas por quem foi dito. Não havia ninguém disponível e preparado, entre os sete eleitos da actual maioria camarária? Isto não devia ser normal.

S. João As assombrações de Ricardo Pais



MANUEL ROBERTO

● São fantasmas, porque são revisitados textos do passado, que não ficaram resolvidos, e que, como as sombras dos originais, não aparecem exactamente da mesma forma. "São assombrações, atormentam-nos, mas também brincam connosco, entram no jogo", é assim que Ricardo Pais explica *Sombras*, a sua mais recente encenação no Teatro Nacional São João, no Porto. Ricardo Pais descontrói e apropria-se (do que já era seu) para fazer em *Sombras* uma incursão pela língua portuguesa (o último bastião da nossa cultura) através de diferentes caminhos: a música, pelo fado, a dança, pelo fandango, e o texto teatral, claro. O resultado é uma *remix* teatral, na qual se misturam estilos e temas, para que o novo surja a partir do antigo. São assombrações! *David Pinheiro da Silva*

Sobe e desce

Alfredo José de Sousa



O provedor de Justiça está atento às críticas aos transtornos que a agitada vida nocturna da cidade implica. A provedoria criticou a Câmara do Porto por demonstrar "demasiada indulgência" com os estabelecimentos que não estão licenciados ou que infringem o horário de abertura ao público. O organismo liderado por Alfredo José de Sousa pede à autarquia que adopte medidas diciplinadoras da diversão nocturna portuense.

José Maria Costa



O município presidido por José Maria Costa vai ser Capital da Cultura do Eixo Atlântico, que reúne 34 concelhos de Portugal e Espanha, no próximo ano. A escolha de Viana do Castelo é mais um reconhecimento do papel que a cultura assume, cada vez mais, na revitalização de uma cidade que também pretende desempenhar um papel na ligação entre o Norte do país e a Galiza. Viana continua, ainda, a reivindicar um centro de investigação nas energias do mar.

Alberto Martins



A construção do Campus da Justiça do Porto, que vai concentrar uma série de instalações judiciais dispersas pela cidade, está atrasada. Já toda a gente o sabia, pois a primeira pedra foi lançada em Agosto do ano passado. Mas o Ministério da Justiça só esta semana reconheceu que ainda não existe acordo com o consórcio ao qual a obra foi adjudicada, pelo que não há data prevista para o início da construção dos vários edifícios da Quinta de Santo António.

Curtas Criadores querem expandir alcance do festival iniciado há duas décadas

Vila do Conde vai ter um Estaleiro para incentivar criação na música e no cinema

O projecto *Estaleiro* começa em Janeiro de 2011 e prolonga-se durante vinte meses. Cidade será lugar de produção, palco e a sala de vinte filmes, vinte concertos e vinte ateliers

David Pinheiro Silva

O auditório que durante anos acolheu o Curtas vai receber o Estaleiro

LUIS EFIGÊNIO



● Tornar Vila do Conde numa gigante escola de música, cinema e audiovisual é o que a Curtas-Metragens, Cooperativa de Produção Cultural espera conseguir com a abertura do Estaleiro. Após quase 20 anos do primeiro Curtas Vila do Conde, a mesma equipa avança agora com um novo projecto com o objectivo de ancorar novas dinâmicas culturais na cidade, de forma mais permanente.

Vila do Conde foi sempre conhecida pela construção naval. Poderia ser conhecida como um estaleiro de cinema, em produção contínua? Os fundadores do Curtas acreditam que sim e o projecto, pensado numa fase inicial como uma bienal, evoluiu para uma plataforma de criação e oferta cultural com uma duração de vinte meses, em que a programação (regular) se divide em três vertentes diferentes, dirigidas à formação de públicos, ao desenvolvimento de projectos e ao cruzamento do cinema com outras disciplinas artísticas, explicou ao PÚBLICO Dario Oliveira, um dos fundadores do Curtas Vila do Conde e mentor do novo projecto.

O programa Animar pretende funcionar como camada de sensibilização, promovendo actividades diversas, desde espectáculos dirigidos a um público infanto-juvenil (os Clã são uma das bandas integradas neste projecto, a quem o Estaleiro encomendou musicas originais para crianças) até exposições, ateliers e oficinas nas escolas. A expectativa dos organizadores é criar um "envolvimento regional para a sensibilização das camadas mais jovens para a música e as imagens em movimento", assume Dario Oliveira

Noutro patamar, e com outro público-alvo, Campus será um programa mais ambicioso; envolve as universidades do Minho e do Porto (mestrados ligados às Artes, Comunicação e Audiovisual) e outros criadores como pequenas produtoras e artistas. Funcionará "exactamente como um *campus* universitário, onde as pessoas que têm projectos poderão desenvolvê-los". Tem como objectivo proporcionar um intercâmbio de experiências profissionais entre artistas conceituados e jovens criadores, ao longo de um calendário de 20 meses: "Serão criadas condições de produção, vamos ter equipamentos, professores e vamos criar, portanto, uma escola num sistema pouco convencional, de *workshops* e de ateliers durante todo o festival", afirmou Dario Oliveira.

Concertos todos os meses

Cinema Expandido é a terceira secção do programa do Estaleiro, que, com os mesmos instrumentos que as anteriores (exposições, *workshops*, ateliers), tem dois momentos de destaque. O primeiro é a exposição Arte Rock (patente na próxima edição do festival, a partir de Junho), dedicada ao universo das artes e do rock feito em Portugal que irá propor duetos de músicos com artistas visuais e vice-versa. O segundo momento será uma mostra (em Outubro) dos projectos desenvolvidos nos ateliers do Campus do Estaleiro e de projectos internacionais. O Cinema Expandido será "a celebração e descoberta de projectos audiovisuais que vão desde concertos com imagens a espectáculos de vídeo com som e música e outros trabalhos multidisciplinares", concluiu Dario Oliveira.

Para além destas três secções da programação, o festival conta ainda com os Concertos no Estaleiro, por onde vão passar, mensalmente, bandas reconhecidas no panorama musical nacional e internacional, e no qual se pode esperar alguns regressos aguardados, adiantou Dario Oliveira. O projecto vai ser publicamente apresentado no final da próxima semana no Teatro Municipal de Vila do Conde.

A ambição

Pôr Vila do Conde no centro do roteiro cultural

O Estaleiro (nome escolhido em homenagem à indústria mais antiga da cidade, a da construção naval, que deu durante séculos fama a Vila do Conde) irá realizar-se em vários pontos da cidade, desde o Auditório Municipal, onde o Festival Curtas teve início, ao Centro de Memória, passando por escolas, museus e espaços ao ar livre. Desta forma, o festival pretende tirar partido do património arquitectónico de Vila do Conde, na expectativa de a tornar numa nova centralidade no roteiro cultural da Região Norte, ao longo de todo o ano. Um desafio "a dobrar" chama-lhe Dario Oliveira, numa altura em que a conjuntura económica nacional não favorece a produção cultural. Não é surpresa, portanto, que a maior parte do orçamento deste estaleiro das imagens (cerca de 70 por cento) seja de fundos europeus, através do Quadro de Referência Estratégico Nacional. **D.P.S.**

Duas mil crianças vão ao Circo Cardinali com Luís Figo

A Fundação Luís Figo, em parceria com o Circo Soledad Cardinali, organiza, na terça-feira, no Porto, um espectáculo especial para cerca de 2000 crianças e jovens de mais de 20 instituições de solidariedade social e hospitais da região norte. O ex-jogador e outros nomes conhecidos do desporto vão associar-se à iniciativa.



Leia o blogue de Paulo Frias sobre o Second Life blogs.publico.pt/discursosdooutromundo

Crianças do IPO terão aulas com "Mestre" no Messenger

David Pinheiro Silva

Projecto apoia crianças internadas em oncologia nas disciplinas de Matemática, Físico-Química e Biologia

FERNANDO VELUDO/FACTOS



O projecto "O teu Mestre" foi apresentado ontem no IPO do Porto

● Daniel Azevedo é o novo "mestre" das crianças internadas em oncologia no Porto. Este professor começou por ser "mestre" na escola EB 2,3 de Sátão, em Viseu, no ano lectivo de 2006/2007. O projecto "O teu Mestre", que Daniel Azevedo criou, começou como uma forma de tirar dúvidas aos alunos que estavam doentes em casa. Como? Daniel demonstrou através de uma vídeo-conferência com uma antiga aluna no Messenger, plataforma escolhida por ser uma ferramenta de comunicação popular entre os jovens, as potencialidades da ideia. Falando e trocando impressões em tempo real, a antiga aluna resolveu uma equação apresentada por Daniel Azevedo, que utilizou uma caneta digital para representar graficamente os dados no interface.

A equipa lúdico-pedagógica do Instituto Português de Oncologia (IPO)-composta por duas educadoras de infância, uma professora primária e uma professora do ensino básico e secundário - aumenta assim a capacidade de acção educativa no serviço pediátrico oncológico, através deste programa *online* (em desenvolvimento), que permite tirar dúvidas por vídeo-conferência e consultar conteúdos disponíveis no *site* do projecto.

No futuro serão também disponibilizadas aulas em vídeo e gravações dos professores a explicar as matérias enquanto estas vão aparecendo num estilo de formato de apresentação Powerpoint. Por enquanto o projecto conta apenas com professores de Matemática, Físico-Química e Biologia, mas o objectivo é alargar esta oferta através de uma rede de professores e escolas que se queiram juntar ao projecto, oferecendo horas livres para "dar aulas" a quem não pode ir à escola por motivos de saúde.

O projecto é gratuito e não pretende substituir o lugar da escola (que já presta apoio pedagógico a alunos em situação de internamento) na formação dos jovens. Pretende sim servir para colmatar necessidades que as escolas não consigam cumprir. "Tirar dúvidas pontuais, sistematizar conteúdos e motivar" é o objectivo da iniciativa, disse Cristina Figueiredo, professora na equipa pedagógica do IPO. "Cada caso é um caso: podemos prestar um apoio contínuo ou pontual, de acordo com as necessidades dos alunos", adianta Daniel Azevedo. Lucília Norton, directora do serviço de oncologia no Porto, realça que o IPO garante assim um acompanhamento que não é "exclusivamente médico".

Arquitectos lançam concurso para nova sede

● A secção regional do Norte da Ordem dos Arquitectos vai construir uma nova sede para a instituição na Rua de Álvares Cabral, no Porto. O concurso para a sua construção foi lançado a 26 de Novembro, com o preço de referência de 1 milhão e 500 mil euros, e tem como data-limite para a entrega de propostas o dia 8 de Fevereiro de 2011.

A obra, baptizada Norte 41.º, em referência ao paralelo que o Porto partilha com Barcelona, Roma, Istambul, Tbilissi, Nova Iorque ou Chicago, deverá arrancar no primeiro semestre de 2011. As peças do procedimento necessários ao concurso estão disponíveis para consulta nas instalações da Ordem dos Arquitectos Secção Regional do Norte (OASRN) ou através da plataforma electrónica AnoGov.

Composto por três situações distintas - restauro, renovação e a ampliação com construção nova -, o projecto permitirá testar, no próprio edifício da OASRN Norte 41.º, estratégias de intervenção no património construído, garantindo a qualidade ambiental e patrimonial fundamentais para o sucesso da reabilitação urbana, segundo noticiou a Lusa. A iniciativa é dirigida a arquitectos, profissionais dos sectores da construção e das indústrias criativas.

Obras na Linha do Douro prontas um ano depois

● Quase um ano depois da derrocada na linha do Douro, a Refer anunciou ontem a conclusão das obras de reforço do talude, no quilómetro 142, no troço que liga o Tua (Mirandela) ao Pocinho (Vila Nova de Foz Côa). A circulação de comboios entre as duas estações, um percurso com cerca de 125 passageiros diários, foi interrompida no dia de Natal do ano passado na sequência de uma derrocada. Os trabalhos foram adjudicados à OFM e custaram 950 mil euros, menos 200 mil euros do que o previsto, segundo um comunicado de ontem da Refer. As obras consistiram, essencialmente, "na execução de pregagens, recalces, vigamentos, colocação de redes de dupla torção, painéis HEA (*high energy absorption*) e barreira dinâmica", de acordo com a empresa.

Dadas as características da zona onde ocorreu a derrocada, a maior parte dos trabalhos foi realizada por alpinistas com formação específica em intervenções em altura, mas "sem incidentes, apesar do elevado risco associado a uma obra deste tipo", informou a empresa. A circulação foi retomada em 1 de Abril, mas com condicionalismos naquele local. **António Gonçalves Rodrigues**

PUBLICIDADE





O pintor José Emídio apresenta esta tarde, pelas 17h30, o livro *Lendas do Porto* do historiador Joel Cleto (textos) e do fotógrafo Sérgio Jacques, no Palácio da Bolsa. A obra revisita lugares, monumentos e personalidades que marcam a história da região.

Projectos tecnológicos da região centro recebem 66 milhões de euros do QREN

André Jegundo

Os 35 projectos apoiados pelo Feder correspondem a 107 milhões de euros de investimento

● Trinta e cinco novos projectos científicos e tecnológicos de institutos e universidades da região centro vão receber um apoio de 66 milhões de euros no âmbito do programa Mais Centro do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN). "É o maior apoio alguma vez dado ao sistema científico e tecnológico desta região", declarou ontem o presidente da Comissão de Coordenação da Região Centro, Alfredo Marques, na cerimónia em que foram assinados os contratos de financiamento dos 35 projectos.

Entre as instituições que vão beneficiar dos apoios estão as universidades de Coimbra, Aveiro e Beira Interior e institutos politécnicos e centros tecnológicos como o das indústrias têxteis e vestuário e o da cerâmica e do vidro. Estes projectos integram o eixo de apoio do QREN às infra-estruturas científicas e tecnológicas e correspondem a um investimento global de 107 milhões de euros, com uma comparticipação do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (Feder) de cerca de 66 milhões de Euros.

Vantagem competitiva

"É absolutamente visível em todos os indicadores que a região Centro está hoje a tirar um partido muito forte do QREN e isso resulta da dinâmica muito forte que se verifica na região em praticamente todos os sectores da economia e da sociedade -- nas autarquias, nas empresas, no sistema científico e tecnológico, nas outras instituições", declarou Alfredo Marques, que é também o presidente da comissão directiva do programa Mais Centro.

Segundo Alfredo Marques, a execução do QREN na região centro está a acontecer "num bom ritmo" e o total de fundos aprovados é hoje de "3,5 mil milhões de euros". De acordo com o responsável pelo programa Mais Centro, em termos de distribuição de fundos, este encontra-se em primeiro lugar no programa Factores de Competitividade, estando também "bem colocado" no programa operacional dedicado ao Potencial Humano.

SÉRGIO AZENHA



A Universidade de Aveiro é uma das instituições beneficiadas

O ministro da Economia, Vieira da Silva, também marcou presença na sessão e enalteceu a importância dos projectos que vão ser apoiados, "muito orientados para os factores que representam vantagens competitivas para a região centro".

Solidariedade em destaque no Natal do Porto

David Pinheiro Silva

● Ontem acenderam-se as luzes de Natal no Porto. O acto abriu simbolicamente a época natalícia na cidade, que até meados de Janeiro terá a decorrer, em vários espaços, exposições, espectáculos, concertos e iniciativas de solidariedade, uma das principais preocupações assumidas pela Câmara do Porto para este Natal.

Guilhermina Rego, vereadora do Conhecimento e Coesão Social, destacou ontem na apresentação da programação a iniciativa *Arca do Natal* na estação de S. Bento (entre 6 e 8 de Dezembro), uma exposição e venda de artigos resultantes do trabalho de várias instituições de solidariedade da cidade, com o objectivo de promover o contacto entre estas entidades e a população em geral, e angariar fundos. Outras actividades incluem a oferta de 5 mil doses individuais de aletria ao longo do dia através da iniciativa *Alegria com Aletria* (dia 10 de Dezembro) na estação de metro da Trindade. A população vai ser convidada a participar na confecção da maior aletria do mundo, pela direcção do *chef* Manuel de Almeida, num momento que será aproveitado para uma recolha de donativos para a Liga Portuguesa contra o Cancro. O período de festividades conta ainda com a sétima edição da iniciativa *Pão para Todos* (entre 10 a 13 de Dezembro), junto à Reitoria, onde se vai fabricar pão e chocolate quente para oferecer aos visitantes, enquanto decorrem concertos, teatro, pinturas entre outras animações.

Vladimiro Feliz, vereador do Turismo, Inovação e Lazer, disse que este ano se tentou "fazer com que o todo fosse maior do que a soma das partes" com um orçamento mais reduzido: corte de 68 por cento relativamente a 2009, gastando no total 150 mil euros. Quanto à programação, o vereador destacou a feira de artesanato Artesanatus'10, na Praça D. João, a dinamização da zona da Ribeira até 12 de Dezembro, o concerto gratuito de Natal apresentado por João Gil nos dias 17 e 18 no Rivoli, e garantiu o tradicional fogo-de-artifício na passagem de ano.

Porto vai ter um novo órgão de informação

● O projecto jornalístico Porto24, rede exclusivamente *online* de informação local sobre o Grande Porto, vai estar acessível na Internet a partir do dia 10, anunciou ontem a equipa promotora. "Nesta fase inicial, o Porto24 é composto por quatro *sites*, mas a rede será alargada no futuro", refere a equipa, em comunicado, explicando que haverá um jornal *online*, uma revista *online*, um guia de locais e eventos e uma comunidade de utilizadores. O Porto24 "nasceu da vontade de dois jornalistas, Ana Isabel Pereira e Pedro Rios, colaborador do PÚBLICO, e de um produtor multimédia, Pedro Candeias, de criar uma plataforma que congregasse a informação sobre esta área geográfica". **Lusa**

Observatório das Estradas pede devolução de portagens na A8

● O coordenador do Observatório das Estradas e das Cidades afirmou ontem que há condições para a restituição aos utentes do valor das portagens cobradas na auto-estrada A8, por existirem irregularidades nas obras que colocam em causa a segurança. "É óbvio que tinha de haver uma dedução no valor da portagem [na auto-estrada que liga Lisboa a Leiria] e essa dedução devia ser automática e não passar por um processo burocrático para o utente, o que é desmobilizador", disse à agência Lusa Nuno Salpico, do Observatório das Estradas e das Cidades.

Segundo a mesma fonte as obras de alargamento da auto-estrada A8 nos dois sentidos do troço Malveira-Loures trouxeram "irregularidades", como a redução da largura das faixas, onde se atinge velocidades de 100 quilómetros por hora, o que "é perigoso".

Troços em obra

100

quilómetros/hora é a velocidade permitida nos troços em obra, o que é considerado "perigoso"

Por outro lado, o observatório tem dúvidas quanto ao facto de a concessionária Auto-Estradas do Atlântico possuir sinalização avisadora "a muitos metros de antecedência das obras", indispensável para que os condutores adoptem uma distância considerada útil entre veículos em velocidades até aos 140 quilómetros por hora.

Neste sentido, o observatório conclui que as obras não garantem as condições mínimas de circulação e de segurança. "Não é aceitável que as pessoas numa auto-estrada andem mais devagar e em menos segurança do que numa estrada nacional, por isso é mais do que justo que as portagens sejam suspensas", explicou Nuno Salpico.

As obras criticadas pelo observatório, orçadas em 35 milhões de euros, foram iniciadas em Novembro de 2008 e tinham um prazo de execução de dois anos.



Local



Um jovem de 20 anos morreu ontem de manhã, em Leiria, devido a uma queda de um telhado. A vítima, de nacionalidade espanhola, estaria de visita a um amigo que estuda no Instituto Politécnico de Leiria e caminhou sobre um telhado de um edifício devoluto que abateu.

Cruzeiros no Douro rendem menos 2,5 milhões devido a sistema de comportas

Mário Ferreira, da Douro Azul, diz que na Europa, "ninguém fecha para manutenção uma semana sequer, quanto mais dez"

● As principais empresas de cruzeiros com actividade no Douro contestam o modelo de gestão das comportas (eclusas) do rio, queixando-se de uma redução de facturação de pelo menos 2,5 milhões de euros entre meados de Novembro e princípio de Janeiro. "Como as eclusas da Valeira e do Pocinho estão fechadas desde 18 de Novembro até meados de Janeiro, isso significa que não podemos vender percursos que façam toda a via navegável do Douro no período do Natal e da passagem de ano", observa Mário Ferreira, director do grupo Douro Azul.

"Isso quer dizer que, numa época de crise como esta, deixamos de vender cerca de um milhão e meio de euros, quando podíamos rentabilizar melhor a época, manter mais postos de trabalho e trazer riqueza para o país", continua o empresário. "Na Europa, seja no Danúbio ou no Reno, ninguém fecha para manutenção uma semana sequer, quanto mais dez", acrescenta Mário Ferreira. "E o pior é que as eclusas encerram logo a meio de Novembro e ninguém explica por que é que a intervenção não pode fazer-se entre Janeiro e Março, por exemplo, o que permitiria às empresas do sector rentabilizarem o negócio."

Humberto Tenazinha, director da filial portuguesa da Alsace Croisières, que tem sede em França e "é a maior empresa de cruzeiros fluviais na Europa", considera que o funcionamento das eclusas do Douro é "um exemplo daquilo com que se lida em Portugal, ao nível do sistema administrativo - complicativo - do país". "Temos uma entidade que é proprietária das barragens, a REN; outra que gere as barragens, a EDP; e uma terceira que controla a navegação e serve de interlocutora, que é o IPTM [Instituto Portuário e dos Transportes Marítimos]", observa o empresário.

Essa diversidade de intervenientes poderá explicar um processo de manutenção que se verifica "em fases diferentes e se prolonga por demasiado tempo", o que, para Humberto Tenazinha, tem consequências no negócio:



Operadores queixam-se de perdas no período de Natal, quando as eclusas fecham para manutenção

"Como não podemos estender o nosso programa até Espanha, deixamos de facturar pelo menos um milhão de euros."

Reconhecendo não saber se, tecnicamente, será possível encerrar todas as eclusas do Douro ao mesmo tempo, o empresário adianta que a Alsace Croisières está parada "desde Outubro já para se adaptar ao sistema que existe". A questão do emprego não se coloca porque a paragem não altera os contratos do pessoal afecto aos barcos-hotel, mas "era mais lógico proceder-se à manutenção das eclusas numa altura mais adequada", até porque "não houve cheias nem outras situações que justifiquem este calendário".

Mário Ferreira defende, por sua vez, que "dez semanas é tempo mais do que suficiente não só para se fazer a manutenção das eclusas, mas até para se renovar os equipamentos todos". Humberto Tenazinha acrescenta: "Seja em termos de sinalização, de segurança ou de fiscalização, as entidades portuguesas que são responsáveis por esta área podiam aprender alguma coisa com os outros organismos que gerem os grandes rios da Europa." A Lusa questionou o IPTM sobre esta matéria, mas ainda não obteve resposta. **Lusa**



Venda inclui lote na Bainharia

FDZHP aceita ofertas para imóveis que não foram vendidos

Patrícia Carvalho

● A comissão liquidatária da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto (FDZHP) está a aceitar ofertas de compra para os doze lotes que não foram vendidos na semana passada. O incentivo para aliciar os investidores é uma redução de dez por cento no preço base de licitação.

Depois do sucesso da última venda de imóveis - as ofertas para oito dos vinte lotes disponibilizados na altura, a concretizarem-se, permitirão à FDZHP encaixar 1,177 milhões de euros -, a comissão liquidatária quer tentar aproveitar o entusiasmo dos investidores, disponibilizando, de novo, os doze lotes que não receberam qualquer oferta. "Vamos ter agora um período em que aceitaremos propostas a partir de 90 por cento do valor base que tínhamos estipulado para cada um dos imóveis", explica Ana Teixeira, presidente da comissão.

Os interessados podem, desde já, apresentar propostas de aquisição para os prédios nas Rua e Escadas do Monte de Judeus, na Rua do Clube Fluvial Portuense, S. Miguel, S. Pedro de Miragaia, Tomás Gonzaga e também para os espaços comerciais na Rua da Bainharia, Mercadores e Monte dos Judeus (ver mais dados em www.portovivosru.pt). De acordo com Ana Teixeira, o período para a recepção de propostas poderá durar "dois ou três meses". Findo esse prazo, dependendo do resultado desta nova tentativa de alienação do património, a comissão liquidatária da FDZHP poderá abrir um novo período formal de venda de lotes.

Nos próximos dias, os investidores que licitaram os oito imóveis colocados à venda deverão formalizar essas ofertas. Se não houver desistências, o encaixe de 1,177 milhões de euros, associado aos 160 mil euros conseguidos na primeira venda, deverá permitir liquidar a dívida que a FDZHP tem junto do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social.

BE contra abandono do centro histórico do Porto

● De 1800 edifícios da zona histórica do Porto, mais de 300 encontram-se devolutos, lembrou ontem o Bloco de Esquerda, no dia em que se celebraram os 14 anos da declaração, pela UNESCO, do Centro Histórico do Porto como Património Mundial.

O dedo é apontado ao presidente da Câmara do Porto, Rui Rio, que, desde 2005, "extinguiu por completo o orçamento destinado à reabilitação do Centro Histórico da cidade". O Bloco de Esquerda destaca ainda a extinção do departamento municipal da Reabilitação e Conservação do Centro Histórico, em 2006, assim como do Comissariado para a Renovação Urbana da Área Ribeira-Barredo e da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto.

Outra das críticas apontadas é o facto de a Câmara do Porto ter "empurrado" a reabilitação do centro histórico para a Porto Vivo, Sociedade de Reabilitação Urbana que, de acordo com o comunicado do Bloco, desde a sua criação, reabilitou (directamente) apenas um edifício, na Rua das Flores.

Os bloquistas reforçam a ideia da revalorização da zona classificada Património Mundial e condenam a opção da câmara: "Obter receitas (cerca de dois milhões de euros por ano) com a venda de dezenas de edifícios de propriedade municipal e não investir sequer um euro no Centro Histórico." **David Pinheiro Silva**

Viagem Medieval da Feira poderá ser paga

Sara Dias Oliveira

● A Viagem Medieval de Santa Maria da Feira de 2011 deixará de ser gratuita se houver capacidade de vedar o perímetro do evento, que ocupa a zona histórica e se estende até ao castelo. Técnicos da câmara, empresa municipal e junta de freguesia estão a analisar a viabilidade de circunscrever a área que em Agosto acolhe um burgo medieval durante 11 dias. No início de 2011, as conclusões serão reveladas e tomada uma decisão. "Se as entradas forem pagas, será sempre um valor simbólico", garante a vereadora da Cultura da Câmara da Feira, Cristina Tenreiro. A receita arrecadada será investida nas restantes iniciativas culturais. "O pacote para a cultura teve de sofrer algumas reduções e é preciso ir buscar receitas para manter a qualidade e diversidade dos últimos anos", explica a vereadora.

Uma das dificuldades é o acesso a vários serviços, como a câmara, Correios, bancos e escritórios, que se encontram na área da Viagem Medieval. "Temos de salvaguardar todas as situações, analisar os prós e os contras, para que nada escape. Não podemos cair no disparate de os custos para vedar o espaço serem superiores às receitas." A cobrança de entradas num dos eventos que mais visitantes levam à Feira, cerca de 500 mil, surge após a câmara ter anunciado um corte de 50 por cento na transferência de verbas para a empresa municipal Feira Viva, que gere as actividades culturais.

ADRIANO MIRANDA



Entidades municipais vão analisar possibilidade de vedar o recinto

PS-Coimbra critica secretário de Estado

● A concelhia do PS de Coimbra acusou ontem o secretário de Estado dos Transportes, Correia da Fonseca, de tratar a cidade e a região com "uma desconsideração total" ao suspender o projecto do metropolitano do Mondego. Em comunicado, a estrutura presidida por Carlos Cidade considera "inadmissível e uma falta de respeito pela cidade e pela região o facto de o secretário de Estado não falar, há seis meses, com os autarcas directamente envolvidos neste processo".

A Refer ordenou recentemente aos empreiteiros das obras de requalificação em curso na linha, entre Serpins (Lousã) e Alto de São João (Coimbra), a supressão dos trabalhos relacionados com a plataforma da linha, assentamento de carris e construção da catenária, um investimento que rondaria os 13 milhões de euros.

Desde o início do ano que estavam em curso duas empreitadas superiores a 50 milhões de euros, entre aquelas duas localidades, no âmbito do Sistema de Mobilidade do Mondego, que prevê a instalação de um metro ligeiro de superfície do tipo *tram-train* na linha da Lousã e na cidade de Coimbra. **Lusa**

Local

As notícias de ambiente todos os dias no Ecosfera ecosfera.publico.pt

A (in)Cultura Metropolitana

Opinião

Mário Nuno Neves

● O recente episódio da "oferta" de espectáculos por parte da Junta Metropolitana do Porto às câmaras municipais da AMP (Área Metropolitana do Porto) é apenas mais um que serve para reforçar a ausência de uma estratégia metropolitana de cultura, capaz de gerar sinergias e contribuir activamente para a emergência de um sector cultural forte e de referência na nossa região, capaz de funcionar como contraponto, quer à capital do país, quer à vizinha Galiza. O que não significa que a maioria das câmaras da AMP não possuam e não desenvolvam políticas de índole cultural com elevada qualidade. O problema é que não existe uma liderança positiva, capaz de congregar e dar um sentido mais lato, abrangente e útil a tudo o quanto se faz.

A liderança que alguns tentaram impor através do Conselho Metropolitano de Vereadores da Cultura só teria algum sentido se o Porto, enquanto cidade capital natural da Euro-Região Norte de Portugal/Galiza, fosse um exemplo de uma política cultural de vanguarda, capaz de contribuir para a formação dos cidadãos, funcionar como pólo de atracção internacional e ter uma atitude de cumplicidade produtiva com os agentes culturais da cidade e da AMP.

Nada disso acontece. O Porto, enquanto "cidade-cultural", só pode servir de referência nalguns aspectos graças à importantíssima acção quer de Serralves quer da Casa da Música, que apesar de excelentes exemplos são, no entanto, manifestamente escassos e de origem privada, e à imensa e explosiva criatividade da juventude que, por razões académicas, a frequenta e vive.

Esta realidade prejudica gravemente toda a área metropolitana ao não criar condições de notoriedade cultural que a todos beneficiariam. Não basta querer ser "capital" é preciso saber ser e saber porque se tem que ser.

O Porto, "cidade-charneira" de



Autarquia não garante uma "cidade-cultural", que só consegue ser referência graças a Serralves e à Casa da Música

uma região do país que atravessa enormes dificuldades, é incapaz de se assumir como líder de uma estratégia de diferenciação, diferenciação essa que tem – claro que tem – que passar pela Cultura, encarada de forma séria e não como meros momentos de lazer a disponibilizar, de gosto duvidoso e de utilidade mais do que discutível. Ou seja, é necessário ter uma visão política (e aqui a questão partidária é irrelevante) que se escore numa "Ideia" para a cidade-capital-metropolitana. Imbuída da coragem de construir uma estratégia cultural ambiciosa e em parceria com os agentes culturais da cidade e da área metropolitana, que são de enorme qualidade (não fazem da cultura um mero negócio, como acontece com alguns ditos agentes "importados" da capital e que só produzem caos, confusão e desestruturação), conhecem a realidade e estão habituados a trabalhar num contexto de escassez de meios.

Para que isso seja possível não se pode encarar esses mesmos agentes culturais como "parasitas subsídio-dependentes", mas sim como parceiros indispensáveis para um progresso que signifique desenvolvimento cívico e proporcionador de riqueza partilhada, e respeitá-los na sua especificidade porque também é muito específica e diferenciada a sua área de actuação.

Esta minha visão das coisas consolidou-se em mais de uma década em exercício de funções, enquanto vereador da Cultura de uma autarquia que tem iniciativas culturais de prestígio internacional e despende muito do seu orçamento em estruturas de formação. Há mais de uma década que lido directamente com esses agentes culturais numa relação que assenta no respeito mútuo e na utilidade recíproca e posso afirmar que os resultados têm sido francamente positivos. Já agora, acrescento que entre mim e a maior parte desses agentes culturais existe uma enorme distância ideológica e até mesmo estética, mas isso nunca foi factor de entrave para nada, muito pelo contrário. Serviu, na maioria das vezes, para criar uma tensão criadora e geradora de efeitos altamente positivos e capaz de promover a credibilização mútua. *Vereador da Cultura da Câmara da Maia*

Temperatura sobe, mas mau tempo continua

David Pinheiro Silva

● O número de estradas cortadas em Portugal continental desceu ontem para três. Às 06h00 eram 25 as vias que no norte e centro estavam intransitáveis devido à neve e gelo, sendo que as zonas mais afectadas eram Guarda e Vila Real. Ao princípio da tarde toda a zona da Serra da Estrela encontrava-se desobstruída e, ao fim do dia, apenas as estradas nacionais 308-1, em Braga, e 236 e 344, na área de Coimbra, permaneciam encerradas. Já nas zonas de Leiria, Caldas da Rainha e Torres Novas, cerca de 10 000 pessoas estavam sem eletricidade devido ao mau tempo.

Apesar do aumento da temperatura no país, o mau tempo continuou a gerar obstáculos: em Oeiras, a marginal entre Paço de Arcos e o Alto da Boa Viagem esteve encerrada, nos dois sentidos, devido à forte agitação marítima. Fechou ao trânsito às 15h00, porque a forte ondulação estava a arrastar pedras para a estrada, e foi reaberta às 16h00. No Algarve, com ondas entre dois e três metros, encerraram as barras de Lagos, Alvor, Albufeira, Vila Real de Santo António e Tavira; a de Faro e Olhão ficou condicionada. O distrito de Lisboa ficou sob aviso amarelo devido à forte ondulação, enquanto que no Algarve o Instituto de Meteorologia emitiu aviso laranja, com previsões que apontavam para chuva e vento moderados.

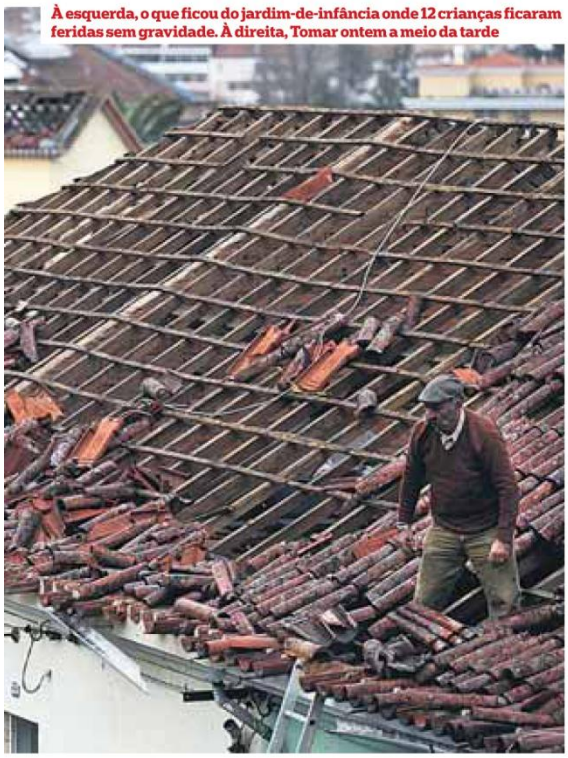
Na Madeira, apenas a meio da manhã é que foi possível aterrar no aeroporto de Porto de Santo, restabelecendo a ligação aérea com o Funchal. No entanto, as ligações permaneceram condicionadas. O arquipélago esteve sob alerta vermelho devido à previsão de ventos a 140 km/h, mas segundo a informação da Protecção Civil da Madeira, só caíram algumas árvores sem provocar danos. Nos Açores, cerca de 80 habitantes da freguesia de Fajãzinha, na ilha das Flores, estão desde sexta-feira alojados numa unidade hoteleira local, devido aos estragos provocados por um deslizamento de terras, que deixou a aldeia isolada, sem energia eléctrica e água potável. O arquipelago está sob alerta devido à agitação marítima, com ondas de sete a nove metros até ao fim do dia de hoje. **Com Lusa**



Neve cortava ontem três estradas

O NORTE E O QREN
Novas apostas, novos desafios.
ON.2
O NOVO NORTE
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE
CONFERÊNCIA ANUAL
7.Dezembro.2010
Porto.09H30
CENTRO DE CONGRESSOS DA ALFÂNDEGA
Que resultados tem a Região Norte na utilização do QREN? Que **novas apostas** estão a ser concretizadas? Que **novos desafios** se colocam?
Oradores convidados: Carlos Duarte, Carlos Lage, Claudio Sunkel, Fernando Medina*, Francisco Laranjeira, José Manuel Fernandes, Luísa Bessa, Manuela Tavares de Sousa*, Mário Rui Silva, Matos Fernandes, Paulo Areosa Feio.
* A confirmar
Programa, inscrições e outras informações em:
www.ccdr-n.pt/onorteeoqren
CCDRn Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte
QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional
União Europeia
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

Mitsubishi, o eléctrico i-MiEV já está à venda, sábado na Fugas



À esquerda, o que ficou do jardim-de-infância onde 12 crianças ficaram feridas sem gravidade. À direita, Tomar ontem a meio da tarde

ficou perturbada por falta de rede.

As comunicações também falharam em Ferreira do Zêzere e na Sertã, que tiveram o infortúnio de ficarem no caminho da Besta. À noite, o balanço do que se passou em Ferreira do Zêzere era de oito feridos, cinco desalojados - a Protecção Civil de Santarém admitiu o aumento deste número durante a noite - "milhões de euros de prejuízo", dizia o presidente da câmara, Jacinto Lopes, à Lusa. "São mais de 100 as habitações que ficaram sem telhados e os trabalhos irão decorrer durante toda a noite, disse. O fenómeno teve "um grande nível de destruição", acrescentou.

Rumo a Castelo Branco

Na Sertã, já no distrito de Castelo Branco, as instalações da empresa Resicorreia ficaram "completamente destruídas" devido à passagem do tornado, mas não há registo de feridos, disse fonte da autarquia.

Bocados da estrutura do edifício da Resicorreia, que faz reciclagem de óleos, "voaram". O comandante operacional distrital da Protecção Civil de Castelo Branco, Rui Esteves, revelou que o tornado provocou danos em 30 habitações, o único afectado neste distrito. A zona de Vale do Porco, a cerca de sete quilómetros a norte da vila da Sertã, foi a mais fustigada, com 18 casas danificadas, cinco em Vilar da Carga, duas em Valadas, duas em São João do Couto, duas na Redonda e uma na Fonte Branca.

Não hvia até à noite feridos a registar nesta zona. De acordo com fonte da autarquia, toda a vila estava sem electricidade e por isso todos os funcionários do edifício da câmara foram dispensados ao longo desta tarde.

O mais forte desde 2006?

Também não havia qualquer informação de estradas cortadas no concelho. Para além dos danos causados nas habitações, houve árvores arrancadas pelo tornado. Sobre os rumores que surgiam durante a tarde de que o tornado se estaria a dirigir para a cidade de Castelo Branco, o responsável da Protecção Civil afirma tratar-se de "uma tolice". Algo que o governo civil daquele distrito também desmentiu.

Segundo Carlos Catalão, chefe de gabinete da governadora civil de Santarém, Sónia Safona, a região tem sido afectada por fenómenos meteorológicos semelhantes ao que atingiu Tomar e Ferreira do Zêzere. Porém, a ocorrência de ontem foi "a mais violenta" desde pelo menos 2006. "Isto tem a ver com as alterações climáticas e, ano após ano, tem vindo a atingir cada vez mais violência", sustenta aquele responsável.

Desde 2006, "houve todos os anos pelo menos uma ocorrência deste género". No ano passado, uma central fotovoltaica, na freguesia de Areias, concelho de Ferreira do Zêzere, foi destruída por um temporal. Em 2008, um fenómeno com características semelhantes atingiu a povoação de Amiais (Santarém), Alcanena e Torres Novas, adiantou Carlos Catalão. **com Carlos Filipe, Marisa Soares, Nuno P. Chorão e Lusa**

Metro começa a operar a 2 de Janeiro a nova linha de Gondomar

David Pinheiro Silva

Valentim Loureiro teme não vir a ter uma ligação de metro até ao centro do concelho

● É já a 2 de Janeiro que a Metro do Porto começará um novo serviço, entre a Senhora da Hora e Fânzeres, utilizando, entre esta estação e o Estádio do Dragão, um novo troço, ontem apresentado pela empresa, publicamente. A abertura da Linha Laranja corrige um erro do projecto do metro, que ignorou, na primeira fase, o concelho que, depois de Gaia, gera maior movimento pendular de pessoas para o Porto. Mas para Valentim, Loureiro, ex-presidente da Metro, a emenda é parcial. Para o o autarca de Gondomar, falta a ligação ao centro do concelho, prevista numa nova linha que, teme, a crise se encarregará de adiar.

"Temos esta linha que fica a 3 ou 4 quilómetros de Gondomar, e a outra está no papel", atirou Valentim durante a viagem de metro da estação de Contumil até Fânzeres, que serviu de apresentação do novo percurso, no dia em que a Metro do Porto celebrou oito anos. O autarca não acredita que a cidade venha a ter a ligação directa (Campanhã-Gondomar), uma das linhas previstas para a segunda fase da expansão da rede. Mas o presidente da Metro do Porto, Ricardo Fonseca, mostrou-se mais optimista quanto a esta questão e garantiu a entrega do processo de lançamento do concurso público ao Governo até ao final deste ano: "Sabemos que a situação é difícil, mas até à data não tivemos qualquer indicação que nos leve a duvidar o avanço da segunda fase da Metro do Porto."

A próxima etapa das obras (ainda sem data de avanço) terá um custo de mil milhões de euros e prevê ainda as novas linhas do Campo Alegre (Matosinhos Sul-S. Bento), S. Mamede (Aspre-la-Matosinhos Sul) e o prolongamento da linha de Gaia para sul, até Vila d'Este. Ricardo Fonseca não adiantou uma data concreta para a conclusão desta fase de expansão, mas apontou o ano de 2018 como possibilidade, salvaguardando que tudo depende do lançamento do concurso e da calendarização que for aprovada.

Seguindo um apelo feito nas últimas semanas pela Junta Metropolitana do Porto, Valentim Loureiro sugeriu que se utilizassem os fundos previstos para o TGV para concluir as linhas da Metro do Porto que, argumenta, "serviriam muito melhor a população". Gondomar, lembrou, fica a ser o único dos sete concelhos abrangidos pela rede do metro em que este não chega ao centro da cidade.

A nova linha, representada pela cor laranja, teve um custo de 135 milhões de euros. Foram construídas dez novas estações (e quatro parques de estacionamento gratuitos com uma lotação de 472 lugares) ao longo de sete quilómetros que ligam Fânzeres ao Estádio do Dragão, aumentando a rede da Metro do Porto para um total de 80 estações e 67 quilómetros. Na linha F, a viagem de Fânzeres ao Estádio do Dragão faz-se em 18 minutos; até à Trindade faz-se em 26 minutos e até à Casa da Música em meia hora. Depois do Natal estão previstas viagens gratuitas na nova linha para promover o percurso junto da população em geral e a partir do dia 2 de Janeiro começa o serviço comercial.

NFACTOS/FERNANDO VELUDO



As estações de Contumil e Nasoni ainda servem o concelho do Porto

Oitavo aniversário do metro do Porto

Projecto enfrenta incerteza financeira

● São 32,5 milhões de quilómetros, que equivalem a 2500 voltas ao planeta Terra. Esta é a distância que o metro do Porto percorreu ao longo dos seus oito anos de existência. Inaugurado a 7 de Dezembro de 2002, o metro celebrou ontem o seu oitavo aniversário, mas o futuro e a viabilidade financeira da empresa que gere o serviço têm prognóstico reservado.

Apesar de contar com cerca de 275 milhões de clientes transportados entre 1 de Janeiro de 2003 (data do início da exploração comercial) e 6 de Dezembro de 2010 - um número que equivale a 197 vezes a população da Área Metropolitana do Porto -, a empresa encontra-se numa situação de insustentabilidade financeira, sem solução à vista. No entanto, a rede continua a aumentar e a Metro do Porto espera dar início em breve à segunda fase de expansão das linhas (o processo do concurso público será entregue ao Governo nas próximas semanas).

A fracção da população que mais partido tira do serviço são os jovens, tendo em média os clientes da Metro do Porto 33 anos (30 por cento dos clientes são estudantes). Das deslocações feitas no metro, 52 por cento são pendulares e 27 por cento são de lazer. Os números apontam para uma forte dependência deste serviço por parte de trabalhadores e estudantes, que poderiam vir a ficar com poucas alternativas de transporte, caso a situação financeira da Metro do Porto a levasse, no extremo, à falência.

A empresa, que estima ter gerado benefícios sociais num valor global de 2471 milhões de euros, prevê chegar ao final do ano com uma dívida de 2250 milhões de euros. E o grande problema da Metro está na incapacidade de directamente, por via de receitas, ou indirectamente, com apoios do Estado, conseguir pagar os encargos que ela gera. Para além dos juros com a dívida existente e com os empréstimos que será obrigada a pedir para cobrir os défices de exploração anuais, caso o Governo aprove a segunda fase de obras, a Metro terá de pagar (durante 20 anos) uma renda de dezenas de milhões de euros ao consórcio que ficar com a obrigação de construir e manter o possível novo conjunto de linhas, cujo valor ronda os 1300 milhões de euros.

No entanto, na celebração do seu oitavo aniversário, a Metro do Porto preferiu salientar seu sucesso como serviço público, apresentando um índice global de satisfação dos clientes na ordem dos 76 por cento. **D.P.S.**

Portugal

Q.b.

Clima

Vaga de frio deve ficar até ao Natal

O Instituto de Meteorologia prevê um acentuado arrefecimento em todo o território nacional que se deve manter até ao Natal. A vaga de frio começa a fazer-se sentir já hoje e persistirá até ao próximo dia 23, com temperaturas negativas nas Penhas Douradas, nos distrito de Bragança e Vila Real. O arrefecimento será igualmente sentido em todo o país, com sensível diminuição das temperaturas máximas e mínimas. Para sábado, há probabilidade de chover.



Novas barragens

Arquivada queixa de ambientalistas

A queixa de organizações ambientalistas contra o Plano Nacional de Barragens (PNB) foi arquivada pela Comissão Europeia, ontem, em Bruxelas. A decisão foi comunicada ao Ministério do Ambiente, que se congratulou com o arquivamento. O PNB, segundo a agência Lusa, prevê a construção de sete barragens, que turbinarão energia que irá contribuir para a diminuição da importação de petróleo, com uma poupança de 205,2 milhões de euros anuais.

Ambiente

Mora no vale do Côa a primeira área protegida privada do país



MANUEL ROBERTO

A criação da primeira área protegida privada do país, Faia Brava, gerida por uma associação, foi reconhecida ontem em *Diário da República*, com os seus 214 hectares num vale profundo do rio Côa. A responsável é a Associação Transumância e Natureza (ATN).

Esta é uma história que começou em Abril de 2009, quando a ATN pediu às autoridades de conservação da natureza a criação de uma área protegida privada, nos concelhos de Castelo Rodrigo e de Pinhel. O despacho ontem publicado justifica a "luz verde" por este ser um "contributo importante para a conservação dos valores naturais e da biodiversidade, bem como para a valorização do património geológico e paisagístico".

A área, integrada na Zona de Protecção Especial do Vale do Côa e no Parque Arqueológico do Vale do Côa, abrange valores naturais raros e com valor científico e ecológico que justificam a sua integração na Rede Nacional de Áreas Protegidas. Segundo o Plano de Gestão para a área (2009-2019), nela incluem-se 149 espécies de vertebrados, nomeadamente seis peixes – uma espécie ameaçada –, nove anfíbios, nove répteis, cem aves (11 das quais ameaçadas) e 25 mamíferos (três ameaçadas).

"Esta é a demonstração de que existem proprietários e gestores que entendem ser benéfico um estatuto de área protegida", comentou ao PÚBLICO o secretário de Estado do Ambiente, Humberto Rosa, o que leva a um "novo paradigma de envolvimento dos privados".

Greve

PJ com horário de escritório

Os funcionários de investigação criminal da Polícia Judiciária iniciam hoje uma greve ao trabalho extraordinário. A partir das 17h30 e até às 9h, por um período indeterminado, não serão feitas diligências (buscas, detenções, escutas, acompanhamentos ou quaisquer outros actos processuais), uma vez que os polícias, mesmo tendo o parecer favorável dos tribunais, não recebem qualquer montante pelo trabalho realizado fora do horário normal de trabalho.

Gestão de privados

Serviços funerários vão ser mais caros

Entrou em vigor anteontem o novo decreto-lei que autoriza instituições particulares a gerir cemitérios e capelas. O diploma introduz também a possibilidade de as agências funerárias procederem à cremação de restos mortais não inumados ou exumados. Nuno Monteiro, presidente da Associação Nacional de Empresas Lutuosas, admitiu ontem ao PÚBLICO uma subida de preços no sector "natural com a abertura do ramo e aumento da concorrência".

Temporal na Madeira

Ajuda de 31,2 milhões Aprovada pelo PE

Uma ajuda de 31,2 milhões de euros para ajudar à reparação dos estragos causados pelo devastador temporal que flagelou a Madeira, há dez meses, causando elevados prejuízos e 40 mortes, foi aprovada ontem no Parlamento Europeu. Com esta decisão, que teve 476 votos a favor, sete contra e duas abstenções, foi dado o último passo para o desbloqueamento da verba do Fundo de Solidariedade da União Europeia.



Saúde

Aumento de cuidados paliativos

O Plano de Acção para Cuidados Paliativos para 2013, apresentado ontem no Porto, espera agilizar o acesso a morfina a doentes em cuidados paliativos fora do Serviço Nacional de Saúde e criar centros de formação nesta área, nos Institutos de Oncologia de Lisboa e Coimbra. Ana Jorge, ministra da Saúde, prevê a criação de uma rede de cuidados paliativos que "dê respostas a todos os doentes", através de um processo de acção contínuo.

Porto Comum oferece um dia diferente aos sem-abrigo

Cerca de 600 voluntários vão estar hoje na Praça dos Leões, no Porto, a confeccionar e servir refeições e a montar e distribuir *kits* de higiene à população sem-abrigo do Porto. A iniciativa, denominada *Porto Comum*, foi organizada pela Optimus, através do programa Smile, e por instituições da Rede Social do Porto.



Leia o blogue de Paulo Frias sobre o Second Life blogs.publico.pt/discursosdooutromundo

Direcção Nacional da PSP contra fiscalização do trânsito nas mãos da polícia municipal

Inês Boaventura e Victor Ferreira

Autarcas de Lisboa e Porto não comentam críticas feitas ontem por "subordinados do Governo"

● O presidente da Câmara de Lisboa recusou ontem pronunciar-se sobre as críticas feitas pelo director nacional adjunto da PSP e pelo Sindicato Nacional de Oficiais de Polícia, com o argumento de que só discute o assunto directamente com o Ministério da Administração Interna. "O nosso interlocutor é o Governo. Não me compete comentar a opinião de subordinados do Governo ou de estruturas sindicais", disse António Costa em declarações ao PÚBLICO.

No centro desta divergência de opiniões está a negociação das autarquias de Lisboa e do Porto para que a fiscalização do trânsito deixe de ser competência da PSP e passe para as polícias municipais.

"Prosseguimos as negociações com o Governo", acrescentou António Costa, que também não quis opinar sobre a possibilidade de as críticas que têm vindo a público comprometerem o andamento das conversações. Isto depois de Rui Rio, presidente da Câmara do Porto, ter dito na sexta-feira passada que "o protocolo que vai ser assinado pelo Ministério da Administração Interna, pela PSP e pelas duas câmaras está numa fase adiantadíssima e deve ser possível, com mais uma reunião, fechar a negociação".

Ontem António Costa disse ainda que partilha com Rui Rio o entendimento de que as polícias municipais devem "dispor dos instrumentos necessários para assumir a competência de regulação do trânsito". Isto, acrescentou o autarca de Lisboa, permitirá à PSP "concentrar recursos naquilo que lhe compete e que os cidadãos exigem: a segurança e uma mais eficaz repressão da criminalidade". Só assim, concluiu, "os cidadãos serão melhor servidos". A Câmara do Porto não respondeu às questões sobre estas críticas.

Depois de o sindicato que representa os oficiais de polícia ter sugerido, no início da semana, que a transferência de competências se deve ao interesse das autarquias em arrecadar mais receitas através das multas, ontem foi a vez de a direcção nacional da PSP manifestar a sua oposição à medida. "Há questões relativamente ao trânsito que ultrapassam o mero estacionamento, o mero mandar parar e avançar. Há questões de ordem criminal e o órgão de polícia criminal nestas duas cidades, Lisboa e Porto, é a PSP", afirmou à Lusa o director nacional adjunto, Guilherme Guedes da Silva, após uma audiência na subcomissão parlamentar de Segurança Rodoviária. "Não vejo com bons olhos" a transferência de competências, acrescentou, considerando um "mau princípio" esta intenção. Para Guedes da Silva, as polícias municipais são fundamentalmente administrativas. **com Lusa**

Governo disse que não fecharia a 3.ª Repartição de Gaia

● O deputado do PCP Honório Novo acusa o Governo de ter voltado com a palavra atrás, depois de, em 2009, numa resposta a um requerimento do parlamentar, ter afirmado que não pretendia encerrar a 3.ª Repartição de Finanças de Gaia, nos Carvalhos. Ontem, centenas de pessoas manifestaram-se nos Carvalhos contra o encerramento da repartição, que o presidente da Junta de Pedroso, António Tavares, considerou "inconcebível" e "inexplicável". Até ao final do ano, os serviços da 3.ª Repartição de Finanças deverão passar para a nova Loja do Cidadão que está a ser instalada no Arrábida Shopping, em Gaia. **D.P.S. com Lusa**

PUBLICIDADE



Local



Uma comissão multipartidária dos concelhos de Miranda do Corvo, Lousã e Coimbra decide quinta-feira as formas de luta a adoptar contra a suspensão das obras do Metro Mondego. Uma das medidas pode passar pelo despejo de entulho à porta da residência do primeiro-ministro.

Câmara de Lisboa pondera criar nova taxa para financiar bombeiros e protecção civil

Ana Henriques

PSD diz que não está disposto a viabilizar medida, enquanto Associação Lisbonense de Proprietários fala em inconstitucionalidade

● A Câmara de Lisboa está a ponderar a criação de uma nova taxa para financiar os bombeiros e o serviço da protecção civil. A novidade foi dada pela vereadora das Finanças, Maria João Mendes, numa entrevista concedida por escrito ao *Jornal de Negócios*. Segundo a autarca, o município está neste momento a avaliar "o fundamento económico-financeiro, nos termos da lei" de uma medida deste tipo.

A Associação Lisbonense de Proprietários (ALP) já criticou a intenção de cobrar a taxa, por considerar tratar-se de "um imposto disfarçado" que viola o princípio constitucional da igualdade tributária. "Esta nova taxa atenta gravemente contra o princípio constitucional da igualdade tributária", considera a ALP num comunicado enviado à Lusa, recordando que a protecção civil "é uma função do Estado e não consiste em nenhum serviço público local de que os proprietários beneficiem".

Para a ALP, fazer com que uma função geral do Estado seja "financiada exclusivamente por uma categoria isolada de cidadãos" é uma opção que "atenta gravemente" contra um princípio definido na Constituição. A mesma associação considera que a cobrança de taxas pela prestação de serviços na área da protecção civil e prevenção de riscos admitida na legislação "pressupõe uma prestação de serviços específica ao munícipe". "Não havendo, neste caso concreto, nenhuma prestação de serviços, esta nova taxa constitui, na realidade, um imposto disfarçado, sendo assim manifestamente inconstitucional e ilegal a sua cobrança", considera a ALP, sublinhando não ser obrigação dos proprietários dos imóveis da cidade "financiar o despesismo e a má gestão da Câmara de Lisboa".



PSD não viabiliza a medida

Contactada pelo PÚBLICO, a autarquia afirma que o enquadramento legal da taxa está "a ser estudado" e que "obviamente não tomará qualquer decisão que atente contra a legalidade ou constitucionalidade".

Para o líder da bancada do PSD na Assembleia Municipal de Lisboa, António Prôa, a discussão do assunto é pura perda de tempo, uma vez que o seu partido não está disposto a viabilizar a medida.

Gaia aplica taxa em 2011

Vila Nova de Gaia vai começar a aplicar esta nova taxa para o ano. Só no pagamento de horas extraordinárias aos bombeiros a Câmara de Lisboa estima gastar, em 2011, mais de sete milhões de euros.

Autarca de Arouca vai a Lisboa cobrar variante prometida

Sara Dias Oliveira

● O presidente da Câmara de Arouca, o socialista Artur Neves, decidiu suspender a agenda política, porque teme que a conclusão da construção da variante de ligação do concelho ao nó da A1, na Feira, não saia do papel. O autarca parte quinta-feira para Lisboa para recordar as promessas feitas por políticos de diferentes partidos, nomeadamente José Sócrates. "Vou procurar esgotar todas as vias diplomáticas, porque ainda acredito que será possível resolver este assunto. Não desistirei nesta questão e transmitirei o desconsolo, a desconsideração e o desrespeito que os arouquenses sentem", refere.

Num despacho governamental, assinado há uma semana, há um ponto que suspende o trabalho da comissão, criada em Agosto deste ano, que tinha como missão renegociar o contrato de concessão da A32, na tentativa de, entre outros aspectos, tentar que a variante Arouca-Feira chegasse até essa auto-estrada. O autarca do PS não compreende os consecutivos recuos na conclusão da via que aproximará Arouca do litoral e garante que só sairá de Lisboa depois de resolver o assunto. "Não compreendo: vêm todos a Arouca prometer que a obra se faz e, na prática, anulam sucessivamente o que dizem que vão fazer."

Artur Neves lembra a promessa de José Sócrates, a 20 de Setembro do ano passado, em plena campanha eleitoral: "Nesse dia, reafirmou e prometeu aos milhares de arouquenses, que estavam na avenida, que ia executar a obra."



Eng.º ARMANDO RODRIGUES GAGO
(Capitão do Exército)

FALECEU

Sua Mulher, Arq.ª Maria Ondina Ribeiro da Silva Gomes Rodrigues Gago, seus Filhos, Ana Paula, Marido e Filhos, Anabela e Filhos, Miguel e Mulher, e demais Família participam o falecimento do seu ente querido. O corpo irá encontrar-se em Câmara-Ardente, hoje, 3.ª feira, a partir das 17 horas na Igreja dos Jerónimos - Lisboa. Será celebrada Missa de Corpo Presente, amanhã 4.ª feira, pelas 13.15 horas, seguindo-se o funeral para o Crematório do Cemitério dos Olivais.

Loja Restelo
Servilusa - Número Verde Grátis 800 204 222
Serviço Funerário Permanente 24 Horas

Armeiro condenado no Porto por tráfico de armas

● Um armeiro do Porto, gerente de um estabelecimento comercial em Sá da Bandeira, foi ontem condenado a cinco anos e nove meses de prisão pelo crime de tráfico de armas agravado. Também um feirante foi condenado à mesma pena pelo Tribunal de São João Novo, no Porto.

O tribunal deu como provado que o armeiro Rodolfo Teixeira e o feirante Angelino Sá se dedicavam "com regularidade à compra e venda de armas de fogo e respectivos acessórios e munições". O armeiro, que desde 2001 estava proibido pela PSP de vender armas de fogo, seria mesmo "o elo central a que as pessoas se dirigiam para vender armas". O tribunal recordou que "os crimes relacionados com armas são os que mais aflição provocam" na sociedade. "É por haver pessoas como os senhores que se dedicam a armas que elas chegam às mãos de pessoas que as usam indevidamente", disse o juiz presidente.

No âmbito deste processo, outro feirante foi sentenciado a três anos de prisão por tráfico de armas, uma mulher foi condenada a uma pena de multa de 1250 euros que deverá entregar a uma IPSS e um espingardeiro condenado a uma pena de multa de 1500 euros. Entre as dezenas de armas comercializadas, algumas das quais apreendidas em buscas às casas dos arguidos, estão pistolas Glock exclusivas da polícia, várias pistolas-metralhadoras, espingardas, entre outras. Segundo a acusação, as Glock chegaram a ser negociadas por valores entre os 3750 os quatro mil euros.



O tribunal recordou que "o crime de tráfico de armas" é "a origem da criminalidade violenta" que urge prevenir

Situação de risco
Grua instável obrigou a fechar rua do Porto

● A desmontagem de uma grua com mais de 30 metros que ameaçava cair obrigou as autoridades a cortar a circulação na Rua de Camões, no Porto, no troço entre as ruas de João das Regras e do Paraíso, das 7h30 às 14h30. "Não caiu por sorte", comentou o chefe dos Sapadores do Porto, Antero Leite. A cedência do terreno que suportava uma das sapatas provocou a instabilidade da grua.

Consignação amanhã
Tribunal do Trabalho de Viana em obras

● As obras de adaptação dos edifícios administrativos projectados por Fernando Távora, na Praça da Liberdade, em Viana do Castelo, que o Ministério da Justiça arrendou há mais de dois anos para reinstalar o Tribunal do Trabalho, são consignadas amanhã pelo ministro Alberto Martins.

Orçadas em 1,3 milhões, devem estar concluídas em Setembro/Outubro de 2011. O actual tribunal está em risco de ruína, como atestaram em 2006 a Inspecção-Geral do Trabalho e o Centro Regional de Saúde Pública.

Desvio de 500 mil euros
Câmara de Pombal demite funcionário

● O funcionário da Câmara de Pombal, que está em prisão preventiva e é suspeito de ter desviado meio milhão de euros de uma conta bancária do município, vai ser demitido, disse ontem o vereador com o pelouro dos Assuntos Jurídicos, Michael António. Segundo o vereador, a câmara decidiu ainda notificar o trabalhador "para devolver todo o dinheiro que subtraiu aos cofres do município, no valor de 526.964,01 euros".

O processo disciplinar vai ser, agora, enviado ao Ministério Público.

Chuva e vento
Mau tempo fez três feridos na Madeira

● Três pessoas sofreram ontem ferimentos ligeiros na Madeira devido às chuvas intensas que caíram no Funchal, Ribeira Brava e no Curral das Freiras, causando também danos em viaturas e habitações, disseram fontes da protecção civil e de autarquias.

Três pessoas ficaram feridas no Curral das Freiras quando removiam lamas e entulhos, disse à Lusa o presidente da Câmara Municipal de Câmara de Lobos, Arlindo Gomes.

No Funchal, o ribeiro de Santa Luzia transbordou e a Praça da Autonomia ficou inundada de lama e entulho.

Alternativas Noite de consoada e feriado de 25 não se passam necessariamente em casa

O Natal é onde um homem quiser

Pode ser na mata, numa casa da serra, num bar ou até na universidade. Há festas e outras propostas em Porto, Braga, Aveiro...

David Pinheiro Silva

● Pherrugem, Alfaiate, Altar, Armazém do Chá, Café Lusitano, Candelabro, Rosa Escura, Clube 3 C e Twins são apenas alguns dos bares do Porto que estão abertos esta noite. Para quem prefere passar a noite a dançar, o Gare, junto à estação de São Bento, organiza a festa *Passe o Natal cá em casa*, enquanto o Tendinha Indiscreta junta os DJ's Ricardo Teixeira e Jorge Monteiro. Amanhã, dia de Natal, também só fica em casa quem quer. A festa *F**cking Xmas* vai celebrar a terceira edição. O evento que gira em torno do conceito *B2B - Back to Back* - vários DJ actuam ao mesmo tempo, alternando turnos na mesa de mistura. Os artistas escolhidos para esta "noite de Natal" são os espanhóis Elements of Vegeanze (pela primeira vez em Portugal) e Erre, ambos com sonoridades electrónicas *hardcore*. Actuam ainda Blast, Dkaos e BSA, todos artistas da Yellow-Stripe.

No mesmo dia, no Hard Club, o *metal* pinta o Natal de negro com o *Invicta X-Massacre 2*. A segunda edição deste evento conta com três ícones do *metal* portuense: Web, Pitch Black e Holocausto Canibal. Na mesma linha, o Matanças, que acabou ontem, é uma subversão natalícia, com alguns costumes tradicionais estão presentes, mas com um *twist* satânico. Entre os dias 22 e 23, realizaram-se concertos, sonorização de películas pela Black Hole Cinema Ensemble, conferências sobre *Demonologia, Ódio, Exumações* "e afins" e provou-se a "gastronomia do Cabrão" (aletria com pentagramas de canela, por exemplo). Realizou-se na Casa Viva, um prédio "ocupado" e reabilitado, na Praça do Marquês, para actividades urbanas e culturais.

Nos "Bananos" de Braga

Igualmente estranha, mas muito mais consensual, é a tradição que se cumpre esta tarde em Braga. Ninguém sabe bem como isto começou, mas já lá vão mais de trinta anos desde que a Casa das Bananas, na Rua do Souto, no coração de Braga, se tornou ponto de encontro obrigatório no final da tarde de 24 de Dezembro. Desde então, este peculiar evento de Natal foi ganhando cada vez mais adeptos. No Natal do "Bananeiro" há bananas e "bananos" - um cálice de moscatel do Sado. A combinação vem do tempo em que o fruto era pouco acessível, mas permanece como símbolo de uma tarde de reencontro entre velhos amigos e iniciados. Hoje, é tão concorrido que a rua se torna pequena para tanta gente. E no final, garante quem já participou, é difícil ter vontade de comer o bacalhau da consoada.

Numa aldeia de xisto

Quando a família é numerosa e está espalhada pelo país, pode ser complicado chegar a consenso sobre o local da ceia. Uma hipótese, para repartir equitativamente distâncias entre quem vem do Norte e do Sul, é arrendar casa numa das aldeias de xisto espalhadas por vários concelhos da Região Centro. Paulo Peralta, da Naturxisto, uma empresa de turismo em espaços rurais, diz já ter arrendado casas na aldeia do Talasnal, na serra da Lousã, nos dias de 24 e 25 de Dezembro. "No ano passado foram nove pessoas. Algumas eram de Évora, outras do Porto e de Lisboa e, por isso, encontraram-se aqui", recorda. Na mesma aldeia, o restaurante Ti Lena também serve refeições para a ceia de Natal ou para o dia 25, com marcação prévia.

Na Mata do Buçaco

A pensar numa relação ainda mais próxima com a natureza, a Fundação Mata do Buçaco oferece um programa especial: exposições, visitas guiadas e concertos são as propostas para quem neste Natal passar pela mata. Hoje cumpre-se a tradição de acender, junto à Igreja Paroquial do Luso, o madeiro de Natal, uma grande fogueira que aquece todos quantos esperam pela realização da missa do Galo, à meia-noite. Às 0h30, no mesmo local, serão servidos aos visitantes café e filhoses. Amanhã, a partir das 14h30, será organizado um presépio vivo na Mata Nacional do Buçaco. E no domingo, às 21h, no Convento de Santa Cruz, haverá um concerto de Natal pelo Grupo Coral Magister, da Mealhada, e um recital de poesia. A iniciativa *Natal na Mata* prolonga-se até 8 de Janeiro.

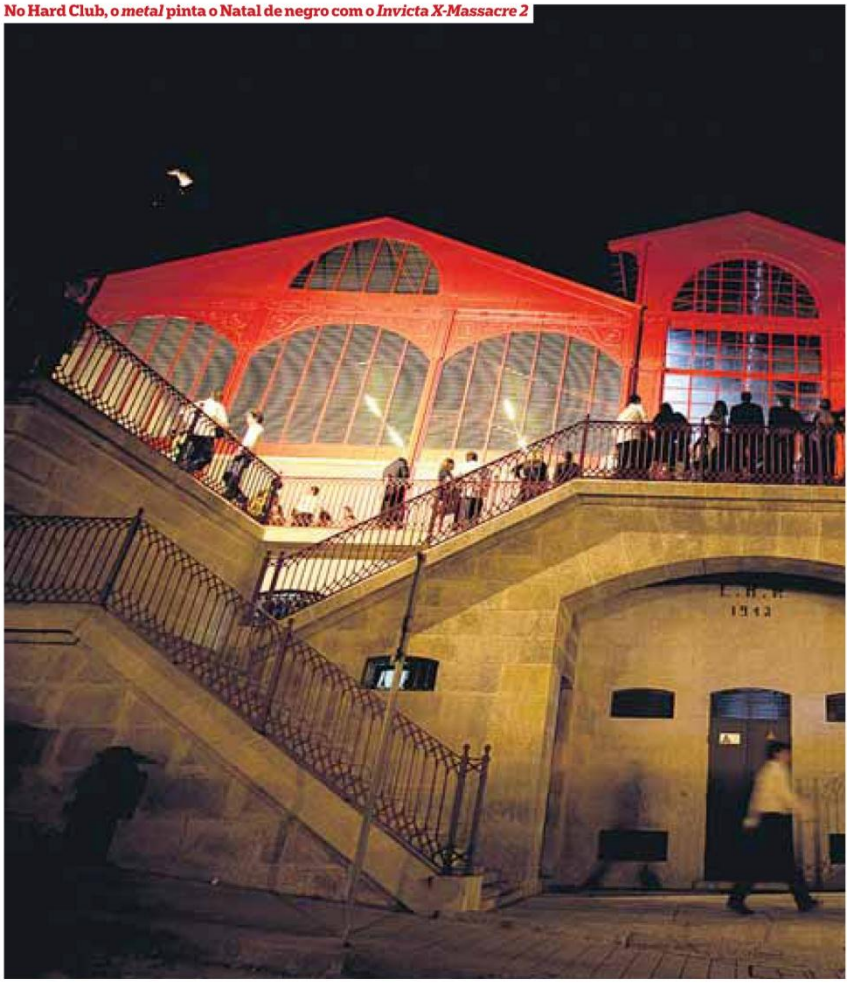
No *campus* de Aveiro

A Universidade de Aveiro organiza hoje a ceia universitária, uma proposta especialmente dirigida aos alunos e investigadores que permanecem longe das suas famílias nesta época festiva. Os serviços de acção social da instituição promovem uma ceia de Natal gratuita, no espaço do Centro Universitário de Fé e Cultura, destinada a toda a comunidade universitária. O jantar está marcado para as 19h30 e pretende contribuir para que a noite de Natal não signifique isolamento para ninguém.

Num bar da Barra ou Viseu

Depois do jantar, quem quiser sempre pode dar um salto ao Opção Bar, na praia da Barra. Assim acontece há já 17 anos - este bar foi pioneiro na região de Aveiro na aposta de abrir na noite de Natal - e a ideia parece estar a reunir cada vez mais adeptos. Até porque funciona como um prolongamento da festa, entre família e amigos.

Em Viseu, António Alves, o proprietário do Obviamente Bar, no centro histórico, espera "apelar à auto-estima dos portugueses" em tempos de crise com uma noite de música exclusivamente nacional, que tem início às 23 horas. **com S.S./A.J./M.J.S./S.F.**



No Hard Club, o *metal* pinta o Natal de negro com o *Invicta X-Massacre 2*

Capital com muitas opções

O Maxime de Lisboa está cheio

● Em Lisboa, após a consoada, quem enveredar por outros caminhos que não os da Missa do Galo tem muitas opções à escolha para passar mais um Natal fora de portas e alternativo.

No número 1 da Rua da Moeda, perto do Cais do Sodré, Mighty Caesar vai tomar conta do som no Lounge, espaço que conhece e onde põe música regularmente. Nesta casa, as festas nesta altura de Dezembro já são uma tradição por si só: a quadra natalícia no bar começou no dia 16, com mais uma sessão das *XXXMas-Músicas de Natal Avariadas*, com um *set* de Mário Valente e Mr. Mitsuhirato.

Mais acima, no Bairro Alto, a animação no Café Suave está a cargo do DJ Fernando M, que pede apenas que ninguém espere por clássicos de Natal. O espectáculo, chamado *Expect No Xmas Classics*, começa à meia-noite e acaba às três da manhã.

No *cabaret* Maxime, o prato não é bacalhau, mas sim atum. A partir da uma da manhã, a banda Corações de Atum serve de desculpa para o *cabaret* não só abrir, mas "escancarar as suas portas para receber todos os aventureiros que rejeitam a peúga e o bacalhau de sempre".

'Em família é para meninos'

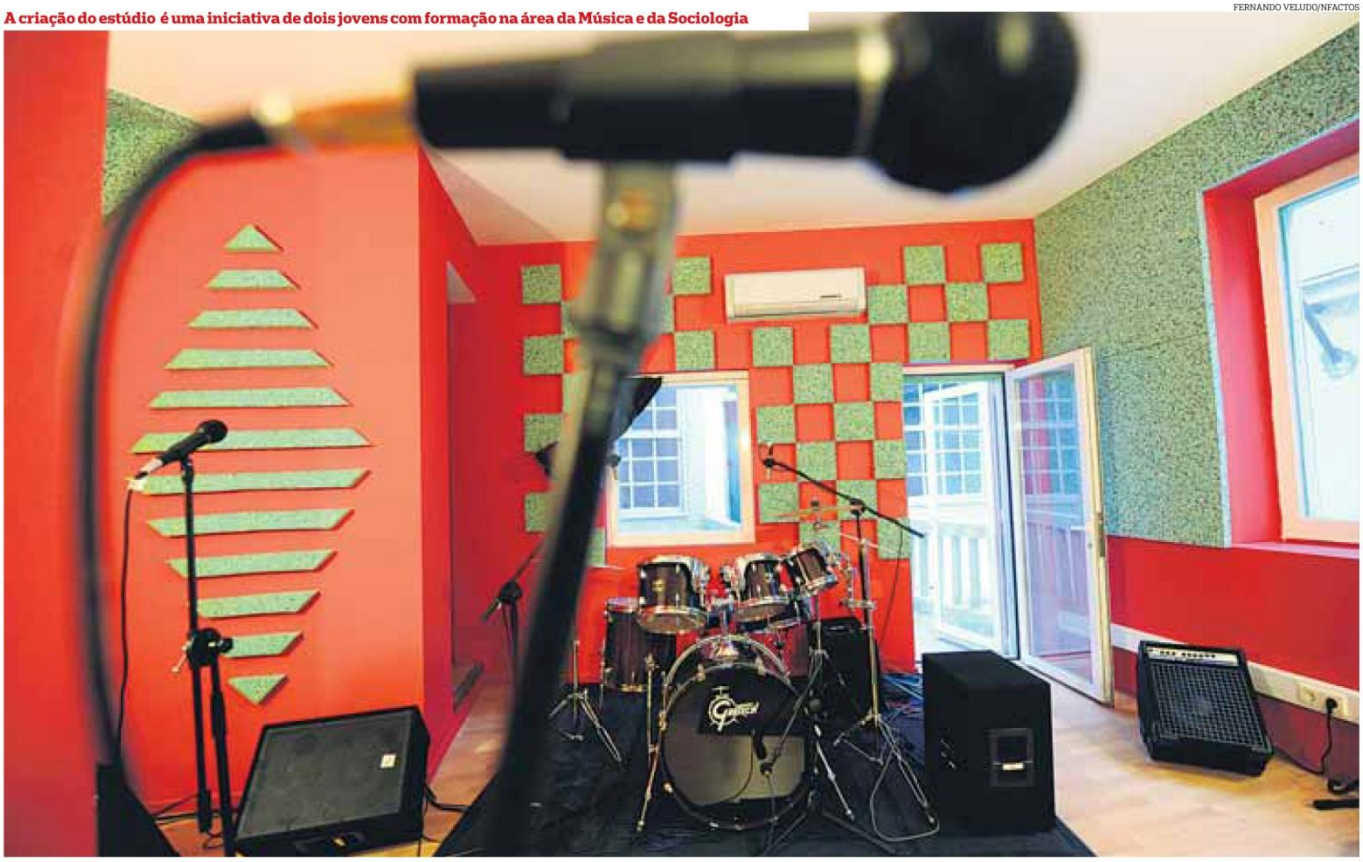
"Isso da consoada em família é para meninos", sublinha o convite do Maxime. A banda Corações de Atum, fundada por Manuel João Vieira, proprietário do espaço, já tinha mostrado a sua pop recheada com ironia na actuação no programa da RTP *Praça da Alegria*, na véspera de Natal do ano passado.

Para quem preferir estar mais perto do mar, o Kremlin, na Avenida 24

Reconversão Antiga fábrica Imperial deu lugar a estúdio de ensaio e gravação

A criação do estúdio é uma iniciativa de dois jovens com formação na área da Música e da Sociologia

FERNANDO VELUDO/NFACTOS



O Porto já pode gravar música, talvez com cheiro a bolacha, na Rua de Entreparedes

O novo Estúdio Entreparedes é um projecto que pretende articular-se com outros espaços de criação musical que visam também contribuir para a reabilitação do centro da cidade

David Pinheiro Silva

● Tempos de necessidade aguçam o engenho. O Estúdio Entreparedes, no Porto, é mais um dos exemplos desta realidade, sentida sobretudo na área criativa, defende Paulo Pinto, de 28 anos, o proprietário do espaço. "Desde que acabei o curso, há cerca de dois anos, tenho tido algum trabalho, sempre a recibo verde, nada que me permita ter segurança financeira para sair de casa dos pais e sustentar-me."

Licenciado pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, Paulo Pinto e Fernanda Roxo (socióloga de formação) escolheram o centro do Porto para um projecto primordialmente voltado para a comunidade de músicos e artistas da região.

O estúdio ocupa as antigas instalações da fábrica de bolachas Imperial, o número 33 da Rua Entreparedes (junto à Praça da Batalha), conhecida pelos portuenses pelo doce aroma de bolacha que ali se sentia. Para Paulo Pinto, ficar fora do centro do Porto não era opção e o estúdio também não seria o que é, se não estivesse na antiga fábrica . Os anexo e oficinas foram transformados em duas salas de ensaios e numa de gravação e produção - a *régie*.

O grande desafio na concretização do projecto foi o financiamento: "Quando idealizámos o projecto já contávamos com estas dificuldades, mas acabou por ser ainda mais complicado do que aquilo de que estávamos à espera", comenta Paulo Pinto. Fernanda Roxo acrescenta: "Tivemos que ser bastante criativos. Muita coisa aqui dentro foi feita por nós. Pintámos paredes, fizemos o isolamento acústico, tivemos familiares e amigos a ajudar."

Reabilitando as infra-estruturas do centro da cidade, o novo espaço vem juntar-se a um conjunto de projectos no Porto - como o do Centro Comercial Stop, convertido em local de ensaio de várias bandas - que promovem a criação musical e, consequentemente, a oferta cultural.

Uma ponte

Mas, para Paulo Pinto, ainda há uma lacuna a colmatar: "Há muita gente a fazer música, a criar projectos e parece-me que o que está a faltar é a ponte entre as bandas e o público. A nossa intenção, ao criar o estúdio, vai nesse sentido." O promotor também ambiciona criar uma editora no Estúdio Entreparedes.

Em última análise, a ideia é que o estúdio, aliado a outros projectos da cidade na mesma área, ajude a afirmar o Porto como centro artístico e criativo à escala da Península Ibérica: "Adoro o Porto e emigrar nunca esteve nos meus planos. Prefiro ficar por cá e tentar fazer a minha parte pela cidade e pelo país."

O espaço abriu no início do mês e, nos primeiros dias, esteve aberto, sem qualquer custo, ao público em geral e às bandas interessadas em conhecer e experimentar o estúdio. Paulo Pinto quer contrariar a obscuridade associada a este tipo de espaços. "É para isso que temos a tabuleta lá fora. Queremos que toda a gente saiba que aqui fica o Estúdio Entreparedes."



O trio Isabel Ventura tocou na passada quinta-feira no novo espaço de jazz da cidade, Tribeca

Jazz no Porto

Há poucos palcos para os muitos músicos da cidade

Uma Casa da Música, alguns espaços para tocar ao vivo e uma licenciatura de jazz depois o panorama deste género musical no Porto evoluiu nos últimos tempos. Mas os músicos queixam-se da falta de um roteiro que assegure uma programação fixa para todos. *Por David Pinheiro Silva*

FERNANDO VELUDO/NFACTOS



● Nos últimos meses têm surgido na cidade do Porto vários projectos associados ao jazz e à promoção deste género de música ao vivo, sendo o mais recente exemplo o Tribeca. Café, bar e restaurante, o clube de jazz ocupa, desde Dezembro, os cinco andares do prédio número 147 na Rua 31 de Janeiro. No mesmo mês também se realizou o festival Porta-Jazz no bar Galeria de Paris pela recém-formada associação Porta-Jazz e em Novembro assinalou-se a reabertura do antigo B-Flat em Matosinhos, agora como Villas Jazz Club. Sim, há mais espaços para tocar jazz, mas a proximidade destes acontecimentos pode levar a conclusões enganosas. Se ainda há dias se lia numa notícia na Lusa que "no Porto há jazz em cada esquina", para os que estão dentro da cena jazzística da cidade a realidade está muito longe do cenário descrito. Mesmo com a abertura destes novos espaços, "não se pode dizer que algo de extraordinário está a acontecer" disse ao PÚBLICO Rui Eduardo Paes, editor da Jazz.pt.

Para quem está no meio, os problemas passam principalmente pela falta de espaços dedicados exclusivamente ao jazz. Algo que deixa muitos dos músicos do Porto sem oportunidade de desenvolver os seus projectos, por não haver uma rotina ou programação assegurada na cidade.

Susana Santos Silva, fundadora da recente associação Porta-Jazz, explica que "é ínfima a percentagem de música jazz ao vivo nestes novos espaços que dizem ser dedicados a este género musical". Licenciada em Jazz na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), Susana Santos Silva criou a associação com João Brandão e Eurico Luís, com o objectivo de promover uma programação regular de jazz na cidade e, com ela, incentivar este estilo de música e criar público: "Queremos uma sede para possibilitar uma programação regular de jazz que não existe na cidade. Os espaços que dizem ser dedicados ao jazz no Porto parecem não acreditar nos músicos da cidade. Por exemplo, das bandas que tocaram no festival Porta-Jazz em Dezembro, nenhuma tinha tocado nos ditos clubes de jazz do Porto."

Antes do Tribeca, já o extinto B-Flat, renascido em 2010 como Villas Jazz Club, em Matosinhos, e o Hot Five, instalado desde 2006 no Largo Actor Dias, Porto, atribuíam-se o papel de clubes de jazz. No entanto, segundo Pedro Ferreira, proprietário da Escola Jazz Ao Norte, nascida em 2004, estes espaços têm um problema de identidade: "É uma salgalhada. Tanto passam jazz, como passam blues, rock e outras coisas. Um clube de jazz passa jazz." Por isso decidiu criar o Clube Jazz Ao Norte: concertos todas as primeiras quartas-feiras do mês, dedicados exclusivamente a este género musical. Mesmo assim, estes palcos não chegam para mostrar o trabalho dos músicos de jazz, que são cada vez mais.

ESMAE cria nova dinâmica

Em 2001 abriu na ESMAE a primeira licenciatura de Jazz da cidade (e do país). Desde então, a quantidade de projectos e músicos de jazz, no Porto, aumentou consideravelmente. Igualmente, verificou-se um aumento na qualidade dos músicos comparativamente há uns anos, disse Pedro Guedes, professor de piano na ESMAE e director da Orquestra de Jazz de Matosinhos (OJM): "O cenário mudou muito nos últimos dez anos. Há mais músicos e muito mais competentes do que o que se via no passado." Pedro Guedes também lamenta a falta de um roteiro de jazz na cidade e o desaparecimento do Festival de Jazz do Porto (que se realizou pela ultima vez em 2005), mas, olhando para trás, acredita que, não sendo o ideal, o panorama está melhor.

"A Orquestra de Jazz de Matosinhos funciona de forma regular desde 1999. A Porto 2001 também teve um papel importante para o dinamismo que se começa a sentir, nomeadamente através da Casa da Música, que desde 2005 oferece um programa forte e consistente de jazz." Mas e os projectos individuais? Certamente não existe lugar nestes dois corpos para todos os projectos que existem na cidade. Seria impossível integrar todos os músicos numa única orquestra ou enquadrá-los, na totalidade, numa orientação programática como a da Casa da Música. Como solução, Pedro Guedes alerta para a necessidade da criação de um roteiro entre os espaços que, se quiserem ser considerados como clube de jazz, devem "ser consistentes, com uma linha de programação definida, articulando-se entre si".

Já Paulo Perfeito, também professor na ESMAE, aconselha os seus alunos na cadeira de Composição de Jazz a não olharem para o seu trabalho com uma perspectiva unicamente regional. "A música também é um produto de exportação e quando as autarquias e os municípios não asseguram programas culturais à comunidade artística, é bom pensar noutras alternativas."

Na iniciativa privada, o Tribeca é o palco mais recente e, na quinta-feira passada, noite de jazz, não faltavam clientes. "Nunca temos menos de cem pessoas durante a semana e, aos fins-de-semana, às vezes é tanta gente que somos obrigados a fechar a porta", disse Alfredo Pontes, um dos proprietários do bar. Para um dia de semana, o espaço estava bem composto. Ao entrar no clube, os clientes deparam-se com o balcão a evocar as teclas de um piano. No mesmo piso (que também serve de cafetaria) as televisões passam um concerto ao vivo de um qualquer standard de jazz; isto, quando não estão a transmitir o que se passa no andar de cima, onde, nessa noite, a voz de Isabel Ventura fazia trio com o piano de Marco Figueiredo e o contrabaixo de Zé Carlos Barbosa.

Referências da história do jazz decoram as paredes e o ambiente calmo convidava os presentes a levar as coisas com calma. Talvez por isso o concerto tenha começado mais tarde que o previsto. Várias *covers* e adaptações de músicas ao jazz como *Em preto e branco* fizeram o alinhamento da noite, mas, ao contrário do chamamento da bossa de Chico Buarque, a afluência de público a outros espaços do género na cidade não é tão linear. Marco Figueiredo, o pianista do trio, explica: "Hoje em dia as pessoas não querem pagar pela música ao vivo e torna-se difícil, senão impossível, viver apenas da música."

> *Os músicos estão a fazer a sua parte, agora é a vez de os agentes culturais reconhecerem o seu talento.*
>
> Rui Eduardo Paes, editor da Jazz.pt

PAULO PIMENTA



A 7 e 8 de Dezembro realizou-se o festival Porta-Jazz para mostrar alguns dos projectos que existem na cidade

O deserto de António Ferro

A falta de público é um problema que outros proprietários de clubes levantam. Não há (segundo os eles) numa cidade com a dimensão do Porto, audiência suficiente para sustentar um circuito voltado exclusivamente para o jazz. Para além disto, o mau cenário económico também veio complicar as coisas, adiantou Pedro Ferreira. "É simples: quando não há dinheiro, a primeira coisa em que as pessoas cortam é no consumo cultural, não é na comida."

António Ferro é o dinamizador do Villas Jazz Club, depois de durante os últimos 15 anos ter gerido o B-Flat, ainda que com alguma intermitência. Comparando com outros tempos, admite que "as pessoas hoje saem muito menos. São obrigadas a escolher um dia por semana para sair, porque economicamente estão menos confortáveis". Mas o também contrabaixista discorda do proprietário da Jazz Ao Norte e das restantes vozes que defendem que um clube de jazz só o é quando tem uma programação exclusivamente dedicada a este género de música: "Não são cá nem em nenhum lado do mundo. Não há nenhum clube que viva só do jazz. Isso seria impossível."

Relativamente à alegada promoção insuficiente dos artistas da cidade nos clubes, António Ferro assinala que "há muito mais propostas de Lisboa do que do Porto. Isso leva-o a afirmar que os artistas locais ou "não se mexem, ou ganham bem como professores". O dinamizador do Villas Jazz Club começou nestas andanças ao assumir a gerência do B-Flat no ano 2000 e confessa que os últimos dez anos foram solitários no que toca à oferta de jazz. "Foi um bocado como atravessar o deserto", comentou António Ferro, que vê com bons olhos a abertura de novos espaços, opinando que a concorrência pode ser uma coisa positiva.

Este resistente concorda inclusive com a ideia de Susana Santos Silva e de Pedro Guedes da criação de um roteiro para assegurar uma programação fixa aos músicos da cidade, mas para isso deixa um conselho aos agentes culturais: "Temos que remar todos para o mesmo lado, se queremos fazer isto acontecer." Da Jazz.pt, Rui Eduardo Paes avisa, no entanto, que não serão "uns quantos bares" a garantir um circuito de jazz aos músicos da cidade. "Os músicos estão a fazer a sua parte, agora é a vez de os agentes culturais reconhecerem o seu talento", atirou, defendendo um papel mais activo das autarquias e instituições culturais. Como exemplo Pedro Guedes aponta o legado da Câmara de Matosinhos, que desde cedo apostou na oferta cultural e no jazz em particular "através do Festival Jazz de Matosinhos, criando espaços e ajudando a orquestra". Algo sem paralelo na Área Metropolitana do Porto.

Portagens Protestos por causa do fim das Scut prosseguem em Portugal

Via Verde admite que dispositivo para ex-Scut bloqueia barreiras em Espanha

Interferências entre o dispositivo português e o espanhol impedem o levantamento das barreiras nas praças de portagem, surpreendendo os automobilistas do país vizinho

O dispositivo usado pelos espanhóis nas antigas Scut (auto-estradas sem portagens) portuguesas pode bloquear as barreiras de portagem em Espanha. O problema, relacionado com interferências entre o dispositivo português e o usado pelos espanhóis, foi denunciado ontem no jornal galego *Faro de Vigo*, tendo sido entretanto confirmado à Lusa pela empresa Via Verde.

Segundo o *Faro de Vigo*, a Via Verde utilizada pelos automobilistas galegos nas antigas Scut portuguesas está a bloquear as barreiras de portagem em Espanha a quem tem simultaneamente o dispositivo espanhol Via T. Contactada pela Lusa, fonte da Via Verde referiu que "as interferências entre os dois identificadores [português e espanhol] eram antecipáveis", motivo que levou as operadoras dos dois países a iniciarem contactos para a interoperabilidade dos sistemas ibéricos.

De acordo com o diário galego, "a Via Verde portuguesa põe em risco a segurança dos condutores ao anular o sinal da Via T", dado que, ao contrário do que acontece em Portugal, nas auto-estradas espanholas existe barreira mesmo nas portagens electrónicas. "Vários condutores particulares, mas também transportadores, denunciaram que o dispositivo português inibe o sinal espanhol, o que provoca que as barreiras não se levantem quando o veículo passa pela via de teleportagem", refere o *Faro de Vigo*.

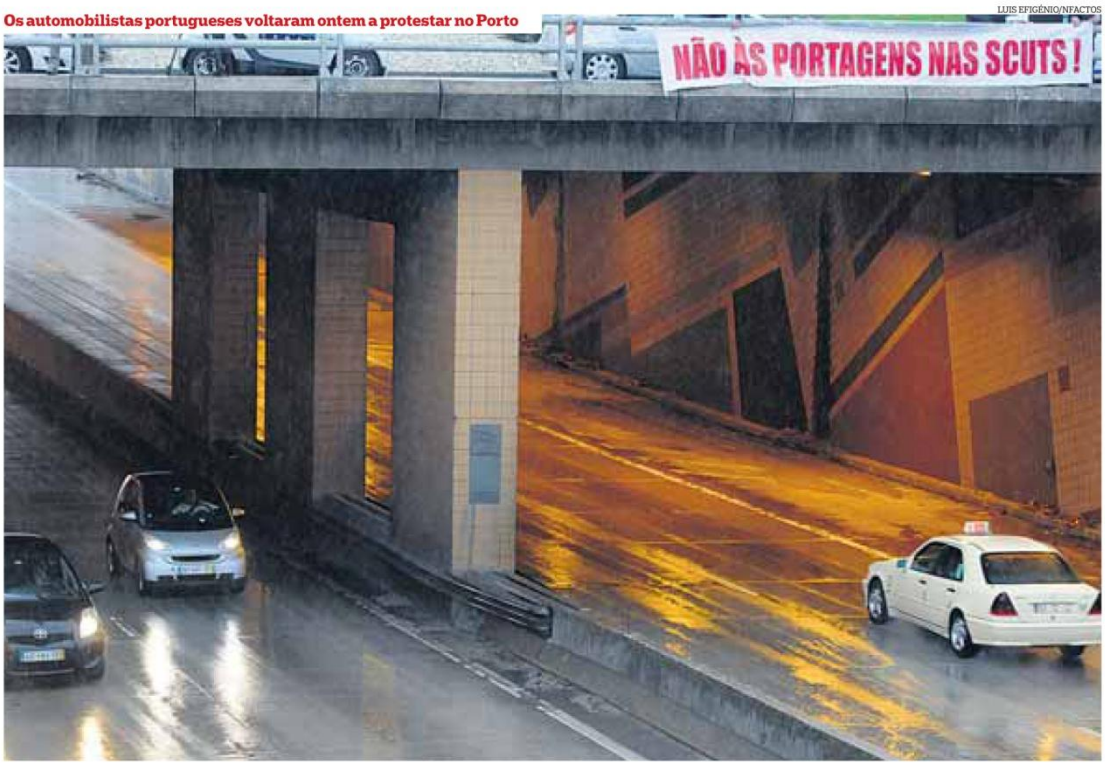
O jornal cita vários condutores que tiveram de travar a fundo por a barreira não levantar, correndo o risco de sofrer colisões de veículos que seguiam atrás. Os automobilistas contactados questionaram funcionários das auto-estradas espanholas que lhes garantiram que os seus dispositivos Via T estavam a funcionar "na perfeição". Os mesmos funcionários recomendaram que os condutores tirem o dispositivo Via Verde do vidro do carro quando passarem pelas teleportagens espanholas, para evitar interferências entre os dois aparelhos.

Compatíveis ainda este ano

Técnicos consultados pelo *Faro de Vigo* "confirmam que ambos os dispositivos (Via T e Via Verde) utilizam a mesma largura de banda", pelo que o reconhecimento de um ou de outro se pode converter numa "lotaria". "Se a portagem reconhece o sinal espanhol, não acontece nada, mas ao interferir o do português e não ser um dispositivo válido, o mecanismo dá erro e a barreira não levanta", explicam os técnicos. Os condutores ouvidos pelo jornal galego estão preocupados também com o que lhes estará a acontecer nas auto-estradas portuguesas, temendo que venham a ser multados caso o sistema português leia o dispositivo espanhol. Para evitar problemas, os condutores galegos estão a optar por deixar de andar com os dois dispositivos em simultâneo, colocando no vidro alternadamente o correspondente ao país onde estão.

O *Faro de Vigo* salienta que este problema acabará com a unificação dos dois sistemas "durante este ano", conforme compromisso assumido pelos governos de Galiza e Portugal. E a Via Verde afirma que "já foram iniciados contactos com as operadoras espanholas no sentido de tentar antecipar na Península Ibérica a interoperabilidade que está prevista para 2013 na Europa". Segundo a empresa portuguesa, ainda não há uma data precisa para a compatibilização entre os vários sistemas ibéricos, que está pendente de questões técnicas e contratuais.

LUIS EFIGÉNIO/NFACTOS



Os automobilistas portugueses voltaram ontem a protestar no Porto

Buzinão na rotunda AEP

Comissões esperam aumento da contestação

A rotunda da AEP (conhecida por "rotunda dos Produtos Estrela"), em Matosinhos, foi ontem de novo tomada pelo barulho do "buzinão". O ruidoso protesto foi organizado pelas comissões de utentes contra as portagens as antigas Scut, as auto-estradas Norte Litoral (A28), Grande Porto (A41 e A42) e Costa de Prata (A29). José Rui Ferreira, porta-voz das comissões, justifica o regresso do movimento à rotunda AEP, palco de outros buzinões, como uma forma de "fazer sentir ao Governo a indignação dos utentes" pela cobrança nas vias em questão. Três meses depois do início do pagamento de portagens, José Rui Ferreira conclui que "há perda de competitividade e degradação económica" na região. E diz que as medidas são contraproducentes no cenário de crise: "Muitas empresas perderam clientes e os gastos entre os 180 e 200 euros mensais, para quem utiliza estas vias, são encargos muito altos para a maioria das famílias", argumentou. Com o alargamento das portagens a outras vias do país – a A27 (Viana-Ponte de Lima) e as ex-Scut Interior Norte, Beira Litoral e Beira Alta e Algarve – previsto até 15 de Abril, José Rui Ferreira espera que o protesto se alargue a todo o território do Continente e assuma "proporções mais contundentes". Expectativas altas depois de um "buzinão" que se fez ouvir, mas que não alterou o trânsito normal de um fim de tarde de terça-feira. **D.P.S.**

Mais galegos na A3

Ao contrário de Viana do Castelo, que já chamou a atenção para o impacto "muito negativo" da cobrança de portagens na A28, o município de Ponte de Lima tem vindo a registar um acréscimo significativo do número de visitantes da Galiza. Segundo o presidente da câmara, o movimento de turistas galegos aumentou "substancialmente", sobretudo a partir do início da cobrança de portagens, a 15 de Outubro passado. Vítor Mendes diz que isto é o resultado da estratégia de promoção que a vila lançou na Galiza, mas admitiu que este aumento possa estar relacionado com o facto de os vizinhos espanhóis preferirem agora circular pela A3 (Porto-Valença), em que não é necessário ter qualquer dispositivo para passar. **A.O.C.**



A ASAE (Autoridade de Segurança Alimentar e Económica) selou ontem dezenas de parquímetros da cidade de Setúbal numa acção de fiscalização na sequência de várias denúncias de alegadas irregularidades nos preços cobrados pelo estacionamento.

Serralves discute peso crescente do imaterial na economia e na vida social contemporâneas

Luís Miguel Queirós

Ciclo comissariado por Artur Castro Neves abre esta noite com uma intervenção de Diogo Lucena, que será moderado pelo ex-ministro socialista João Cravinho

● Diogo Lucena abre esta noite, na Fundação de Serralves, com uma intervenção sobre *A riqueza intangível e a inovação na nova economia*, o ciclo de conferências *O Imaterial: Os Novos Paradigmas da Contemporaneidade*, comissariado por Artur Castro Neves. Lucena, administrador da Gulbenkian e especialista na economia da informação e das telecomunicações, irá ser moderado pelo ex-ministro socialista João Cravinho, a quem caberá, no final, comentar a palestra.

Sociólogo especializado em Antropologia Económica, Castro Neves explica, na apresentação deste ciclo, que importa reflectir sobre a "progressiva desmaterialização da nossa vida", que cada vez mais "se baseia numa comunicação que passa através de ecrãs e instrumentos electrónicos". Os "sistemas intangíveis da economia e da vida social", o papel central da criatividade e da inovação, ou os desafios que se colocam aos governos e às grandes empresas em termos de responsabilidade social são algumas das questões que Castro Neves quer ver discutidas nesta série de dez conferências, que se prolongará até final de Junho, com sessões quinzenais às quartas-feiras à noite.



João Cravinho modera sessão

Os temas agendados para as próximas conferências são: *As novas organizações do social no século XXI* (Diogo Vasconcelos, moderado por José Dias Coelho), *Cartografia da criação intelectual* (António Figueiredo e Elisa Babo, moderados por Vítor Corado Simões), *Uma sociedade em alta definição* (Ismael Augusto/ Artur Pimenta Alves), *As indústrias culturais e criativas portuguesas* (Augusto Mateus/ Alberto de Castro), *O futuro da ficção no século XXI* (António Pedro Vasconcelos/ Francisco José Viegas), *A arte da governança* (Daved Barry/ Delfim Sardo), *A produção de valor público* (Artur Castro Neves/ Nuno Morais Sarmento), *A Estratégia de Lisboa* (Élie Cohen/ Serras Gago) e *O financiamento global da inovação* (Carlos Costa, ainda sem moderador anunciado).

Caso das pedreiras de Lourosa volta à Comissão Europeia

Sara Dias Oliveira

● A Liga Operária Católica (LOC) apresentou mais uma denúncia formal à Comissão Europeia, argumentando que o Estado português não está a cumprir a sentença no caso da requalificação das pedreiras de Lourosa, em Santa Maria da Feira. A LOC tem vindo a alertar que a solução encontrada, e que durante este ano será colocada em prática, não elimina o passivo ambiental e não resolve o problema da contaminação dos solos e dos lençóis freáticos.

Em Junho passado, o Tribunal de Justiça da União Europeia revelava que Portugal tinha violado as directivas comunitárias, relativas à gestão dos resíduos e à protecção das águas subterrâneas, no caso dos lixos depositados nas desactivadas pedreiras de Lourosa. O Governo foi condenado a eliminar o passivo ambiental das pedreiras e, neste momento, a LOC volta a contestar a eficácia da proposta escolhida, a mais barata, entre três apresentadas num estudo efectuado pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. A mais recente denúncia avançou quando a LOC constatou que é a selagem com reflorestação, orçada em um milhão de euros, que vai para o terreno.

Saul Fernandes, da LOC, reafirma que a intervenção é "uma operação de cosmética". "Não basta cobrir os lixos que, ao longo de décadas, foram sendo depositados nas antigas pedreiras. Os resíduos têm de ser retirados e devidamente tratados", defende. A LOC, que desde 1993 chama a atenção para o assunto, considera que a solução a concretizar contraria a sentença do Tribunal Europeu.

Uma causa da LOC

18

Passaram 18 anos desde que a LOC começou a chamar a atenção para o problema ambiental representado pelas pedreiras de Lourosa.

O Governo optou pela selagem da superfície de deposição dos resíduos e realização de obras complementares de drenagem das águas pluviais e restauração paisagística. Saul Fernandes duvida que esse tratamento ambiental evite a infiltração dos resíduos tóxicos, acumulados durante décadas, nos lençóis freáticos. "Vai gastar-se dinheiro para que tudo continue lá enterrado", refere.

A intervenção foi acordada no final do ano passado entre a Câmara da Feira, agora proprietária das pedreiras, e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN). A autarquia fez questão de acrescentar uma cláusula ao protocolo, colocando toda a responsabilidade da obra nas mãos da CCDRN.

Novo reitor de Coimbra será da UC ou dos Estados Unidos

Maria João Lopes

● A Comissão Eleitoral já declarou elegíveis três candidatos ao cargo de reitor da Universidade de Coimbra (UC): Cristina Robalo Cordeiro, João Gabriel Silva, e, depois de inicialmente ter sido aceite de forma condicionada, também a candidatura de Krzysztof Sliwa já foi validada. Apenas um candidato, Michael M. Nkasu, viu a sua candidatura rejeitada. Até à hora de fecho desta edição não tinha apresentado reclamação da Comissão Eleitoral, embora em rigor ainda o pudesse fazer até às 24h00 de ontem.

Se tal, de facto, não tiver acontecido, hoje mesmo será publicado o edital com as candidaturas definitivamente admitidas e serão três os docentes que se perfilam para substituir Fernando Seabra Santos.



Reitor é eleito a 14 de Fevereiro

Após a análise das quatro candidaturas recebidas pelo Conselho Geral, três foram aceites. As candidaturas de Cristina Robalo Cordeiro, docente da Faculdade de Letras da UC e actual vice-reitora da instituição, e de João Gabriel Silva, docente e director da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, foram validadas logo à partida. A candidatura de Krzysztof Sliwa, docente universitário e investigador nos Estados Unidos da América - de dupla nacionalidade, norte-americana e alemã - foi também aceite, mas só depois de o candidato ter enviado a documentação necessária em papel.

Já a candidatura de Michael M. Nkasu, docente universitário no Bahrein, foi rejeitada por não satisfazer as exigências estabelecidas no edital de candidatura, nomeadamente, segundo o comunicado do gabinete do reitor, a apresentação de um programa de acção e *curriculum vitae* datado e assinado.

Continuando a presumir que, até à meia-noite de ontem, Michael M. Nkasu não apresentou qualquer reclamação, terá terminado esta primeira fase relativa ao processo de escolha do próximo reitor da mais antiga universidade portuguesa. Ficam, então, na corrida os restantes três docentes. Independentemente da reclamação, o processo continuará com uma audição pública - qualquer pessoa pode assistir, mas só o Conselho Geral pode fazer perguntas - dos candidatos perante o Conselho Geral, a 7 de Fevereiro, no auditório da Reitoria. A eleição do reitor está marcada para 14 de Fevereiro.

Festival Black & White regressa ao Porto em Maio

David Pinheiro Silva

● Até dia 1 de Fevereiro, estão abertas as inscrições de trabalhos em vídeo e áudio para a oitava edição do festival Black & White, a decorrer entre 11 e 14 de Maio, no Porto.

Reconhecido a nível nacional e internacional, o festival é organizado pela Universidade Católica no Porto e admite exclusivamente trabalhos monocromáticos, que se enquadrem nas categorias de vídeo (ficção, documentário, animação, experimental e vídeo musical), áudio (experimental) e fotografia.

No ano passado o grande vencedor foi *Traffic Jam*, de Arthur Franck & Oskar Forstèn (Finlândia), mas também houve vencedores portugueses: *O Dia do Baptizado do Nuno*, de Nuno Cruz, foi a Melhor Peça Sonora, e *Expressões*, de Pedro Machado, foi a Melhor Fotografia a concurso.

Acidente na A3 fez um morto e um ferido grave na Maia

Andreia Magalhães

● Uma colisão entre um veículo ligeiro de passageiros e uma viatura ligeira de mercadorias, registada ontem no sentido sul-norte da A3, no concelho da Maia, provocou um morto e um ferido grave.

O acidente ocorreu por volta das 16h00, ao quilómetro cinco da A3, na zona de São Pedro de Fins. Ao que tudo indica, o veículo ligeiro de passageiros terá embatido com violência, em circunstâncias ainda por determinar, na traseira do veículo de mercadorias que seguia à sua frente.

O condutor do ligeiro de passageiros ficou encarcerado e acabou por morrer no local. O motorista do ligeiro de mercadorias ficou em estado muito grave, tendo sido transportado de imediato para o Hospital de São João, no Porto. A vítima mortal era natural de Montalegre e tinha 64 anos. O ferido grave tem 50 anos e é de Santa Maria da Feira.

Fonte do Destacamento de Trânsito da GNR do Porto disse ao PÚBLICO que, por causa deste acidente, o trânsito na A3 esteve congestionado durante várias horas, sendo apenas possível a circulação automóvel pela faixa da direita. As filas de automóveis chegaram a atingir uma extensão de quatro quilómetros. Ao local do acidente acorreram os Bombeiros Voluntários de Ermesinde, a GNR da Maia e o INEM. **Andreia Magalhães**

Local

Semana

Ex-Scut Governo não ouviu "buzinão" contra as portagens



LUIS EFIGENIO/ NFACTOS

● A buzina do automóvel foi concebida para assinalar a outros condutores ou peões a aproximação do veículo, mas quem, na passada terça-feira, apitou à passagem pela rotunda da AEP não o fez com esse sentido. Tratou-se de mais um "buzinão" contra as portagens nas ex-Scut, organizado pelas comissões de utentes das auto-estradas Norte Litoral (A28), Grande Porto (A41 e A42) e Costa de Prata (A29).

José Rui Ferreira, porta-voz das comissões, explicou o movimento como "uma forma de fazer sentir ao Governo a indignação dos utentes", pela cobrança de circulação nas vias em questão.

O porta-voz afirmou que estas medidas são contraproducentes no cenário de crise, provocando "perda de competitividade na região" e "degradação económica". Com o alargamento das portagens a outras vias do país – A27 (Viana-Ponte de Lima) e das ex-Scut Interior Norte, Beira Litoral, Beira Alta e Algarve – previsto para até 15 de Abril, José Rui Ferreira espera que o protesto se alargue a todo o território e assuma "proporções mais contundentes". São expectativas altas, depois de um "buzinão" audível, mas que não alterou o trânsito normal de um fim de tarde de terça-feira, ficando aquém do que seria necessário para chegar aos ouvidos dos responsáveis governamentais, tão distantes da "rotunda dos Produtos Estrela". D.P.S

O site *da câmara não é o* site *de Rui Rio*

Opinião

● Na secção "notícias" do *site* oficial da Câmara Municipal do Porto (CMP), o executivo de Rui Rio fez publicar em duas semanas consecutivas dois ataques à independência do PÚBLICO e à honorabilidade profissional de um dos seus jornalistas, Amílcar Correia. Os pretextos para estes textos apócrifos e redigidos em tom jocoso e ressabiado foram os seguintes: no primeiro momento, a reacção a um artigo de opinião publicado a 5 de Janeiro nas páginas do Local Porto, onde o jornalista confrontava os elogios do Tribunal de Contas à gestão municipal com a ausência de obras na cidade nos mandatos de Rui Rio; no segundo momento, o que moveu o município foi um requerimento do Bloco de Esquerda à Entidade Reguladora da Comunicação Social, no qual o Bloco considerava que a iniciativa da CMP "contraria em tudo as advertências da ERC" que, em 2007, questionaram o uso que a autarquia faz da secção "notícias" do seu portal.

A tradição de abertura do PÚBLICO à dissonância de opiniões, à crítica exterior e ao debate de ideias fazem parte da cultura do jornal. Todos os dias damos conta dos nossos erros em secção própria e permitimos e incentivamos os nossos leitores a recorrerem ao provedor para exporem eventuais queixas e reclamações. Além de, como é óbvio, prestarmos obediência à legislação que protege os direitos das pessoas ou instituições visadas nas nossas notícias.

Acreditamos que o escrutínio e a crítica pública que fazemos da actualidade não nos conferem a exclusividade da opinião e menos ainda o domínio absoluto da razão.

Os textos publicados no *site* oficial da CMP, porém, vão muito além do que é admissível no confronto de ideias e de opiniões. Porque, sob a capa do anonimato, desprezam os factos que deram origem aos textos de opinião e limitam-se a tentar minar a sua credibilidade com ataques e insinuações sobre idoneidade pessoal do seu autor. Na segunda publicação, o *site* da autarquia faz até um jogo de imagens entre a fotografia do jornalista e o símbolo do BE, procurando desta forma colar-lhe uma imagem de falta de independência e de isenção.

A Direcção Editorial do PÚBLICO lamenta e rejeita esta atitude que revela não só desrespeito por regras básicas da civilidade ou abuso de poder, como reconfirma a incapacidade do executivo de Rui Rio em conviver com a liberdade de expressão. Mais grave ainda, todo esse lamentável exercício é feito num *site* que os contribuintes pagam para receber informação da autarquia e não para servir de órgão de propaganda e de represália da actual maioria ou do seu presidente. *A Direcção Editorial*

Sobe e desce

Rui Rio ↑



O presidente da Câmara do Porto Rui Rio, os responsáveis regionais e nacionais do Ministério da Saúde e do Centro Hospitalar do Porto estão de parabéns pela forma como conseguiram superar as divergências relativas à construção do Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN) em Parceria e Antunes. A paisagem fica a ganhar com a redução da volumetria do complexo. O programa funcional do CMIN agradece ter sido respeitado. Quando há boa vontade...

Agostinho Lopes ↑



O deputado do PCP Agostinho Lopes – tal como o deputado do PSD Emídio Guerreiro – pediu explicações ao Governo sobre estes factos curiosos: o concurso lançado pela Câmara de Cabeceiras de Basto para os trabalhos complementares na sua Escola EB 2,3 exigia propostas no prazo de apenas três dias; e o valor atribuído a estes trabalhos complementares foi três milhões, quase tanto quanto custou a remodelação – 3,7 milhões.

Mesquita Machado ↓



Pelo quinto ano, a Câmara de Braga recorre à banca para pagar a fornecedores e concretizar as transferências para as juntas de freguesia. Como estas obrigações não são imprevistas, e como o presidente Mesquita Machado assume estar em causa uma antecipação das receitas de IMI, a oposição PSD/CDS parece ter razão quando protesta que isto demonstra falta de planeamento financeiro. **A.V.**

Um convite para ver anfíbios à noite em Vila do Conde

O Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Vila do Conde realiza no dia 2 de Fevereiro uma saída de campo nocturna para observação de anfíbios na Paisagem Protegida Regional do Litoral de Vila do Conde. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas pelo telefone 252637002 ou para *cmia@cm-viladoconde.pt*.



Cozinha holandesa na capital turca merece relevo no Istambul 5 dias http://istambul5dias.net/

Muralha seiscentista descoberta em Caminha vai ficar à vista num parque de estacionamento

Andrea Cruz

Autarquia aguarda apenas parecer do Igespar às alterações introduzidas no projecto para integrar os achados arqueológicos

● A muralha seiscentista da vila de Caminha, descoberta em 2009 durante os trabalhos de escavação para a construção dos parques de estacionamento Sidónio Pais, em terrenos situados entre o antigo posto da GNR e a estação da CP, vai ser integrada na obra, que tem um piso subterrâneo e dois à superfície. Parte do achado arqueológico vai mesmo ficar exposto ao público, envolto por uma estrutura envidraçada.

O projecto está ainda a sofrer as últimas alterações, impostas pelo Igespar (Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico), no sentido de melhorar a apresentação aos visitantes. A descoberta de restos de muralha estava equacionada desde o início da obra, acompanhada de perto por arqueólogos da autarquia e do próprio Igespar. Após três dias de escavações para as fundações do parque, foram colocados a olho nu os primeiros vestígios da fortificação que datará do século XVII. Terá sido construída na sequência das guerras da Restauração, de que são exemplo os baluartes e torreões da fortaleza.



Muralha foi descoberta em 2009

Obra pronta ainda em 2011

O projecto esteve parado cerca de um ano para que o Igespar pudesse colocar a descoberto toda a estrutura e procedesse ao seu registo, de forma a fazer a correcta avaliação patrimonial do achado em termos históricos e arqueológicos. Depois de meses de impasse e dúvidas quanto à viabilidade da edificação dos parques, a Câmara de Caminha decidiu, finalmente, avançar com a construção do estacionamento no subsolo, fundamental para a continuidade da requalificação dos largos Sidónio Pais e da Estação, também no casco histórico da vila.

A decisão deverá ser formalizada em breve, aguardando apenas a luz verde do Igespar ao aditamento ao projecto de arquitectura. Segundo o vereador das Obras Municipais, Mário Patrício, durante o segundo trimestre deste ano o município espera estar em condições de poder lançar a obra a concurso. A construção dos parques deverá estar terminada até final deste ano.

Com os seus 170 lugares, os Parques de Estacionamento Sidónio Pais estão integrados no projecto Renovar Caminha, um conjunto de intervenções apoiado pelo Programa operacional do Norte, o ON.2, num investimento total de três milhões de euros.

Municípios querem fundo para nivelar preço da água

● Os municípios esperam que o Governo crie um Fundo de Equilíbrio de Tarifários que permita preços idênticos para a água em todo o país. "O que os municípios têm dito e defendido junto do ministério é que haja um Fundo de Equilíbrio de Tarifário (FET) que permita equilibrar os preços dentro de parâmetros aceitáveis no todo nacional", afirmou Fernando Campos, vice-presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, responsável pelo sector da água.

O autarca de Boticas reconhece que "há um número muito reduzido de municípios que tem a água ainda a um preço muito baixo", mas lembra que, no âmbito da autonomia que os municípios têm, isso é possível "desde que a autarquia suporte o diferencial do custo da água que é vendida aos seus munícipes, nomeadamente aos de maiores dificuldades económicas. As coisas não se podem fazer de um dia para o outro, mas também os municípios têm estado expectantes em função daquela promessa que o Governo fez de que iria encontrar um FET", disse. Este fundo permitiria que os municípios onde a distribuição de água fica mais barata "pudessem dar um pequeno contributo para que se possa cobrar menos àqueles que têm mais dificuldades e nos locais onde o custo da água seja mais elevado".



A ANMP critica algumas das obras feitas em Portugal, que obrigam à cobrança de valores elevados pela água

O autarca criticou no entanto "os investimentos megalómanos da Águas de Portugal [AdP], através das suas delegações regionais, que colocam a água a preços incomportáveis para os cidadãos portugueses", disse. Para Fernando Campos muitos desses investimentos, "reconhece-se agora", foram "sem sentido, incoerentes, sem uma boa articulação entre as necessidades e o que foi feito", redundando, nota, em "preços disparatados".

Fernando Campos salientou ainda que "não há município nenhum que não esteja interessado em sensibilizar os seus concidadãos para o uso eficiente da água", mas critica a exigência de pagamento de consumos mínimos por parte dos municípios, em valores que, garante, são "muito superiores àqueles que muitas vezes são os consumos na realidade". Se querem cobrar mais têm um problema social tremendo, porque a população não tem capacidade económica para pagar", avisa. **PÚBLICO/Lusa**

Addict põe em Marcha o Portugal Criativo de 2011

● Já está em marcha a segunda edição da Portugal Criativo. Prevista para a última semana de Maio, no Porto, a edição de 2011 será dedicada à criação de um espaço colaborativo com duas vertentes: "criar novas dinâmicas e celebrar as indústrias criativas", diz Virgílio Folhadela, presidente da Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas (Addict). A sessão de apresentação do evento decorreu num dos palcos da edição anterior, o Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, pólo cultural (no Porto) da Fundação da Juventude, co-organizadora (com a Addict) do evento.

A Portugal Criativo nasceu em 2010 para responder à pergunta "O que são as Indústrias Criativas?", e se no ano passado o objectivo principal era consciencializar o público para este fenómeno, a edição de 2011 espera "dotar os actores criativos de formação concreta, para que eles possam desenvolver os seus projectos". A concretização deste objectivo será assegurada pelos vários convidados (ainda por anunciar), especialistas em diferentes áreas, que estarão disponíveis para elucidar os participantes no evento, em sessões conjuntas de trabalho. O presidente da Addict sublinhou a importância da aposta no sector criativo e espera que o evento sirva para posicionar o Norte na rede criativa internacional. **D.P.S.**

Evadido do Estabelecimento Prisional do Linhó baleado após tentativa de assalto

● Um agente da polícia do Seixal baleou no sábado um homem de 35 anos após uma tentativa de assalto à mão armada a um restaurante do concelho, mas o suspeito não corre risco de vida, informou ontem o comando distrital de Setúbal da Polícia de Segurança Pública.

De acordo com a PSP, em comunicado, citado pela Lusa, o assaltante – evadido do Estabelecimento Prisional de Linhó, desde 2006, onde cumpria um pena de prisão de oito anos e oito meses – terá ameaçado os agentes policiais com uma caçadeira pronta a disparar, ao ser interceptado, cerca das 19h30, por patrulhas da PSP da Cruz de Pau e de Corroios. Aquela força policial refere que após um primeiro contacto, em que um agente ficou sob ameaça da arma de fogo, o agressor tentou a fuga apontando a caçadeira aos restantes elementos policiais da patrulha.

"Perante o perigo iminente de os agentes poderem ser atingidos, o arguido acabou por ser baleado por um dos agentes com um tiro na zona do abdómen", justifica o comando de Setúbal da PSP, adiantando que o suspeito foi sujeito a uma intervenção cirúrgica no Hospital Garcia de Orta, em Almada, mas não corre perigo de vida.

O comunicado policial refere ainda que nas imediações do restaurante foi identificada uma mulher de 30 anos no interior de uma viatura, que alegadamente serviria para a fuga do suspeito depois de consumado o assalto ao estabelecimento comercial. **Lusa**

Alcoutim analisa projectos de renováveis que valem dezenas de milhões de euros

● A Câmara de Alcoutim tem três projectos na área das energias renováveis em fase de licenciamento, que representam "um investimento de largas dezenas de milhões de euros" e que podem gerar "receitas interessantes" para o município, revelou o presidente da autarquia, Francisco Amaral.

O autarca, citado pela Lusa, disse que ainda é cedo para falar sobre os projectos, mas precisou que dois são de energia solar e um de energia eólica. "Estamos a falar de investimentos de largas dezenas de milhões de euros, qualquer deles rondará os 60 milhões, e para Alcoutim é muito importante porque estamos a falar da criação de postos de trabalho e de receitas para a autarquia. Dois e meio por cento dessa energia produzida reverterá para o município", afirmou.

O autarca acrescentou que, "se os projectos forem avante", a autarquia poderá encaixar uma verba de 500 mil euros anuais. "A energia solar dá muito mais emprego do que a eólica. Mas nos de energia solar estamos a falar da possibilidade de haver 50 postos de trabalho", precisou.

O autarca revelou que um dos projectos de energia solar "começará já a ser montado e instalado em Fevereiro", numa "área de 90 hectares", enquanto o segundo está previsto iniciar-se "em meados do ano". Na eólica, um dos parques ficará em Vaqueiros, a freguesia mais pobre do concelho. "Vai dar um bocado de auto-estima àquela gente", adiantou.

500 mil euros anuais é o montante que poderá ser arrecadado pelos cofres municipais se os projectos avançarem

Mercado Comerciantes receiam conversão do equipamento num *shopping*

Formalizada cedência do Bom Sucesso

Câmara do Porto e Mercado Urbano assinaram contrato de cedência do direito de superfície. Empresa tem 90 dias para entregar o projecto para o mercado, que incluirá hotel e escritórios

Patrícia Carvalho
e David Pinheiro Silva

● A Câmara do Porto e a empresa Mercado Urbano - Gestão Imobiliária, S.A. assinaram, ontem, o contrato de transferência do direito de superfície do Mercado do Bom Sucesso. O momento foi classificado pelo vereador Sampaio Pimentel, que conduziu o processo, como "particularmente feliz e importante para a câmara, uma vez que será um passo decisivo para a concretização de um compromisso que o executivo tinha para com a cidade". As negociações com os comerciantes já podem começar e têm de estar concluídas em quatro meses.

Começou a contar ontem o prazo de 120 dias para que a autarquia entregue à empresa subsidiária da Eusébios & Filhos, S.A. o mercado. Nesse mesmo prazo, a empresa deverá avaliar junto dos comerciantes quem quer ficar e quem prefere ser indemnizado e sair. No prazo de três meses, a Mercado Urbano terá que entregar no município o projecto urbanístico previsto para o Bom Sucesso, mas o conceito global já é conhecido e, apesar de Sampaio Pimentel admitir "uma ou outra alteração" em sede de projecto final, a função tripartida do espaço deverá manter-se, com uma redução considerável da área de mercado.

O Bom Sucesso manterá apenas 44 dos cerca de 140 pontos de venda, na zona central do piso térreo do edifício. Esta zona, dedicada a "um mercado tradicional de qualidade, de produtos regionais e de quinta", poderá ter um horário de funcionamento diferente do do resto da estrutura. No interior, vão nascer também até 23 lojas vocacionadas para "um segmento mais elevado de consumidores", oferecendo "um mercado tradicional de qualidade, moda mais exclusiva e complementar à existente na zona contígua, restauração e bares em esplanada". Os 16 espaços comerciais do exterior deverão manter-se.

No interior do mercado vão ainda ser construídas duas estruturas que albergarão, respectivamente, um hotel com 83 quartos e uma zona de escritórios/serviços. José Moura, da Eusébios, admitiu que a empresa vai recorrer a "vários parceiros" para levar o projecto avante. "Já fizemos vários contactos com diversos parceiros, na área financeira, na exploração e investimento de hotelaria, na gestão de um edifício de escritórios. Não somos *experts* nestas áreas. Nada obsta a que existam vários parceiros", disse.

ADRIANO MIRANDA



Comerciantes têm quatro meses para decidir se ficam ou saem

ADRIANO MIRANDA



Após a entrega do projecto, a câmara tem entre nove meses a um ano para emitir o alvará de construção. As obras terão de iniciar-se até 20 dias após a emissão desse alvará, devendo ficar concluídas em 18 meses.

O Bom Sucesso terá de encerrar 30 dias antes do início das obras, passando os comerciantes que lá permaneçam para um mercado provisório, cuja localização está ainda a ser estudada. Sampaio Pimentel estima que, a cumprirem-se os prazos, o Bom Sucesso esteja pronto "no último trimestre de 2013".

Ao mesmo tempo que o contrato era assinado, os comerciantes do Mercado do Bom Sucesso continuavam o seu dia de trabalho, com muitas dúvidas quanto ao seu futuro. "Eu ainda estou na pré-reforma. Se for para casa agora, adoeço", comentava a florista Maria Arménia Pinto. Tem 62 anos e passou os últimos 58 no mercado. "Concordo com a reabilitação e quero continuar a trabalhar num mercado tradicional, que foi o que nos prometeram", dizia.

Que o mercado necessita de reabilitação todos concordam, mas há comerciantes que criticam a forma como a Câmara do Porto conduziu este processo. Jaime Amorim, 63 anos, é talhante no Mercado do Bom Sucesso desde os 22 e planeia ficar, se o deixarem. O que não significa que goste do projecto de remodelação, muito pelo contrário: "É uma boa porcaria. Concordo com as obras, mas um hotel? Não faz sentido. Isto nasceu para ser um mercado. Fazer umas lojas, umas esplanadas, espaços de lazer é uma coisa, mas hotel para quê? Com tantos hotéis à nossa volta..." Jaime Amorim receia que a câmara pretenda acabar com o mercado tradicional. "Eles querem-nos a patinar, e vão conseguir. Ainda não nos explicaram as condições para ficar, mas se for como num *shopping*, só poderemos vender 'embalados, e isso não é um talho nem é mercado tradicional."

Paula Moreira tem 39 anos e vende fruta no mercado desde que se lembra. Com dois filhos pequenos, deixar o mercado não é uma opção. Mas também está desconfiada. "Para mim, este projecto foi a maneira que a câmara encontrou de nos pôr todos daqui para fora." Tem pena que não se reconheça o valor do antigo e avisa: "Se o plano for fazer disto um *shopping*, ninguém vai querer ficar."

Local

Sérgio B. Gomes explora The Collector's Guide to New Art Photography http://blogs.publico.pt/artephotographica/

Sede da Vodafone no Porto é "um dos mais surpreendentes escritórios criativos do mundo"

O *site* The Cool Hunter destaca outra obra do Porto: a Casa de Fez, desenhada por Álvaro Leite Siza Vieira

● O edifício sede da Vodafone, no Porto, foi escolhido como um dos 20 mais surpreendentes escritórios criativos do mundo pelo The Cool Hunter, uma página de Internet especialista em cultura e design. Numa publicação colocada na segunda-feira no Facebook, o The Cool Hunter coloca o "edifício supermoderno" da Vodafone, desenhado pelos arquitetos José António Barbosa e Pedro Guimarães, no *top 20* dos escritórios criativos mais espetaculares do mundo (*20 of the world's most amazing creative offices*).

De acordo com as informações publicadas no site *www.thecoolhunter.net*, os arquitectos quiseram reflectir a filosofia da marca "Vida em Movimento", levando à criação "de um edifício 'angular' que parece estar em desequilíbrio". O The Cool Hunter considera que o edifício está construído como se "toda a estrutura tivesse caído do céu a grande velocidade e caísse onde agora está, apenas exposto em parte e ligeiramente desnivelado".

Na lista dos 20 escritórios criativos mais surpreendentes do mundo, o The Cool Hunter destaca ainda o quartel-general da DTAC (uma das empresas de telecomunicações líderes de mercado na Tailândia) em Banguecoque, os escritórios da Uppercut, uma jovem agência de comunicação do Canadá, e o Macquarie Investment Bank, de Sydney. A estes, juntam-se ainda o estúdio do PostPanic, um estúdio de animação e design criativo de Amesterdão, e o Tecnology Center Medical Science, de Berlim, entre outros.

No departamento dedicado à arquitectura, a página destaca outro edifício do Porto: a Casa de Fez, desenhada pelo arquitecto Álvaro Leite Siza Vieira e concebida para ser a sua própria residência. De acordo com a página, a casa "não pretende ser um lar acolhedor, mas uma declaração que condiz com o estilo de vida do dono e é perfeita para ele".

Criado em 2004, o The Cool Hunter assume-se como o *site* de cultura e design mais lido do mundo.

MANUEL ROBERTO



O edifício foi projectado por José António Barbosa e Pedro Guimarães

Construção do prédio da J. Camilo vai ser retomada

● O Tribunal Administrativo e Fiscal do Porto (TAFP) considerou, na quarta-feira, "improcedente" a providência cautelar interposta por um grupo de moradores contra a construção de um prédio da J. Camilo na Foz. "A J. Camilo entende que a decisão proferida conduz à suspensão do embargo, pelo que vai retomar a obra", disse ontem à Lusa fonte da empresa.

A providência cautelar "de suspensão de eficácia de acto administrativo de licenciamento de construção" tinha sido aceite pelo tribunal em Janeiro de 2010, mas só agora foi tomada decisão sobre o mérito da mesma. O TAFP considera que "não resulta alegado [...] o fundamento da afectação das vidas pessoais e familiares dos requerentes", não compreendendo "em que medida é que o argumento nuclear [violação de cércea imposta pelo Plano Director Municipal] afecta ou ameaça" as suas vidas profissionais. A sentença avalia os prejuízos reclamados pelos moradores como "um dano moral menor, próximo da fronteira que o faria merecer a tutela do direito". O advogado dos moradores disse à Lusa que os seus clientes ainda não foram notificados desta decisão.

A Câmara do Porto aprovou por maioria, a 21 de Dezembro, o embargo do prédio de 21 metros de altura. A deliberação surgiu depois de, no início de Dezembro, o TAFP ter exigido que a autarquia embargasse a construção, considerando ineficaz toda a obra realizada desde Julho de 2009. A autarquia embargou a empreitada, mas recorreu da decisão. Em Fevereiro de 2010, depois de a providência cautelar ter sido aceite em tribunal, a câmara mandou a empresa suspender os trabalhos. A J. Camilo recusou parar a obra, defendendo que apenas devia obediência à decisão judicial sobre o mérito da providência.

A autarquia pediu uma aclaração da sentença que o tribunal recusou. O vereador do Urbanismo pediu então ao executivo que decidisse sobre o processo: em Abril de 2010, os vereadores chumbaram o embargo. A Lusa tentou ouvir a Câmara do Porto.

DIOCESE DO PORTO

A Diocese do Porto comunica o falecimento da **Senhora D. Maria Sofia Correia Lopes Macário do Nascimento Clemente**, mãe do Senhor D. Manuel Clemente, Bispo do Porto.

Nascida em Ramalde, Porto, a 15 de Agosto de 1915, faleceu a 26 de Janeiro de 2011, em Torres Vedras.

O funeral realiza-se hoje, às 11h30, igreja da Graça, em Torres Vedras.

A missa de 7.º dia será no dia 1 de Fevereiro, às 17h, na igreja catedral do Porto.

Marco António diz que é "inaceitável" não haver ponte pedonal entre Gaia e Porto

David Pinheiro Silva

● O vice-presidente da Câmara de Gaia, Marco António Costa, considerou ontem "inaceitável" o facto de ainda não se ter construído uma ponte pedonal a ligar as margens de Gaia e do Porto. O autarca defendeu que faz falta mais cooperação entre os dois municípios, recordando as "experiências notáveis" da Red Bull Air Race e dos festejos da noite de São João como exemplos de realizações conjuntas que, em seu entender, mostraram como é necessário "assegurar mais pontes de ligação" entre as duas margens.

Intervindo no lançamento da construção do Porto Cruz - Centro Multimédia de Gaia (na frente ribeirinha), Marco António Costa afirmou "é mais fácil reabilitar a zona histórica de Gaia do que a do Porto". Porém, o vice-presidente acredita num "efeito de contágio" relativamente ao desenvolvimento das duas margens, "se houver comunicação viária e pedonal" que permita a aproximação.

Como forma de assinalar os 13 anos de mandato de Luís Filipe Menezes à frente do município de Gaia, estão a ser realizadas treze iniciativas distintas durante treze dias consecutivos. O lançamento da primeira pedra do Centro Multimédia foi uma delas. A cerimónia deu a conhecer um pouco mais sobre o equipamento que, segundo o arquitecto autor do projecto, Valentim Miranda, tem inauguração prevista para "antes do fim do Verão".

O edifício de três andares que começou ontem a ser remodelado no Largo Miguel Bombarda representa um investimento de cerca de cinco milhões de euros. No piso térreo, os visitantes vão encontrar a recepção e uma loja, bem como um *open-space* que fará a ligação aos outros pisos. No primeiro andar será criada uma galeria e no segundo piso uma sala de conferências. O último andar vai reunir um espaço para a degustação de vinhos com um terraço com um vista esplêndida sobre o Douro e o Porto.

Segundo o director-geral da Gran Cruz, Jorge Dias, este equipamento não será um "museu tradicional", mas sim um espaço orientado por um novo conceito, baseado em "experiências sociais, cognitivas e sensoriais, desformalizando os códigos de consumo de vinho do Porto, para atrair novos públicos".

Para além deste pólo, Marco António Costa garantiu a apresentação, dentro de pouco tempo, de outro museu interactivo no Cais de Gaia, dedicado ao Douro e ao barco rabelo.

PUBLICIDADE



Detido assaltante que passou quatro horas na retrosaria

A PSP de Viana do Castelo deteve o assaltante que, na madrugada de terça-feira, passou quatro horas no interior de uma retrosaria da cidade, a escolher criteriosamente os artigos a furtar. O material foi todo recuperado e devolvido ao proprietário. Segundo a PSP, o detido tem 38 anos e é reincidente. Aguarda julgamento em liberdade.

Menezes critica venda de património pelas autarquias

David Pinheiro Silva

O presidente da Câmara de Gaia diz preferir apostar na requalificação para atrair e criar investimento e garantir a sustentabilidade das contas municipais

● Mais um dia, mais uma inauguração. Ontem foi a vez da inauguração oficial das novas instalações do Instituto das Artes e da Imagem (IAI), na Travessa de General Torres, em Gaia, onde o presidente da câmara sublinhou a importância da reabilitação urbana e condenou a venda de património para "equilibrar as contas".

Na visita à frente ribeirinha, onde anteontem foi colocada a primeira pedra do Porto Cruz - Centro Multimédia (um museu interactivo dedicado ao vinho do Porto), integrado na celebração dos seus treze anos de mandato à frente da Câmara de Gaia, Luís Filipe Menezes reforçou que "o mais importante não são as contas a curto prazo", mas sim "atrair e criar investimentos que garantam sustentabilidade a longo prazo, preservando o património" municipal.

Menezes apontou a recuperação da frente ribeirinha como exemplo do esforço de Gaia na recuperação do seu edificado. Menezes também comentou que, em breve, será inaugurado o teleférico de Gaia - que experimentou anteontem -, que "pode servir inclusive como meio de transporte para estudantes".

Relativamente ao IAI, que é frequentado por duas centenas de alunos do secundário e estava instalado na Praça Coronel Pacheco, no Porto, o presidente da Câmara de Gaia afirmou que as novas instalações representam "um contributo muito importante" do seu município "para ajudar a reforçar o equilíbrio de desenvolvimento entre as duas margens do Douro, numa zona que representa um património ímpar da humanidade"

Ex-PortoLazer na Gaianima

A partir de Fevereiro, Menezes passa a contar com Ricardo Almeida -director da empresa municipal Porto Lazer desde 2006 e antigo deputado do PSD e ex-secretário-geral da JSD, na liderança da Gaianima, a empresasa municipal que gere o parque desportivo e escolar do concelho da margem sul.



Para o presidente da Câmara de Vila Nova de Gaia, "o mais importante não são as contas a curto prazo" de um município

"Aceitei o desafio. A Gaianima é uma empresa com créditos firmados na área e Gaia é um município em clara expansão", declarou Ricardo Almeida à agência Lusa.

Em comunicado, a autarquia de Gaia refere que a presidência da Câmara do Porto foi informada do convite endereçado a Ricardo Almeida e deu a sua aquiescência à transferência do referido quadro.

Pano na fachada de sindicato abre polémica no Porto

● O CESP - Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal ameaça agir criminalmente contra a Câmara do Porto, se esta levar avante o propósito de retirar, da fachada da sede da instituição, um pano alusivo aos 120 anos do sindicato.

Em comunicado, o CESP diz ter sido notificado pela autarquia para retirar o pano referido, com a indicação de que, caso não o faça, "os serviços da câmara vão removê-lo e apreender o respectivo pano, sendo os encargos e respectivas taxas imputados ao sindicato" afecto à CGTP. O CESP diz repudiar esta atitude, que considera "uma ingerência" na vida do sindicato, e apela ao "bom senso" do presidente da câmara.

Ouvido pelo PÚBLICO, o vereador com o pelouro da Fiscalização, Sampaio Pimentel, informou que o CESP foi alertado de que teria de retirar o pano, por este estar numa "zona amarela" (em termos de afixação de propaganda) e carecer de licenciamento. Acrescenta que o CESP respondeu que só tiraria o pano se fosse notificado, como sucedeu. E conclui que, se não for pedido o licenciamento, o pano será retirado.









Hipsters sem causa

É um estilo, uma escolha de visual com base cultural que define parte de uma geração e a sua busca do que é mais cool *e individual. Capitalismo, Internet, música e moda ajudam a definir uma "cena" da actual cultura jovem, nascida em Brooklyn. As críticas, a ironia e os estudos também já atingiram os* hipsters.

Texto **David Pinheiro Silva e Joana Amaral Cardoso** Fotografia **Daniel Rocha**

O *hipster* é aquele amigo que ouve a banda tão alternativa "que ainda não existe", que vê os filmes mais obscuros, que veste a camisola da avó com calças de ganga de marca e que trabalha (com sorte, nos tempos que correm) nas artes ou numa área cultural. Quando não está a trabalhar, ensaia com a banda ou, mais fácil, é DJ. É o responsável pela invasão dos festivais de Verão por calças justas, Ray-Bans coloridos e óculos de massa a evocar os marrões, é o *performer* da estética corta-e-cola que tem como ferramenta a apropriação de elementos *vintage* e *retro*.

Isto, associado ao culto de uma atitude irónica e uma rejeição categórica de tudo o que é *mainstream*, define de uma maneira geral o *hipster*, que, se começou por querer ser diferente, acabou por se tornar em mais uma forma de cultura urbana – mais uma cena ou onda que integra a actual cultura juvenil e que está inexoravelmente a ser absorvida por esse *mainstream* que tanto abomina.

Nos anos 1970 havia o *hippie*, nos anos 1980 o punk e nos anos 1990 o *slacker,* que ouvia rock grunge e vestia camisas de flanela. A roupa desportiva de *b-boys* e *b-girls* da cultura hip-hop seguiram-se-lhe. Estes são retratos-robô, generalizações sobre movimentos ou estilos de vida de raízes muito musicais dentro dos quais se escondem inúmeras variações. Hoje, quando olhamos para os adolescentes e jovens adultos, haverá sempre pelo menos um *hipster* entre eles.

Mas cada *hipster* é um indivíduo e o nome, como um todo, opina a Nicole, 21 anos, estudante e funcionária numa loja de roupa em Lisboa, "só faz sentido falando de uma faixa etária". Depois, tudo muda. O acesso à informação, as conquistas políticas e sociais do passado, a liberdade garantida do capitalismo ocidental criaram uma geração que assume "quero tudo aqui e agora e posso tê-lo", como sintetiza Bárbara Fonseca, 21 anos. Tudo muda com muito maior rapidez e por isso mesmo, indicam, "mistura" é a palavra-chave. "Antes os sapatos de vela eram só coisa de betos. Agora posso usar um par com uma *T-shirt* de Slayer [uma banda de *heavy metal*]. E isso também se vê em coisas mais sérias, como a droga. Antes quem consumia drogas era gente mais alternativa, agora vês todo o tipo de gente a consumir alguma coisa", analisa Nicole.

Ao longo da última década, o fenómeno *hipster* foi suscitando debate. De editoriais no *New York Times* sobre a entrada do termo na linguagem a textos zangados na revista anticonsumista *Adbusters*, o *hipster* foi sendo associado a tendências de moda, cultura, consumo e estilo de vida. Sem ideologia, sem causas, sem conteúdo? Ergueram-se barreiras temporais: o *hipster* nasce em 1999, colonizou o bairro de Williamsburg em Nova Iorque e parte da culpa é da revista de cultura urbana *Vice*. Entretanto, foi-se massificando. Mesmo sabendo tudo isto, o termo não é fácil de definir. Nevoeiro de ambiguidade.

O que é o *hipster*?

"O que é o *hipster*?" A pergunta é perpetuada pela quantidade de definições surgidas ao longo dos anos, mas a última tentativa de o fazer vem, como não podia deixar de ser, de Brooklyn, considerado o berço e sede por excelência do *hipster*. *What Was the Hipster: A Sociological Investigation* foi editada pela revista *n+1* em Novembro de 2010 e compila ensaios que abordam o fenómeno a partir de uma pers- ➜

Nicole, 21 anos, Ruben, 23 anos, frisam que só faz sentido falar de *hipsters* se falarmos de uma faixa etária





Aos longo dos anos 2000, as revistas e livros glorificaram a moda de rua *hipster* – das barrigas de cerveja às malhas dos anos 1980

pectiva sociocultural. Um dos seus responsáveis, Mark Greif, assinou o editorial *The Hipster in The Mirror* no *New York Times*, onde tenta dar resposta às caracterizações depreciativas que foram surgindo sobre o *hipster* – sim, porque se as revistas *Time Out Nova Iorque* e *Time* os consideraram "o beco sem saída da civilização ocidental" e "os assassinos do *cool*", imagine-se o que é dito por essa Internet fora.

Mark Greif recorre ao sociólogo Pierre Bourdieu e ao seu *A Distinção: Uma Crítica Social do Julgamento do Gosto*, porque o fenómeno *hipster* resume-se a uma palavra: gosto. Aliás, o prefixo *hip* é um sinónimo de fixe, de algo fresco e novo. Para Bourdieu, cita Greif, o gosto é um capital na competição pelo estatuto social. Tal como a riqueza monetária, "o gosto e tudo o que ele envolve é usado por grupos como forma de competirem entre si na tentativa de subir na sua condição social". Para Mark Greif, é isto que instiga a dinâmica da comunidade *hipster*, "um amontoado de jovens de diferentes origens que disputam a superioridade social".

Uma das editoras de *What Was The Hipster*, Dayna Tortorici, questiona-se quanto à reacção que esta forma de expressão da juventude do século XXI – e o que é a juventude deste século senão um período cada vez mais alargado, passando dos 20 aos 30 e até aos 40 anos? – suscita. "Penso que o que muitas pessoas consideram negativo nos *hipsters* (apatia, recusa em se envolver politicamente, enobrecimento urbano [intervenções nas cidades que melhoram as condições de certas zonas, homogeneizando-as e levando à valorização imobiliária e à exclusão gradual dos seus habitantes tradicionais] e consumismo desenfreado apresentado como algo 'único') não é exclusivo do *hipster*. Eles não fazem nada de mal – muitas vezes, não fazem mesmo nada. Mas são pessoas que nos fazem sentir algo sobre nós próprios, ou sobre a cultura, de que não gostamos", aponta Tortorici.

Deriva heterotópica

Nada disto é novo, lembra-nos Vítor Ferreira, sociólogo doutorado pelo ISCTE e que trabalha actualmente no Instituto de Ciências Sociais (ICS), além de ser assessor do Observatório Permanente da Juventude. Em conversa com a Pública, brinca: "Já alguns personagens do Eça [de Queirós] eram *flâneurs* que andavam pelo Chiado, jovens que não fazem nada e que escreviam uns poemas e bebiam absinto. Eram das primeiras culturas juvenis", ri-se.

"É significativo que não seja preciso ter ideias para se ser *hipster*, ou ideias em comum com outros *hipsters* para os reconhecer como semelhantes", diz Dayna Tortorici. E, confirmam Ruben e Nicole em conversa com a Pública, "no *hipster* não há nada disso [causas sociais ou políticas]". "Não há sequer um movimento", frisa Nicole. "Tenho as minhas convicções", diz, lembrando-se dos anos em que, dentro do gosto pela música *hardcore*, enveredou pelo movimento *straight ed-*

"A história do hippie e do punk é escrita nos termos do sistema social e político em que se inseriam. Aqui [nas cenas juvenis actuais], há uma deriva heterotópica, porque se fragmenta muito"

ge, que defende a abstinência de drogas ou álcool, "faço o que quero mas não me considero parte de um movimento '*hipster*'. Tenho é uma série de influências visuais". E ressalva: para quem fala de uma febre consumista do *hipster*, Nicole tem uma reposta pronta. "Há marcas que não tenho possibilidade de comprar, a Chanel, o luxo, essas sim são o consumo. O *hipster* está mais ligado à roupa em segunda mão", exemplifica.

À mesma mesa, Ruben, 23 anos, estagiário num *site* de uma marca internacional de venda de produtos culturais, lança o velho lema do rock'n'roll "*live fast, die young and leave a good looking corpse*", assumindo o lado despreocupado e vocacionado para as festas de uma geração. E repete a ideia de que "o *hipster* é mais uma série de referências adoptadas a nível visual" do que propriamente um movimento ou uma contracultura. Dentro da definição lata do *hipster,* há de tudo – vegans, ecologistas que só se deslocam de bicicleta, seguidores de tendências musicais como o grunge, o punk ou o new rave dos Klaxons e o pós-punk dos Horrors, mas também os praticantes do *Do It Yourself*, versão *cool* do faça-você-mesmo e do corte e costura. Daí ao "*do your own thing*" que Nicole evoca, é um tirinho.



"Estes grupos têm participantes que vão mudando de onda, em que não há propriamente uma substituição de referências mas sim uma acumulação de referências. Isso é comum a qualquer grupo que assim se apresente, sobretudo desde os anos 1990", contextualiza Vítor Ferreira. "A história do hippie e do punk é escrita nos termos do sistema social e político em que se inseriam. Aqui [nas cenas juvenis actuais] há uma deriva heterotópica, porque se fragmenta muito, em que a acumulação de referências é que vai dar substância biográfica e individual àquela trajectória e remete para uma série de referências que a vão singularizar."

Os movimentos ou grupos actuais "não têm, de facto, este tipo de maquetas por trás, por isso podem ser vistos como niilistas – não são. São grupos com afinidades com a própria cultura contemporânea ocidental. Valorizam a autenticidade e não é por acaso que vão buscar e vão mesclando, dando-lhes novas formas, elementos mais esquecidos dessa cultura. É o caso da recuperação do vinil ou da tatuagem", exemplifica o sociólogo. Acrescente-se a máquina fotográfica descartável, baratinha e que nem sempre funciona, que sai da mala de Nicole. "O analógico", legenda Ruben quando a amiga puxa da máquina, "é toda uma cena".

A "cena" e a "onda"

O *hipster* é uma entre várias "cenas" urbanas e jovens actuais. É "o jargão usado pelos próprios. Cena e onda", clarifica Vítor Ferreira. "E é muito interessante do ponto de vista antropológico e sociológico, porque 'cena' remete para a ideia de palco, de construção visual de uma personagem que está em cena no mundo social, conotada com a ideia de protagonismo e participação social, uma forma de ser jovem assumindo-se perante o mundo com um determinado estilo de vida", associa.

"E a onda remete para o fenómeno cujas afiliações não são estáveis – quem era hippie era-o para toda a vida, agora vai-se surfando de onda em onda. Tem muito a ver com movimentos de fusão", diz o sociólogo, que frisa que no centro de tudo isto está o indivíduo, a afirmação de uma identidade única assim reconhecida pelos outros participantes do grupo. É isso que Nicole e Ruben ilustram e vivem. "É uma acumulação de informação, daquilo com que somos bombardeados, tendências de moda, blogues, [a ferramenta de *microblogging*] Tumblr, revistas. Não imitamos o que lá vemos, são influências", resume Nicole.

Os amigos Ruben e Nicole são da região de Viseu mas vivem em Lisboa desde que vieram estudar Design de Comunicação. Para a sua geração, o acesso é tudo. E total. Há 20 anos, as modas, os conteúdos e objectos culturais, principalmente os que não se inserem no espectro do *mainstream*, demoravam algum tempo a chegar a Portugal. Com a Internet isso acabou. A banda mais *indie* a surgir em Silver Lake (a Brooklyn de Los Angeles) é ouvida tão depressa por um jovem nos Estados Unidos como por um adolescente do Porto, desde que surja na Pitchfork, um *site* americano de crítica de música alternativa que a certa altura se tornou na principal fonte de informação para "o que é fixe ouvir agora".

André Gomes é editor do *bodyspace*, que para efeitos práticos funciona como uma Pitchfork portuguesa, e ao lidar todos os dias com conteúdos consumidos pelos ditos *hipsters* (embora não exclusivamente), foi exposto a este grupo de contornos difusos e ao fenómeno desde cedo. Resume a subcultura como "as gerações dos anos 1980 e início dos 1990, formadas e endinheiradas, que vivem das modas e dos revivalismos à volta do Verão, a evocar um estilo entre o *vintage* e o *retro*, com os óculos de massa, o bigodinho porno à anos 1970 e tudo o mais que possa ter caído no esquecimento do *mainstream*".

Em fóruns e redes sociais, o termo aparece hoje quase como um selo de não-qualidade, particularmente no que concerne à música – apesar de muitas das bandas indie do momento fazerem as *playlists* tanto de *hipsters* como dos que, não o sendo, seguem o panorama musical e cultural alternativo; o raciocínio parece ser "eu ouço porque reconheço o valor desta sonoridade, o *hipster* ouve porque está na moda".

É fácil estereotipar, sobretudo numa área em que quase tudo se parece jogar no tabuleiro do visual, da roupa, da identidade de grupo, do prazer e de um estilo de vida. Haverá *hipsters* que trabalham em áreas menos liberais ou criativas, haverá jovens adultos que compraram, insuspeitos, o seu bilhete de entrada para o mundo *hipster* ao frequentar certo bar ou ao fazer compras em certa loja. Mas num mundo de gente que se considera diferente entre si apesar de partilhar uma postura na vida, uma coisa há em comum: a reacção. A reacção anti-*hipster*.

Frederico Duarte, crítico de design, estudava em Nova Iorque quando começou a ler textos que o fizeram pensar sobre o fenómeno. Textos críticos. "Não é um movimento social, é um *consumer group* com diferentes vertentes", dispara. "Há todo um estilo de vida *hipster*", reflecte, que foi identificado pelas grandes indústrias e reempacotado. Hoje, evoca Frederico Duarte, "*You don't sell out, you buy into*" – não nos vendemos, compramos uma ideologia. "Vais a várias cidades mas estás sempre no mesmo bairro: tal como há Ruas Augustas em todo o lado com as H&M e as Zaras, também há os bairros *hipster* com os restaurantes vegetarianos ou orgânicos, os estúdios de ioga e de tatuagem... Produz-se uma cartografia *hipster*."

Na *Adbusters* de Julho de 2008, o jornalista Douglas Haddow assinalava que o *hipster* "é a primeira 'contracultura' a nascer sob o microscópio da indústria da publicidade, deixando-a aberta a manipulação constante mas também forçando os seus participantes a mudar constantemente os seus interesses e filiações". A isto juntam-se os blogues e a apropriação de conteúdos de outrem e a sua recontextualização, o momento em que tudo é partilhável e a distância escassa a que tudo, toda a memória de uma civilização, está. "Os *hipsters* são uma amálgama disso tudo, não há neles uma causa maior; não têm ideal e por isso é tão fácil adoptá-lo globalmente. É como o *kaffiyeh*", exemplifica Frederico Duarte. Mais do que um lenço, é um símbolo histórico, geopolítico. Agora está à venda em qualquer loja de rua ou de moda rápida e até a casa de moda parisiense Balenciaga fez uma versão dele para o seu pronto-a-vestir de luxo.

"O rótulo um bocado ridículo"

Por tudo isto, dificilmente um *hipster* se assume enquanto tal – quanto mais não seja porque o termo se tornou pejorativo, muito graças à multiplicação de guias ou manuais para o *hipster*, símbolos da cristalização do próprio grupo, e de *sites* jocosos como o *Look at This Fucking Hipster* ou o português Hipster de Vanguarda, perfil bem vivo no Facebook. Mas também porque "quaisquer movimentos que hoje emerjam vão sempre ter movimentos de contestação", esclare- ➜

ce Vítor Ferreira. "Toda a cultura tem uma contracultura. São sempre reacções sociais. [Ser contra os *hipsters*] é uma outra forma de distinção social, pelo novo, ou pelos que ainda existem [enquanto *hipsters*] e que se sentem ameaçados pela cultura *mainstream*. E ainda pelos que se sentem ameaçados por uma diferença, mesmo que seja mais ou menos massificada."

A reacção de Ruben à pergunta "consideras-te um *hipster*?" espelha um desses casos. Conjuga no seu estilo pessoal elementos dos anos 1980 e 90, advoga a originalidade e o indivíduo, como comentam as amigas, e uma aversão à nomenclatura. "Não gosto que me digam que sou *hipster*. Porque é um rótulo, uma coisa de que não se gosta quando se quer ser original." Acha que já aconteceu ao *hipster* o que, no início dos anos 2000, aconteceu aos *emos* – outra subcultura, baseada no estilo musical homónimo que alia uma estética punk a letras confessionais e que se massificou até se tornar alvo de paródia. "O rótulo significa algo um bocado ridículo." Depois, em vários momentos, ele e as amigas usam e abusam do termo para com ele brincar, hiperbolizando tudo o que "é mesmo *hipster*".

A aversão que rodeia este grupo explica-se por uma aparente futilidade, diz à Pública o editor do *bodyspace*: "Os *hipsters* têm pouca substância. Antes, as subculturas perseguiam muito o conteúdo, mas esta parece-me que prefere o produto. Ouvem o que está na moda e por isso o consumo cultural é muito efémero." Mark Greif explica-o de outra forma. "Muitos de nós tentam justificar os seus privilégios fingindo que os nossos gostos e intelecto soberbos são prova de que os merecemos, reflectindo uma superioridade interior." Portanto, defende Greif, o *hipster* é olhado de soslaio não tanto pela parafernália de estilos que funde, pelas modas (algumas) parvas que cria ou pelo seu suposto poder de decisão sobre o que é *cool*, mas sim por representar um estrato social de elevada ansiedade económica que quer progredir num período em que a mobilidade social é menor. Como em toda a História, esta atitude é mal interpretada pelos dois lados: o da classe social de onde origina a nova tribo urbana – "Este pensa que é mais do que eu" – e o da elite intelectual – "este pensa que é igual a mim".



No retrato-robô do *hipster*, os óculos de massa com ou sem lentes evocam o universo *nerd* ou marrão – um bastião do antigo mau gosto que se torna *cool*

Querer estar sempre à frente

Voltando a Portugal, outro indício de que o *hipster* está entre nós. De todas as publicações sobre cultura alternativa, a revista *Vice* foi adoptada pela cultura *hipster* como bíblia. Nascida no Canadá em 1994 como a *fanzine Voice of Montreal*, em 1996 tornava-se na conhecida *Vice*. Em 1999 migrou para Nova Iorque e desde então criou edições para mais de 20 países. Como não há religião sem fiéis, se a chegada da edição portuguesa da *Vice* em Outubro de 2009 serviu para alguma coisa, foi para confirmar a existência de mercado *hipster* em Portugal. Para Nuno Miranda, editor da *Vice* portuguesa, os *hipsters* são "miúdos modernos, informados, boémios e com estilo. Esse estilo é uma mistura do que foi a moda até hoje – é uma mescla de tudo aquilo que fomos a nível de moda, de música".

Nas suas palavras não se lê crítica. Simplesmente enquadra a vida da massa de jovens alternativos no seu contexto de produção. "Hoje, os MP3, a Internet e todos os *gadgets* com os quais acedemos a conteúdos a qualquer hora fazem com que o consumo seja muito mais intensivo – daí cansarmo-nos das coisas mais rapidamente. Isto não quer dizer que elas não tenham valor artístico. Isto, associado ao facto de os *hipsters* cultivarem o querer estar sempre à frente, a procura da próxima coisa fixe, torna tudo muito mais efémero", diz Nuno Miranda.

Agora, nos cartazes dos festivais de Verão, lá estão os Vampire Weekend, os These New Puritans ou os Crystal Castles. Em 2007, estas já eram as bandas ouvidas e discutidas pelos *hipsters* melómanos que, quando as viram transbordar para o *mainstream*, rapidamente adoptaram outra vaga de ilustres desconhecidos na indústria da música alternativa, sendo as "novas cenas" (por agora) o género Chillwave e os seus profetas cheios de *loops*, sintetizadores e *samples* Néon Indien, Toro y moi, Washed Out ou Ariel Pink; ou o Witch House com Zola Jesus, Salem ou outros grupos de nomes graficamente trabalhados (com muitos triângulos e cruzes à mistura) a dominar os gostos.

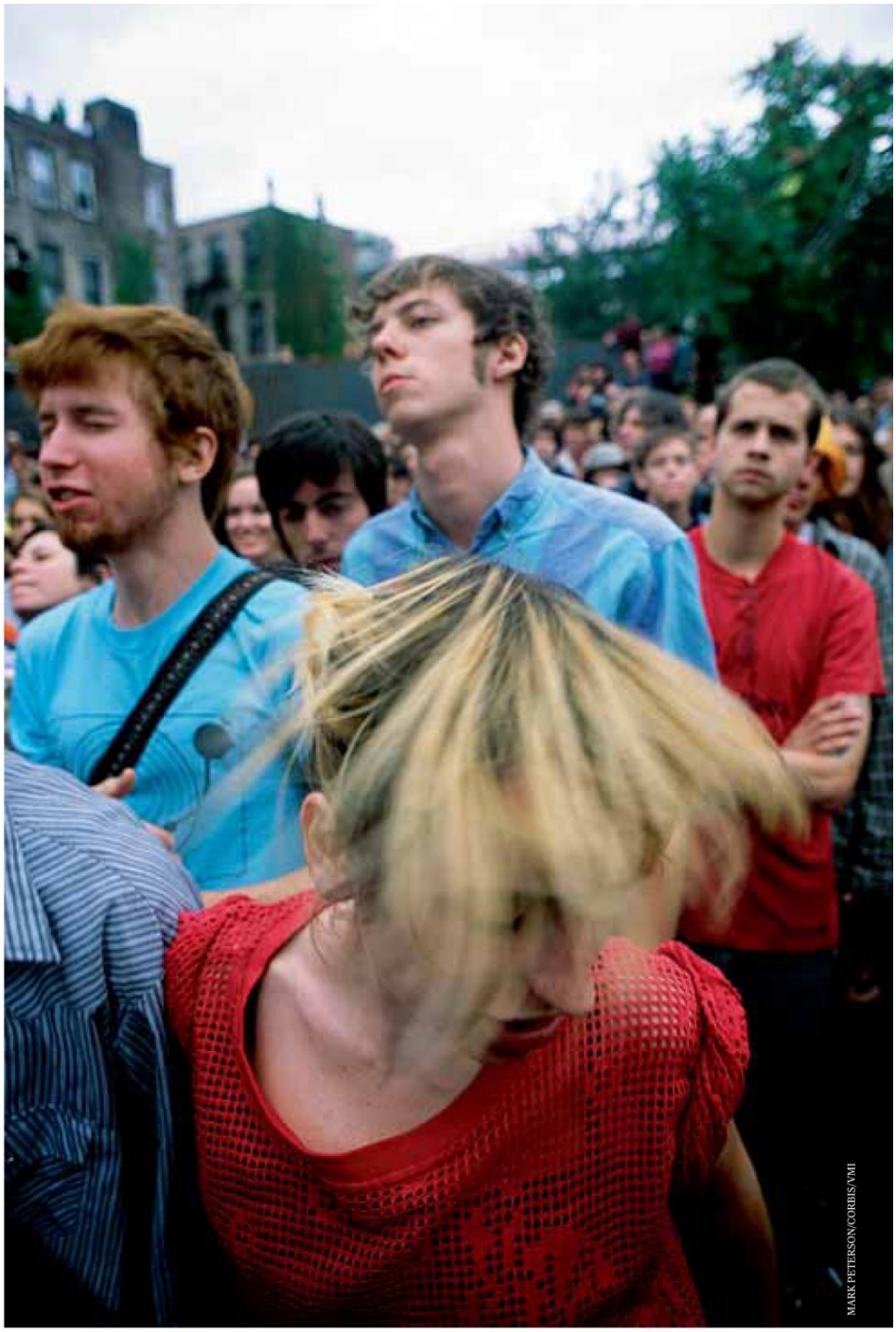
Gostos, roupa, música. "A música tem um valor estrutural e estruturante, mais do que o visual, nestas cenas ou ondas", confirma o investigador do ICS. "Sempre foi uma constante nas culturas juvenis, é um recurso juvenilizado. Quem quer assumir determinado tipo de personagem tem de ter conhecimentos musicais. É um gosto partilhado que serve de símbolo de distinção – como um adulto que a partir de determinada altura passa a ter um carro e isso é um símbolo."

Algumas destas bandas e outras do género já passaram por Portugal, circulando sobretudo entre Porto e Lisboa: têm um público essencialmente urbano que em ambas as cidades vive nos seus micro *habitats*. Desde as galerias de arte e lojas de roupa alternativa na Rua Miguel Bombarda (Porto) às festas Wonderland e bares do Bairro Alto numa movida que passa pela Bica até chegar ao Cais do Sodré (Lisboa), foram-se criando roteiros específicos para um consumo específico. Consumo esse potenciado, mais uma vez, pela Internet. Em Portugal pode não haver a American Apparel ou a Urban Outfitters (lojas que vendem um estilo de vida à medida do *hipster* mais endinheirado), mas quem é que precisa de um espaço físico para fazer compras, quando se tem cartão de crédito e banda larga? Mais do que dar acesso a umas quantas marcas além-fronteiras, a Internet facilitou a aquisição de *know-how*, das regras do jogo que definem "como ser um *hipster*".

Dayna Tortorici, co-autora de *What Was the Hipster*, constata na revista *The Economist* que "foi a capacidade que a Internet tem de fazer circular rapidamente definidores de gosto – roupas, música, filmes e até posturas – que facilitou a emergência do *hipster*".

Vida e morte do *hipster*

O termo *hipster* remonta à gíria da década de 1940, para descrever os aficionados da era dourada do jazz. Então, os *hipsters* eram normalmente jovens brancos de classe média que tentavam imitar o estilo de vida da comunidade negra. Em 1957, a eminência da geração Beat Jack Kerouac define-a como "uma América ambulante, à boleia e a mandriar, como personagens de uma espiritualidade superior". No final da década de 1990 e início do século XXI, a "espiritualidade superior" foi substituída pelo "gosto superior" e o termo foi adoptado para descrever os jovens de classe média e média alta, que começaram por surgir em zonas como



MARK PETERSON/CORBIS/VMI

Foi em Williamsburg, Brooklyn, que o *boom hipster* começou, à boleia das rendas baratas – agora estão por todo o lado

Williamsburg, em Brooklyn, onde ocupavam casas de rendas mais baratas [algo que acontece cada vez menos] e que se diferenciam através do cultivo de uma atitude *cool*.

Criada precisamente como modo de evitar rótulos, acabou por gerar uma nova conotação (pejorativa) de *hipster,* quando a cultura de massas absorveu o *hipster*. De tal forma que o termo hoje é enjeitado pelos seus pais adoptivos, como o CEO da American Apparel, Dov Charney, que decretava no Verão passado que "o *hipster* está acabado" – a própria marca, um marco *hipster* com preços gordos e posicionamento de mercado presunçoso, está em apuros, vítima de um escândalo de mão-de-obra imigrante ilegal e de uma quebra nas receitas.

Hoje, tal como acontecia com os *yuppies* no fim da década de 1980, estes jovens essencialmente burgueses atraem atenção pelas suas práticas de consumo peculiares e pela obsessão pelo estatuto social entre os seus pares. O *hipster* "é um fenómeno de homogeneização, como os *yuppies*, mas ao contrário – o *yuppie* é uma imagem de sucesso, de um certo arrivismo; os *hipsters* espelham a ideia de 'eu sou o melhor que consigo ser'", indica Frederico Duarte.

Esta é uma das fatias sociais do novo milénio e em mais do que uma maneira é o reflexo do mundo pós-século XX. Sem filiações políticas ou ideológicas e meio desligado do mundo, o *hipster* faz parte da geração que transitou do analógico para o digital, que deixou a televisão para abraçar a Internet e viu o mundo negar-lhe, por culpa da recessão, um lugar no mercado de trabalho (e no sonho americano). E que decidiu voltar para trás para dizer que sim, o que era velho era fixe e que o que os da geração seguinte achavam de mau gosto é a melhor coisinha desde a invenção do pão fatiado.

What Was the Hipster: A Sociological Investigation tem um sintomático pretérito no título. O *hipster* já foi, dizem-nos. Algures em 2009, depois de passar por várias fases, acabou-se. Uma década de recuperação de elementos da cultura popular passada, carregados de ironia estética e um estilo de vida hedonista vieram e foram-se. Ou não. Transformaram-se. "O *hipster* está certamente a ser descontinuado, sangrando para o gosto *mainstream*", esclarece Dayna Tortorici na *Economist*, delineando as fronteiras com que uma subcultura ou grupo se cose para ser coeso e exclusivo e logo se descose quando suscita tanto interesse por parte da cultura de massas que se descaracteriza. E a pergunta que todos se fazem nas conversas com a Pública é: o que vem a seguir? ●

david.silva@publico.pt
joana.cardoso@publico.pt

Os *hipsters* "são pessoas que nos fazem sentir algo sobre nós próprios, ou sobre a cultura, de que não gostamos", diz Dayna Tortorici

Há um Portugal romântico à medida de cada um, sábado na Fugas

Luís Filipe Menezes classifica de "ridículo" fecho da repartição de Finanças dos Carvalhos

David Pinheiro Silva

O presidente da Câmara de Gaia diz que está há oito meses a tentar ser recebido por Teixeira dos Santos

● O presidente da câmara de Vila Nova de Gaia, Luís Filipe Menezes, acusou ontem o Ministério das Finanças de só ter contactado a Junta de Freguesia de Pedroso, para "estudar possíveis alternativas", depois de ter tomado a decisão de encerrar a repartição das Finanças dos Carvalhos. No dia da assinatura do protocolo de delegação de competências às 24 juntas de freguesias para 2011, Menezes aproveitou para classificar o encerramento da repartição como "ridículo" e acusar o Ministério das Finanças de ser "teimoso", por se recusar a dialogar com a câmara.

Para o vice-presidente da Câmara de Gaia, Marco António Costa, esta questão não é "um problema partidário, mas sim institucional". A decisão de encerrar a 3.ª Repartição de Finanças de Gaia, publicada na passada sexta-feira em *Diário da República*, revela "irracionalidade por parte do Governo", que deveria ter considerado o fecho de uma das três repartições existentes, "lado a lado", no centro de Gaia, em vez de encerrar a repartição dos Carvalhos, que serve mais de 100 mil habitantes, de nove freguesias. A 3.ª Repartição de Finanças serve Grijó, Olival, Pedroso, Perosinho, Sandim, S. Félix da Marinha, Seixezelo, Sermonde e Serzedo, cujos moradores terão de percorrer cerca de 40 quilómetros até ao centro de Gaia. Como último recurso, os presidentes das juntas em questão enviaram ontem uma carta ao ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, pedindo-lhe que reconsidere a decisão de fechar a repartição dos Carvalhos.

MÁRIO AUGUSTO CARNEIRO



PCP também critica reorganização da rede de repartições de Finanças

Utentes

100 mil

pessoas de nove freguesias do concelho de Gaia são servidas pela repartição dos Carvalhos.

Para Luís Filipe Menezes, este caso decorre de uma falta de comunicação entre o Governo e as autarquias: "É inadmissível que passem 20 anos e nunca um ministro das Finanças ter convidado o presidente da Câmara de Gaia, do Porto e de Lisboa, para nos sentarmos a uma mesa e dialogarmos sobre a melhor maneira de ultrapassar os problemas em conjunto". Menezes disse ter pedido uma audiência ao ministro há mais de oito meses, sem obter resposta, e deixou um apelo a Teixeira dos Santos: "Convido o sr. ministro das Finanças a, quando estiver pelo Porto, tomar um café. Não para pedir dinheiro, mas para dialogar, porque de costas voltadas uns para os outros não se vai a lado nenhum".

Luís Filipe Menezes defendeu que o Estado tem património imobilizado em Gaia que "vale uma fortuna" e que poderia ser usado para "corrigir o défice".

Ontem também o PCP apresentou a proposta de recomendação ao Governo contra o fecho da repartição dos Carvalhos que vai apresentar na Assembleia da República. No projecto de resolução, o partido defende que o Governo deve proceder (com urgência) a obras de adaptação e de modernização no edifício, para que se mantenha aberta a repartição. Caso isto seja impossível, o PCP propõe que se encontre uma localização alternativa situada na mesma área geográfica das instalações actuais.

Freguesias sem transporte durante a noite

David Pinheiro Silva

● O vice-presidente da Câmara de Gaia, Marco António Costa, anunciou ontem que vai pedir explicações às entidades de regulação do sector dos transportes sobre a decisão da empresa Sequeira Lucas de eliminar as carreiras que funcionavam entre as 20h30 e as 00h35.

Com esta redução da oferta, a população de Serzedo, em Vila Nova de Gaia, perde o único serviço de transportes públicos que assegurava a ligação nocturna da freguesia ao Porto.

Os novos horários do operador Sequeira Lucas, que entraram ontem em vigor, afectam também as ligações de Valadares (Estação) e Serzedo. A primeira mantém-se assegurada pelos serviços da Sociedade de Transportes Colectivos do Porto, que circulam durante a madrugada. Quanto a Serzedo, fica mesmo sem transportes durante a noite.

Marco António Costa espera reunir-se com a Autoridade Metropolitana de Transportes do Porto e com o Instituto de Mobilidade e Transportes Terrestres para pedir explicações quanto a esta questão. O vice-presidente da Câmara de Gaia também pretende organizar uma reunião de trabalho com a empresa de transportes em causa, procurar "soluções adequadas" para o problema que também prejudica a mobilidade das populações de Gulpilhares, Arcozelo e Vilar do Paraíso.

Direito de resposta

"Câmara de S. João da Madeira acusa Ordem dos Revisores Oficiais de Contas de cambão"

● Tendo sido publicada na página 28 desse Jornal, de 14 do corrente, Edição 7587, o artigo intitulado "Câmara de S. João da Madeira acusa Ordem dos Revisores Oficiais de Contas de cambão" da autoria da jornalista Sara Dias de Oliveira, venho, como Bastonário e representante legal da mesma Associação Publica Profissional solicitar a V. Exa., ao abrigo do disposto no art° 25 da Lei de Imprensa, a publicação do seguinte texto.

1. Na sequência do procedimento de Ajuste Directo 2/2010 da Câmara Municipal de S. João da Madeira, visando a aquisição de serviços de auditoria externa para o quadriénio 2010/2013, pelo preço base de 26.400,00 euros (sem IVA), ou seja, de 6.600,00 por cada exercício) a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas, tendo em consideração que esse preço não incluía despesas de alojamento, alimentação e deslocação de meios, nem respeitava os critérios para a fixação de honorários estabelecidos na lei – revelando-se assim anormalmente baixo (art°s 59° e 60° do Estatuto da Ordem - Dec-Lei no 487/99,de 16/11 alterado pelo Dec-Lei n° 224/2008,de 20/11) emitiu, em 13/04/2010 a Circular n° 26/10 na qual recomendou aos seus membros, em particular aos interessados nesse concurso, que não aceitassem o preço em causa, reservando-se sempre enquanto Entidade supervisora da profissão, o direito de, em caso de não acatamento, desencadear processo específico de controlo de qualidade, nos termos dos nos 4 e 5 do art° 68° do mesmo Estatuto.

2. É, portanto, inteiramente falsa a afirmação de que a Ordem impediu a autarquia de contratar revisor, com o argumento que os honorários pedidos eram demasiado modestos. Com efeito, tratando-se do exercício de funções consideradas, por lei, de interesse publico, à Ordem cabia e cabe assegurar que os honorários do ROC não ponham em causa a sua independência profissional e a qualidade do seu trabalho, podendo, para o efeito, desencadear um processo especial de controlo de qualidade, designadamente nos casos de indícios de incumprimento de normas legais ou regulamentares e de inobservância de critérios de fixação de honorários do art° 60° do Estatuto, como prescreve o seu art°68°.

3. É, também, de todo, inverdadeira a afirmação segundo a qual a Ordem informou o revisor seleccionado que não o autorizava a assinar o contrato com a autarquia com o argumento do preço ser anormalmente baixo, porquanto a posição assumida pela mesma Associação se traduziu numa recomendação de não aceitação do preço base de 26.400,00 euros, pela motivação já indicada. Aliás, uma das SROC candidatas informou, por escrito, a Ordem, na sequência da aludida Circular, que retirou a contraproposta ao procedimento de ajuste directo por entender que o preço base não cobre as despesas efectivas de auditoria às contas do Município de per si, no quadriénio 2010/2013.

4. Como o preço base de 26.400,00 euros foi indicado no artigo em questão, sem esclarecimento sobre o período do mandato, e é susceptível de induzir em erro os leitores, justifica-se clarificar que tal valor é o que o Município projecta pagar pela auditoria às contas de quatro exercícios (2010/2013) e não apenas de um único exercício.

5. Inverídica se revela, por outro lado, a afirmação de que, desde Fevereiro de 2010, a autarquia aguarda resposta da Ordem acerca do valor mínimo recomendado a pagar ao ROC/SROC, tendo em conta que o Presidente do Conselho Directivo da Ordem informou o Presidente da Câmara (carta n° 077/10, de 19/05/2010) que uma vez havia partido da Ordem a proposta de alteração do anterior regime de honorários, com a finalidade de fomentar a livre concorrência, não deveria estabelecer, nem tão-pouco recomendar, valores de honorários máximos ou mínimos.

6. A questão suscitada no penúltimo parágrafo do artigo em apreço - possibilidade de adjudicar um serviço com qualidade garantida pela Ordem a preço mais vantajoso - não tem qualquer cabimento porque a esta Associação Pública Profissional não compete garantir a qualidade de um serviço específico, mas o controlo de qualidade da actividade exercida pelos revisores oficiais de contas no âmbito de funções de interesse publico, através do processo de controlo de qualidade, sob a supervisão do Conselho Nacional de Supervisão de Auditoria (CNSA), como resulta dos n°s 1 e 2 do art° 68° do citado Estatuto.

7. As acusações de "cambão organizado" e de "cambão engravatado" feitas à Ordem, pelo Presidente da Câmara de S. João da Madeira, serão oportunamente objecto de apuramento de responsabilidades em sede própria, sem prejuízo do envio do presente documento e do que o originou à Direcção-Geral das Autarquias Locais.

8. No último parágrafo do artigo, a Ordem dos Revisores Oficiais de Contas foi incorrectamente identificada como Ordem dos Técnicos dos Revisores Oficiais de Contas.

António Gonçalves Monteiro Bastonário

Local



Dez anos depois de ter aberto as portas no Porto, durante a Capital Europeia da Cultura (CEC) de 2001, o espaço cultural Maus Hábitos prepara-se agora para estender a actividade a Guimarães, em 2012, igualmente a pretexto da CEC que ali decorrerá em 2012.

PS de Lousã e Miranda aplaude compromisso do Governo sobre Metro Mondego

Ministro das Obras Públicas prometeu aos autarcas de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo que a linha Serpins-Largo da Portagem estrá pronta em 2014

● O PS da Lousã e de Miranda do Corvo aplaudiu ontem o compromisso do Governo de executar o projecto Metro Mondego entre Serpins e Coimbra-Largo da Portagem até 2014.

O compromisso foi assumido pelo secretário de Estado dos Transportes, Correia da Fonseca, e os autarcas de Lousã, Miranda do Corvo e Coimbra, numa reunião que decorreu na quarta-feira, em Lisboa, com o ministro das Obras Públicas, para discutir uma solução para o projecto. No final da reunião com os presidentes de câmara, Correia da Fonseca disse ainda que "será criada, com o Metro Mondego, as três câmaras municipais e a Secretaria de Estado, uma equipa para ver que 'gorduras', que simplificações é que se pode fazer ao projecto, no sentido de o tornar menos oneroso e cumprir a sua vocação fundamental que não é embelezar cidades mas oferecer soluções de transportes para as pessoas".

"O PS-Lousã, depois da reunião (..) entre o Governo e os três presidentes de câmara [Lousã, Miranda do Corvo e Coimbra] reforça mais uma vez a sua convicção na execução do projecto e aproveita para destacar a acção de liderança firme, empenhada e coordenada que os autarcas têm tido neste processo", salienta um comunicado daquela estrutura concelhia.

Por seu lado, os socialistas de Miranda do Corvo referem que, "perante estes sinais de esperança", se pode afirmar que se "começa a ver a luz ao fundo do túnel", embora acrescentem que gostariam de "ver as obras concluídas dentro dos prazos previstos".

Desde o início de 2010 que estavam em curso duas empreitadas superiores a 50 milhões de euros, entre Serpins (Lousã) e Alto de São João (Coimbra), no âmbito do Sistema de Mobilidade do Mondego, que prevê a instalação de um metro ligeiro de superfície no Ramal da Lousã e na cidade de Coimbra. Em Novembro, a Refer - Rede Ferroviária Nacional ordenou aos empreiteiros a supressão dos trabalhos relacionados com a plataforma da linha, assentamento de carris e construção da catenária, um investimento que rondaria os 13 milhões de euros, motivando uma onda de protestos e contestação por parte dos autarcas e da população dos concelhos servidos pelo Ramal da Lousã.

BE está céptico

Apesar da promessa do Governo, o Bloco de Esquerda do distrito de Coimbra considera que "o problema está longe de estar resolvido". "Existem ainda muitas incertezas quanto à retomada do projecto Metro Mondego tal como estava previsto", comenta o BE, lembrando as promessas e prazos que ficaram por cumprir. "É preciso (...) uma garantia clara de que o prazo de 2014 é mesmo para concretizar", afirma o BE , sublinhando que "não foi ainda adiantada qualquer data ou proposta para a realização do troço urbano da cidade de Coimbra, nomeadamente a Linha do Hospital".



Dão prioridade à Linha do Douro

Autarcas do Sousa e Tâmega querem verbas do TGV

● Os autarcas do Tâmega e Sousa defendem que vários projectos na região sejam financiados por fundos da União Europeia (UE) que têm sido apontados para grandes obras, como a linha ferroviária de alta velocidade.

O presidente da Câmara de Penafiel, Alberto Santos (PSD), e o autarca de Baião, José Luís Carneiro (PS), disseram ontem à Lusa que, se alguns dos grandes projectos não avançarem devido à crise orçamental do país, eventualmente a ligação de alta velocidade Porto-Vigo, os recursos financeiros devem ser reafectados para pequenas obras que promovam a coesão territorial.

José Luís Carneiro referiu que essa possibilidade tem vindo a ser analisada na região em articulação com a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDRN). Segundo o autarca socialista, está já definido um conjunto de obras na região, cuja execução tem sido retardada, que "poderá avançar se houver vontade política". Alberto Santos revelou à Lusa que já foram enviadas cartas ao primeiro-ministro, ao ministro das Obras Públicas e à Estradas de Portugal a manifestar a posição da região.

No caso do Tâmega e Sousa, o IC35 entre Penafiel e Entre-os-Rios, o IC26 entre Amarante e Mesão Frio, a ligação de Baião à Ponte da Ermida e a electrificação da Linha do Douro entre Caíde (Lousada) e Marco de Canaveses são os projectos prioritários.

Estas e outras obras consideradas estruturais na região, e para as quais já foram dados passos em termos de projecto, estão há muito prometidas, mas a sua execução tem sido sucessivamente adiada, apesar dos protestos dos autarcas e das populações.

O presidente da Câmara de Penafiel, Alberto Santos, defende, por seu turno, que os autarcas do Conselho Regional do Norte devem unir-se, exigindo que o dinheiro seja investido em projectos de proximidade que promovam a coesão.

Eros Porto 2011 Salão Erótico do Porto celebra a sexualidade sem tabus



FERNANDO VELUDO/NFACTOS

● **De saltos altos e *lingerie* arrojada, os corpos esbeltos dançavam, enquanto os visitantes tiravam fotos. Ontem, o Pavilhão Multiusos de Gondomar transformou-se, mais uma vez, numa arena de erotismo que, até domingo, "promete fazer esquecer qualquer crise", como disse o responsável pelas relações públicas do evento, Francisco Freixinho. A quarta edição do Eros Porto 2011 traz as principais novidades da sexualidade e do entretenimento para adultos, contando com cerca de uma centena de artistas (nacionais e internacionais) para o efeito. Luzes baixas e música alta compõem a atmosfera do espaço que se assemelha a um clube de *strip* gigante, com alguns extras: aulas de sedução, consultas de sexologia, massagens tântricas, áreas de *swing*, de fetiche e o Estúdio X, onde os visitantes podem assistir à gravação de um filme pornográfico. D.P.S.**

Economia

Turismo nuclear em Tchernobil, 25 anos depois http://fugas.publico.pt

Portway recupera dos prejuízos e rouba mais mercado à rival Groundforce graças às *low cost*

Raquel Almeida Correia

Empresa de *handling* da ANA fechou 2010 com lucros acima de dois milhões de euros e uma quota de 32 por cento. Mas há muita incerteza em relação a 2011

● A Portway recuperou dos prejuízos de 2009, ao apresentar lucros superiores a dois milhões de euros no ano passado. Esta viragem foi suportada pelas companhias de aviação *low cost*, responsáveis por 90 por cento do crescimento da operadora de *handling* detida pela gestora aeroportuária estatal ANA. A conquista de espaço à rival Groundforce, controlada pela TAP, mantém-se, com a quota de mercado a subir para 32 por cento.

O presidente da empresa, Carlos Madeira, justificou recentemente este resultado recorde, numa entrevista ao *Sol*, com "o desempenho dos clientes Ryanair e Easyjet". De facto, as companhias de aviação de baixo custo suportaram a viragem nas contas da operadora de *handling*. "As companhias *low cost* representaram cerca de 90 por cento do crescimento do número de voos assistidos", refere o relatório e contas da Portway, que, em 2010, prestou serviços a 40.867 voos (mais 5435 do que no ano anterior).

Esta subida reflectiu-se nas receitas da Portway, que alcançaram 51 milhões de euros, crescendo 14,3 por cento. No lado dos custos, houve um aumento de 9,1 por cento, que também é justificado pela contratação de 107 novos trabalhadores. Actualmente, emprega 1154 pessoas, tendo despedindo mais de 35 milhões de euros em gastos com pessoal, em 2010.

No relatório e contas, a operadora de *handling* destaca que estes custos não sofreram um incremento maior porque foi impedida de actualizar salários, na sequência das regras impostas pelo Governo às empresas públicas, no Orçamento do Estado para 2011. Uma decisão que foi tomada "contrariamente ao seu desejo", refere a empresa.

Groundforce perde quota

O crescimento da operadora da ANA tem tido um impacto negativo sobre a rival Groundforce, detida pela TAP. No ano passado, a Portway atingiu uma quota de mercado de 32 por cento, roubando três pontos percentuais à concorrente. Uma transferência mais visível em Faro e no Porto, onde as *low cost* têm investido.

O encerramento da escala da Groundforce em Faro, que só se efectivou no início deste ano, não é considerado benéfico pela Portway. "Esta situação - apesar de temporariamente gerar um aumento de receitas, não é positiva, face ao enorme desafio operacional que se levanta para 2011", refere a empresa. Isto porque a operação algarvia é muito sazonal e, para responder ao pico do Verão, a operadora terá de investir em pessoal e equipamentos, por exemplo.

Um esforço que poderá não compensar tendo em conta que, com a saída da rival, é obrigatório o lançamento de um concurso público para colocar uma nova empresa de *handling* em Faro. E esta é uma das preocupações da Portway para este ano, já que teme a "entrada de novos *players*", o que "poderá trazer novos factores de incerteza", afirma. Além disso, 2011 é o ano de renovação da licença de actividade e de contratos com clientes "com largo peso no volume de facturação".

Low cost dominam

Companhias pesam 77 por cento na operação

As companhias de aviação *low cost* já pesam 77 por cento na operação da Portway, que, em 2010, assistiu perto de 41 mil voos. As transportadoras aéreas tradicionais têm vindo a perder terreno, valendo agora 14,7 por cento. E os restantes 8,7 por cento são da responsabilidade dos cargueiros. A operadora de *handling* da ANA esteve sempre muito ligada às companhias de baixo custo e tem sido, por isso, acusada de as beneficiar, praticando preços mais reduzidos. Esta é, aliás, uma das justificações repetidas para explicar o declínio da Groundforce, especialmente em Faro. E à qual acresce o facto de as *low cost* terem vindo a usufruir de incentivos à criação de novas rotas, patrocinados, em parte, pela gestora aeroportuária estatal ANA.

Chama-se Under Siege, é o primeiro videojogo português para a Playstation e já está disponível *online*

David Silva

● A Sony deu finalmente luz verde. O Under Siege, o primeiro videojogo desenvolvido em Portugal, está a partir de hoje na loja virtual da consola PS3, a PlayStation Store. Trata-se de um videojogo de estratégia, passado na Idade Média e com recurso a elementos do universo do fantástico.

Filipe Pina, um dos seis sócios fundadores da SeedStudios (sediada no Porto) e produtor do jogo, explica a escolha do *online*: "Antes do Under Siege, produzimos jogos para a Nintendo DS. Por isso, temos experiência do mercado de retalho, que reúne tantos intermediários que acabamos por perder a ligação com o consumidor. Não sabemos especificamente o que se está a passar, se vende bem se vende mal, a nível de marketing não temos controlo nenhum, e o contacto com o utilizador também é nulo."

Por isso, desta vez, Filipe Pina decidiu converter a empresa também em editora. Sem capacidade financeira e logística suficiente para se tornar em uma editora física internacional, a única maneira de o fazer foi de forma virtual: "Ao ser *online* - o chamado *self-publishing* - cortam-se os intermediários todos e falo apenas, e directamente, com a Sony, que passa a ser o único intermediário entre mim e o consumidor."

Os cerca de 1,4 milhões de euros investidos neste projecto vieram dos sócios (Norhold e da Linha da Terra - Studios), da banca e do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas (IAPMEI) que aceitou a candidatura da SeedStudios, subsidiando 300 mil euros do investimento total do projecto, explicou o produtor.

"Fomos a primeira produtora de videojogos em Portugal a fazer uma coisa dessas, o que foi um processo engraçado para eles (e para nós), porque é uma área de investimento relativamente desconhecida no nosso país", explicou Filipe Pina.

Em produção desde Abril de 2008 e pronto desde finais de 2010, o jogo encontrava-se em "fila de espera" enquanto a Sony via e revia o Under Siege, para reduzir ao mínimo os *bugs* (erros de programação) que pudessem prejudicar o lançamento.

O título recebeu entretanto críticas positivas da imprensa especializada um pouco por todo o mundo e, em Portugal, ganhou o Grande Prémio da Zon em Criatividade em Multimédia.

A equipa responsável pelo projecto chegou aos 20 elementos, mas a produtora SeedStudios começou com apenas três amigos. Filipe Pina, Bruno Ribeiro e Jeffrey Ferreira trabalhavam juntos desde 2002 e, em 2006, avançaram com o projecto com a certeza de que "estavam prontos para a produção de videojogos" disse o produtor.

Com mais três sócios decidiram instalar-se na Rua Ferreira Borges, no Porto, para arrancar com a SeedStudios e, desde então, a empresa já conta com três títulos no currículo: Sudoku for Kids, com vendas nos EUA e Canadá, o Toyshop para a Nintendo DS e, agora, o Under Siege. Com vontade de "arriscar um pouco mais" e criar "um jogo superior", a equipa decidiu avançar com o projecto para a consola da Sony, explicou o fundador da SeedStudios.

A custar 14,99 euros (em Portugal e Europa), o Under Siege vai competir com os grandes da indústria dos videojogos que, com suportes físicos tradicionais, chegam a custar três e quatro vezes mais do que este jogo.

YURIKO NAKAO/REUTERS



Desenvolver o projecto custou 1,4 milhões de euros

Novo portal vai revelar informação sobre empresas

Mariana Oliveira

● A partir de hoje os cidadãos terão mais um serviço disponível *online* e de forma gratuita. Chama-se Portal Estatístico de Informação Empresarial (www.estatisticasempresariais.mj.pt) e permite consultar estatísticas de empresas portuguesas com base em informação extraída de várias bases de dados públicas. O ministro da Justiça, Alberto Martins, preside hoje à sessão de apresentação do portal, no Campus de Justiça de Lisboa.

A informação abrange sociedades, cooperativas, associações, fundações, sucursais, empresas do sector empresarial do Estado, num total de cerca de 600 mil entidades. "O portal disponibilizará, de uma forma simples e intuitiva, estatísticas diversificadas acerca das empresas portuguesas, construídas com base em fontes fidedignas e actualizadas e visualizadas de forma clara e precisa", descreve o Ministério da Justiça, numa nota.

Os dados disponíveis são extraídos das declarações da Informação Empresarial Simplificada (IES), do Ficheiro Central de Pessoas Colectivas e da Base de Dados do Registo Comercial. A concepção do *site* resulta do trabalho conjunto do Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça e do Instituto dos Registos e Notariado. A informação é fornecida em diferentes tipos de gráfico e também em tabela, permitindo a exportação de dados para formato PDF ou Excel. Há ainda um mapa de Portugal que é preenchido de acordo com as pesquisas efectuadas.

600 mil

A informação disponibilizada abrange um universo de cerca de 600 mil entidades públicas e privadas

O presidente da Associação Comercial do Porto, Rui Moreira, considera que este tipo de serviço simplifica muito a vida das empresas, que, por vezes, não sabem sequer onde ir buscar estes dados, normalmente espalhados por vários organismos do Estado. "Quer na compra de serviços, quer na venda, estas informações permitem conhecer melhor o mercado em que se trabalha", afirma Rui Moreira, que hoje participa no debate *O Registo como Fonte de Informação para a Actividade Económica*. Ana Sommer, directora do Registo Nacional de Pessoas Colectivas, nota, por seu lado, que esta informação "pretende constituir mais um contributo para o conhecimento e análise da actividade empresarial portuguesa", nomeadamente para as entidades que "têm, no âmbito das suas atribuições, a responsabilidade de controlar e regular a actividade económica das pequenas e médias empresas".

JAPAN WEEK (VÍDEO):

http://videos.publico.pt/Default.aspx?Id=e72a7d53-5110-4fce-9c7e-9e69a5ab8b7f

ou

http://vimeo.com/17101503